

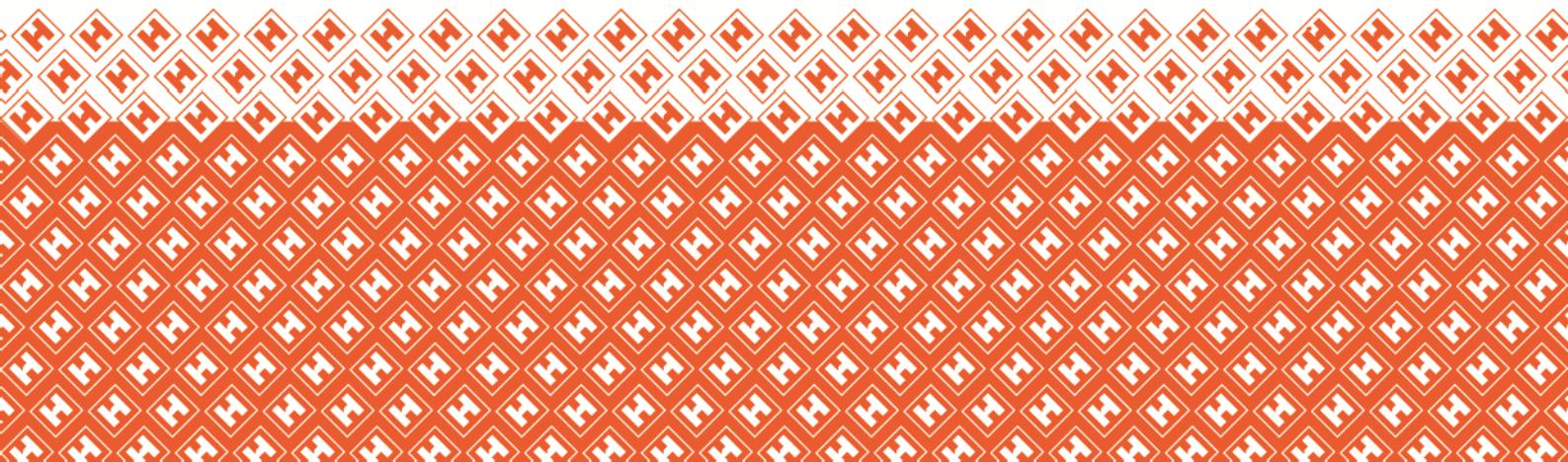


RODRIGO PEREIRA FALCÃO

**SOBRE O TEMPO:
NOÇÕES DE
TEMPORALIDADE NO
ENSINO MÉDIO
ATRAVÉS DE CANÇÕES
POPULARES
BRASILEIRAS**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Novembro / 2018





**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL - PROFHISTÓRIA**

**SOBRE O TEMPO: NOÇÕES DE TEMPORALIDADE NO ENSINO
MÉDIO ATRAVÉS DE CANÇÕES POPULARES BRASILEIRAS**

RODRIGO PEREIRA FALCÃO

*Sob a Orientação do Professor
Felipe dos Santos Magalhães*

Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Ensino de História como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre em Ensino de História**.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento
Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F 178s Falcão, Rodrigo Pereira, 1982-
SOBRE O TEMPO: NOÇÕES DE TEMPORALIDADE NO ENSINO
MÉDIO ATRAVÉS DE CANÇÕES POPULARES BRASILEIRAS /
Rodrigo Pereira Falcão. - 2018.
123 f.

Orientador: Felipe dos Santos Magalhães.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, ProfHistória, 2018.

1. Ensino de História. 2. Ensino Médio. 3.
Temporalidade. 4. Canção popular. I. Magalhães,
Felipe dos Santos, 1973-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. ProfHistória III.
Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL - PROFHISTÓRIA

RODRIGO PEREIRA FALCÃO

Dissertação como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ensino de História**, no Curso de Pós-Graduação em Ensino de História, área de Concentração em Programa de Pós-Graduação em História, ProfHistória.

Dissertação aprovada em _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. Felipe dos Santos Magalhães

PRESIDENTE - ORIENTADOR

PROF(a). DR(a). Regina Maria de Oliveira Ribeiro (UFRRJ)

MEMBRO INTERNO

PROF(a). DR(a). Márcia Ramos de Oliveira (UDESC)

MEMBRO EXTERNO

AGRADECIMENTOS

Quero dar graças a Deus, por ter me guiado, me sustentado e por ter me permitido ter chegado até aqui.

A minha família, especialmente na figura da minha mãe e da minha irmã, por estarem sempre a meu lado me animando e me incentivando em meus desafios.

Ao Professor Doutor Felipe dos Santos Magalhães (UFRRJ) por ter aceitado ser meu orientador, pela grande contribuição e presença, me indicando e sugerindo caminhos que foram fundamentais na construção desse trabalho.

A Professora Doutora Maria da Glória de Oliveira (UFRRJ) pela contribuição na construção do meu projeto de pesquisa, pelas sugestões e, principalmente, nas dicas sobre escrita acadêmica.

As professoras da minha banca de qualificação, Professora Doutora Regina Ribeiro (UFRRJ) e Professora Doutora Helenice Rocha (UERJ) pelas sugestões valiosas para construção desse trabalho.

Aos meus alunos, especialmente aos que participaram desta pesquisa, pelo empenho e parceria, por me fazerem acreditar que é possível acreditar numa educação pública de qualidade. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

FALCÃO, Rodrigo Pereira. **Sobre o tempo: noções de temporalidade no ensino médio através de canções populares brasileiras.** Dissertação: Mestrado Profissional em Ensino de História. Área de concentração: Ensino de História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

Este trabalho apresenta uma pesquisa sobre o ensino e a aprendizagem da história escolar e tem como finalidade investigar a possibilidade de se ensinar noções de temporalidade para alunos do Ensino Médio com o auxílio de canções populares brasileiras. A proposta nesta pesquisa consiste em discutir as possibilidades e usos da canção popular brasileira no ensino de História, analisando a produção teórica sobre o tema, elaborar uma sequência didática que permita trabalhar noções de temporalidades, com alunos do Ensino Médio, através de canções previamente selecionadas, a ser aplicada no CIEP 156 Dr. Albert Sabin, situado em Seropédica – RJ, e analisar os resultados dessa experiência. Buscando refletir sobre como ampliar as formas de se tratar a questão do tempo na sala de aula, construindo o conhecimento histórico escolar considerando o conhecimento prévio dos alunos e suas sensibilidades e, com isso, reafirmando o espaço da escola como um local importante de produção de saberes.

Palavras Chave: Ensino de História, Ensino Médio, Temporalidade, Canção Popular.

ABSTRACT

This work presents a research on teaching and learning of the school subject History and aims to investigate the possibility of teaching notions of temporality to high school students using popular Brazilian songs. The research consists of discussing the possibilities and uses of the Brazilian popular song in the teaching of History, analyzing the academic production on the theme, elaborating a didactic sequence to work notions of temporalities to be used with students of High School, using previously selected songs, to be applied at CIEP 156 Dr. Albert Sabin, located in Seropédica - RJ, and analyze the results of this experiment. This work aims to study forms of broaden the ways of dealing with the question of Time in the History classroom, building a historical knowledge considering the students' former knowledge and their sensibilities, and confirming school as an important place of knowledge production.

Key Words: History teaching, High School, Temporality, Popular Song.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. HISTÓRIA, CANÇÕES E SALA DE AULA:.....	15
1.1. A canção na minha trajetória pessoal e acadêmica:	16
1.2. A canção como objeto da História:	20
1.3. A canção e o Ensino de História:	24
1.4. A canção e o livro didático de História:	32
1.5. A canção como documento mediador:	36
1.6. Novos estudos: os usos possíveis:	42
2. ENSINO DE HISTÓRIA, TEMPORALIDADE E CANÇÕES:.....	55
2.1. O Tempo, a História e o seu Ensino:.....	55
2.2. Questionamentos envolvendo a abordagem do tempo na sala de aula de História:.....	59
2.3. Escolhendo canções para refletir:	63
2.4. A construção de uma sequência didática:	67
2.5. Os desafios de uma proposta:.....	68
3. ANALISANDO A SEQUÊNCIA DIDÁTICA E A SUA APLICAÇÃO:	70
3.1. A metodologia e o público:	71
3.2. Ouvindo as canções:	75
3.3. Os dados produzidos:	78
3.4. A percepção dos alunos quanto à música e ao ensino das temporalidades na aula de História:.	83
3.5. Refletindo sobre o tempo ouvindo as canções:.....	91
3.6. Discutindo possibilidades:	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	110
ANEXO A – LETRAS UTILIZADAS COM OS ALUNOS EM SALA DE AULA:	114
ANEXO B – QUESTIONÁRIO UTILIZADO COM AS TURMAS:	117

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	119
--	------------

INTRODUÇÃO

O ato de tornar-se professor é muito mais que concluir uma graduação e pegar um diploma de licenciatura em uma determinada disciplina, é preciso construir-se professor no contato diário com os alunos em sala de aula. A prática é fundamental para que toda teoria aprendida na formação ganhe sentido e funcionalidade no cotidiano pedagógico. Tornei-me educador antes mesmo de concluir a graduação.

Meu primeiro trabalho como docente foi como contratado na Prefeitura de Seropédica fiquei dez anos nesse emprego, mas durante esse período trabalhei em outras redes mediante aprovações em concursos públicos. Hoje, posso duas matrículas, uma na rede estadual de ensino, atuando em Seropédica, no CIEP 156, Dr. Albert Sabin e uma na rede municipal do Rio de Janeiro, lecionando no bairro de Santa Cruz, na Escola Municipal André Vidal de Negreiros.

As exigências que a realidade do trabalho docente no Brasil nos impõe em grande parte do tempo não nos permite articular a rotina de lecionar em mais de uma escola, com várias turmas diferentes, com uma formação continuada adequada, tão necessária para a atualização e, principalmente, para uma reflexão teórica e crítica sobre nossa própria prática. Fazendo com que nós, professores, atuemos sem refletir, apenas reproduzindo práticas e metodologias sem meios para conseguir avaliar se o procedimento e os resultados são suficientes ou condizentes com as necessidades dos nossos alunos e, principalmente, com o entendimento de que a escola é produtora de conhecimento, não apenas uma mera reproduutora do que se produz na Universidade, como muitas vezes é difundido e se cristaliza no senso comum.

Dentro desse contexto, cabe reforçar a importância da articulação entre a necessidade da formação continuada dos profissionais da educação com o entendimento da escola como ambiente de produção de saberes. Vários autores, como André Chervel, endossam a crítica à visão do senso comum, de que a escola seria apenas uma mera reproduutora do conhecimento acadêmico. Para o autor, a escola produz um saber específico, esse saber não é, de fato, nem superior, nem inferior ao acadêmico, apenas diferente, e negar a sua existência seria ignorar a sua influência sociocultural.¹

Entender a escola e o papel do professor desta forma nos condiciona a adotar

¹ Ver CHERVEL, André. A História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: **Teoria & Educação**. Porto Alegre, n. 2, 1990.

uma postura crítica sobre a própria atuação docente em sala de aula, uma vez que a atuação irrefletida, que a condição exaustiva que a profissão, muitas vezes impõe, impede que nos atualizemos com a necessidade e a regularidade que seria exigido.

Pude sentir essa realidade na pele, só após dez anos de formado e de me consolidar na carreira do magistério pude buscar uma formação continuada que me permitisse refletir teoricamente sobre a minha prática. A demissão do meu primeiro emprego me permitiu ter tempo e expectativa e o Mestrado pode ser considerado como algo possível dentro da minha rotina.

Um fator decisivo para isto foi meu envolvimento no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Atuando como supervisor do programa na minha escola, o CIEP 156, pude receber os licenciandos em História da UFRRJ e, com isso, me reaproximar do ambiente acadêmico e sua produção e me familiarizar com as reflexões e inquietações que os bolsistas do programa traziam para minha sala de aula.

Consegui desenvolver um olhar crítico para minha própria prática através do estranhamento dos bolsistas sobre os métodos usualmente aplicados e as organizações curriculares que nem sempre parecem coerentes. Isso foi um combustível importante para perceber que era hora de parar e repensar minha forma de ser professor e para meu engajamento numa busca por uma formação continuada que me permitisse explorar e desenvolver meus questionamentos e reflexões sobre meu fazer pedagógico.

O ProfHistória me pareceu uma escolha lógica, pela sua proposta e pela flexibilidade de atender justamente professores com horários e demandas diferenciadas. O contato com a Universidade Rural, que o PIBID proporcionou, também me auxiliou a esclarecer minhas dúvidas e a optar por esse caminho. Ao entrar no programa muitas dúvidas sobre o que estudar se formaram. Eram muitos questionamentos e problematizações sobre a sala de aula, o que tornou difícil eleger uma trajetória de investigação para seguir.

No entanto, nas aulas de Teoria da História, ministradas pelas professoras Maria da Glória de Oliveira e Rebeca Gontijo, pude pensar na articulação entre a música popular brasileira que foi meu tema de pesquisa na graduação e pelo qual sempre nutri interesse e o estudo da temporalidade no ensino de História, construindo assim meu objeto de investigação.

A questão do tempo e a sua delicada relação com a sala de aula sempre chamou minha atenção. A complexidade de se ensinar noções de temporalidade para alunos do ensino médio e a suposta falta de atenção de professores, currículos, livros didáticos e

programas de ensino fez com que a questão se tornasse central nos meus interesses. Por que, como conteúdo dos currículos de História, esse tema aparece apenas como introdução nos anos iniciais do ensino médio? Por que os professores de História resumem as discussões acerca do tema em muitos dos casos apenas construindo linhas do tempo? Como aprender História sem entender as complexas relações entre as ações humanas e o tempo? Como ensinar noções de temporalidade para alunos da educação básica, de forma satisfatória, superando todas essas adversidades? Essas eram algumas das indagações que contribuíram para que eu elegesse essa temática como meu objeto de estudo no mestrado.

A leitura de alguns autores da área da Teoria da História foi fundamental para o amadurecimento das reflexões sobre o tempo. Com Braudel aprendemos a pensar o tempo de forma estrutural, tripartido, sempre atento para as mudanças e permanências que as ações humanas engendram². Koselleck nos convida a pensar o tempo em “estratos”, pois “todos os âmbitos de vida e ação humanas contêm diferentes estruturas de repetição, que, escalonadas, se modificam em diferentes ritmos.”³ Já Hartog nos chama a atenção para o conceito de regime de historicidade, que segundo ele: “é apenas uma maneira de engrenar passado, presente , futuro ou de compor um misto das três categoriais”.⁴ Esses autores nos mostram como o tempo é uma complexa construção humana, com inúmeras possibilidades de se pensar a questão e que reduzi-la a uma única definição ou a um simples conteúdo curricular é um erro. É preciso aprender a perceber o tempo.

Sobre o ensino e aprendizagem das temporalidades, Sônia Regina Miranda salienta a importância de “se pensar que o tempo, em sua dimensão cultural e humana, é bem mais do que uma linha”, manifestando-se na vida humana “sob a forma de pequenas nuances, detalhes, elementos particulares cuja concretude depende de operações que fomentem sua cognoscibilidade”.⁵

Nesse sentido, superar as usuais formas de pensar e de ensinar sobre o tempo tornou-se uma necessidade. A utilização da canção popular brasileira, como suporte nessa tarefa, pode ser de grande auxílio. Objeto cultural de grande apelo e aceitação

² BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. São Paulo: Editorial Presença, 1990.

³ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre História**. Tradução Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014. p. 14.

⁴ HARTOG, François. **Regimes de historicidade. Presentismo e experiência do tempo**. Trad. Andréa Souza de Menezes [et al.]. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 11.

⁵ MIRANDA, Sônia Regina. Temporalidades e cotidiano escolar em redes de significações: desafios didáticos na tarefa de educar para a compreensão do tempo. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 4, 2013, p.56-57.

entre os alunos da educação básica, também pode ser um instrumento pedagógico importante na tarefa de trabalhar noções de temporalidades para alunos do Ensino Médio.

Existem inúmeras formas de se estabelecer relações entre o uso de canções populares e o ensino de História. As canções podem ser lidas como meros documentos textuais, desvinculando-se letra e música. Essa metodologia, embora usual, é geralmente muito criticada por especialistas que pesquisam o uso da canção em sala de aula, pois estes não consideram as canções em sua totalidade, com forma e conteúdos próprios.⁶

As canções podem ainda serem utilizadas como mediadoras na construção de conceitos e conhecimentos históricos pelos alunos e professores. Pensada como fonte histórica e ferramenta pedagógica, ela deixa de ser apenas ilustração e pano de fundo para as aulas de História, passando a se tornar central no processo de mediação e construção do conhecimento e abrindo novas possibilidades para seu uso.⁷

Graças à riqueza cultural do nosso país, é possível dispor de canções que tenham o tempo como tema da sua poética, ou exprimam as noções de antigo e novo pela forma com que foram produzidas. Existem ainda aquelas que, na sua execução, podem exprimir o tempo através do ritmo ou de uma narrativa e uma série de outras possibilidades.⁸

Esta pesquisa pretende refletir sobre o uso da canção como ferramenta pedagógica capaz de despertar as sensibilidades dos alunos para pensar noções de temporalidade para além da linha do tempo tradicional. Desta forma, utilizaremos duas canções específicas. São elas: “*Diário de um detento*”, do grupo de rap Racionais Mc’s, e “*Cotidiano*” de Chico Buarque de Hollanda. Essas canções, através de sua musicalidade e conteúdo, apresentam percepções do tempo de forma muito singular e interessante. Nós buscaremos meditar sobre essas percepções, relacionando com as próprias temporalidades dos alunos em sala de aula.

No primeiro capítulo desta dissertação, buscarei articular a importância da canção popular na minha trajetória pessoal e profissional com a investigação dos usos

⁶ AMARAL, Maria Cecília; D'EUGÊNIO, Napolitano Marcos. Linguagem e canção: uma proposta para o ensino de História. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, nº 13, v. 7, set. 86/fev. 87, p. 177-188.

⁷ Ver XAVIER, Érica da Silva. O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico: a canção como mediador. **Revista Antíteses**, vol. 3, nº 6, jul.-dez. de 2010; e Ver ZAMARIAN, Julho A **Canção como Mediadora Cultural no processo de produção do conhecimento histórico em sala de aula**. Londrina-PR, 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Mestrado em História Social, UEL, 2011.

⁸ Este trabalho concebe e utiliza a canção como a conhecemos, nos séculos XX e XXI, através do mercado fonográfico e das mídias físicas e digitais.

possíveis da música, tanto como fonte e objeto da História, tanto como ferramenta pedagógica. Refletindo sobre os estudos que pensaram as possibilidades de relação do tema com o Ensino de História, cogitando formas de utilização da canção numa metodologia que considere os conhecimentos e as sensibilidades dos alunos e não a conceba como uma mera ilustração dos conteúdos, mas sim como uma aliada potencializadora na construção do conhecimento histórico escolar.

No segundo capítulo, meditaremos sobre a questão das temporalidades na sala de aula, buscando refletir teoricamente sobre a construção de uma sequência didática que nos permita discutir noções de temporalidade junto com os alunos do Ensino Médio, do CIEP 156 Dr. Albert Sabin, tendo como auxílio e suporte o uso de canções populares, já que consideramos que, como ferramenta pedagógica, ela pode ser de grande valia na hora de discutir um assunto tão abstrato e complexo como este junto com os estudantes.

No terceiro capítulo, analisaremos a aplicação e os resultados produzidos por esta sequência didática, ponderando erros e acertos e discutindo a importância e a possibilidade de considerar esta metodologia como uma alternativa para construir o conhecimento histórico junto com os alunos em sala de aula.

De uma forma geral, podemos dizer que o objetivo geral desta pesquisa seja refletir sobre as possibilidades de se ensinar noções de temporalidade para alunos do Ensino Médio, por meio do uso de canções populares brasileiras. Considerando a escola como um espaço de produção de saber, uma vez que os alunos, junto com os professores têm a capacidade de produzir conhecimento histórico e não só reproduzi-lo. Para tal, é preciso elaborar uma metodologia que considere os conhecimentos prévios dos alunos e que não os trate como meros atores coadjuvantes no processo de ensino aprendizagem.

1. HISTÓRIA, CANÇÕES E SALA DE AULA:

“As canções nos fazem pensar”. A fala sempre escutada quando, como professor, indago meus alunos sobre a possibilidade de tratar de algum tema referente à História, em sala de aula, com o auxílio musical, nos dá bem a dimensão da importância que ela assume, não só no universo da sala de aula, mas na vida dos alunos, e dos brasileiros, de uma forma geral.

Produto cultural complexo e multifacetado, a canção popular, no Brasil, constituiu-se como uma expressão privilegiada de nossos dilemas nacionais e utopias sociais, ao longo de todo século XX. É possível articular diversos momentos da História do Brasil com as canções que dominavam o imaginário popular e o mercado, na época em que foram produzidas. Isso ocorre devido à difusão e ao fácil acesso ao som e às sonoridades que os meios de comunicação de massa possibilitaram ao longo de praticamente todo o século passado até os dias de hoje. As canções estão no rádio, nos discos, nas novelas, no cinema, no teatro e, ultimamente, na internet, em vídeos no *Youtube* e em programas de *streaming*, como *Spotify* e similares. O que nos possibilita estabelecer um elo de proximidade com esse artefato da cultura popular, como talvez com nenhum outro ao longo desse período.

Seja analisando a poética, as melodias ou o contexto onde foram produzidas, as possibilidades que pensar as canções oferece, nos abre um leque de possibilidades para esmiuçarmos as relações que elas estabelecem com o nosso cotidiano, com o fazer histórico e com a construção do conhecimento histórico em sala de aula.

Nos debruçarmos sobre o que foi dito e pensado por acadêmicos e intelectuais sobre o assunto é quase um imperativo. Mas, antes disso, é preciso entender a música como uma construtora de sensibilidades e até mesmo de identidades. Nossa atuação como indivíduos sociais, como alunos, professores e pesquisadores é muito permeada pelas vivências que nos compõem como tal. Desconsiderar este fato é ignorar as motivações que nos fazem agir e ser o que somos.

Desta forma, tomar a canção como ponto de partida para refletir sobre a minha construção como pessoa, aluno, historiador e professor não é nenhum absurdo. Olhar pra a própria trajetória e entender as motivações que nos fazem adotar determinadas posturas pode desencadear um processo que pode ser transformador. Tanto pessoal como profissionalmente. Aumentemos o som!

1.1. A canção na minha trajetória pessoal e acadêmica:

A música sempre fez parte da minha vida. Desde as minhas mais antigas memórias até os dias de hoje, sempre que me recordo de momentos e situações, quase que imediatamente, realizo uma associação com músicas e canções. Quando busco as mais longínquas recordações da minha infância, sempre há um rádio ligado, tocando, invariavelmente, canções populares.

Eu nasci em Itaguaí, estado do Rio de Janeiro, mas com apenas um mês de idade, cruzei o país de ônibus, rumo a São Luis do Maranhão, onde passei os primeiros cinco anos da minha vida. Conhecida como “Jamaica brasileira”, a capital maranhense é uma cidade extremamente musical e eclética, onde era possível se escutar de tudo, o tempo todo. Meu primeiro contato com a cultura escolar se deu por lá. Onde a musicalidade local imprimiu em mim lembranças indeléveis. Mostrando-me que a música, no seu despertar de sensibilidades, pode atuar como um fator de potencialização cognitiva poderosíssima. O bumba meu boi, tradicional festa do folclore maranhense, e sua musicalidade única é uma das primeiras lembranças que trago comigo.

Por conta do trabalho do meu pai, que atuava em uma firma de construções e montagens, aos cinco anos, fui obrigado a me mudar com toda minha família. Dessa vez, rumo a Bahia, para cidade de Paulo Afonso, onde residi por dois anos. Nesta cidade realizei a pré-escola e me alfabetizei, lá tive contato com outra localidade impregnada de uma musicalidade muito intensa.

Aos sete anos, nos mudamos mais uma vez, dessa vez rumo a Seropédica, que ainda pertencia ao município de Itaguaí, vindo a se emancipar alguns anos mais tarde. Nesta cidade, cursei toda Educação Básica, traçando toda minha vida estudantil nas escolas da região. Estudando nas redes municipal (E.M. Olavo Bilac – 1^a a 4^a série), particular (Colégio Fernando Costa – 5^a a 8^a série) e federal (CTUR – Ensino Médio).

Analisando esta minha trajetória escolar percebo que a música esteve presente nos mais variados momentos. Na educação infantil, desde as canções de socialização, onde demarcávamos os inúmeros momentos da rotina escolar. Tais como: canção de chegada na sala de aula, do momento de lanchar, da hora de ir embora. Até canções utilizadas como suporte para ministrar conteúdos específicos das variadas disciplinas. É impossível mensurar a capacidade da música e da canção de ser utilizada nos mais variados momentos na cultura escolar de uma forma geral.

Diversos estudos na área da psicopedagogia apontam formas de utilização da

música no auxílio do desenvolvimento dos educandos, seja nas funções psicomotoras, seja no desenvolvimento psicosocial e cognitivo, a música atua nas diversas fases do desenvolvimento educacional. Especialistas afirmam que:

A música pode contribuir para a formação global do aluno, desenvolvendo a capacidade de se expressar através de uma linguagem não-verbal com os sentimentos e emoções, a sensibilidade, o intelecto, o corpo e a personalidade [...] a música se presta para favorecer uma série de áreas da criança. Essas áreas incluem a ‘sensibilidade’, a ‘motricidade’, o ‘raciocínio’, além da ‘transmissão e do resgate de uma série de elementos da cultura’.⁹

No entanto, é nos usos que a canção adquire nas aulas de História que esse trabalho se debruça. E a música auxiliou muito o aluno que fui a se interessar pela disciplina e na minha formação como futuro historiador e professor. Durante toda educação básica a utilização da canção esteve presente em diversos momentos nas aulas de História. Refletir sobre como meus professores utilizaram essa ferramenta e, principalmente, a forma como me recordo dessas aulas dão, um pouco, a dimensão do impacto que a canção assume na construção da minha trajetória como aluno e como indivíduo pensante.

Meus mestres, invariavelmente, utilizavam as canções como meros suportes pedagógicos para ilustrar determinados temas. Hoje, infelizmente, não tenho a possibilidade de indagar esses meus antigos professores sobre a intenção que tinham ao utilizarem as canções em sala de aula, mas duvido muito que se amparassem em alguma literatura específica que os instruissem sobre as formas e possibilidades da utilização das canções em seu planejamento pedagógico. Apenas achavam uma forma de se conectar a nós, adolescentes, utilizando tal artifício.

A ditadura militar no Brasil era um tema preferencial, lembro-me de várias vezes as canções de Chico Buarque, Geraldo Vandré, Caetano Veloso e outros ícones da canção de protesto nos “anos de chumbo” ilustrarem as aulas de História quando tal tema era trabalhado. No entanto, às vezes, alguns mestres utilizavam as canções para trabalharem outros temas, “Fábrica”, da *Legião Urbana*, canção do álbum “Dois” para trabalhar a Revolução Industrial ou o Samba Enredo do Império Serrano, de 1949, gravado nas vozes de Chico Buarque ou Elis Regina sob o título de “Exaltação à Tiradentes” para tratar do tema da Inconfidência Mineira são exemplos de que canções eram escolhidas e

⁹ DEL BEN, L.; HENTZSCHKE, L. Educação musical escolar: uma investigação a partir das concepções e ações de três professoras de música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 7, 2002. p. 52-53.

trabalhadas no meu tempo de estudante no final da década de 1990.

Um aspecto importante a ser ressaltado para nossa reflexão era a forma como essas canções eram utilizadas naquela época pelos meus professores. Não havia qualquer preocupação com a integralidade da canção, elas eram apenas meros documentos textuais a serem analisados em sala, desvinculadas de sua matriz sonora, de características de sua produção e do lugar que cada artista ocupava no momento de sua comercialização. O que importava era tão somente a letra das canções que deveriam evidenciar o tema a ser trabalhado através destas.

A melodia e toda questão da recepção que os alunos faziam do gênero musical, do artista e da obra, de uma forma geral ficavam em segundo plano. O que não nos impedia de realizar tal recepção involuntariamente. Despertando sensibilidades, refinando nossa percepção sonora e artística e construindo um gosto musical cruzando essas canções com nossas referências pessoais, o que acabava colaborando na construção de nossa própria identidade.

Interessante é perceber que essas experiências como aluno, que me marcaram, mesmo que o objetivo inicial não fosse esse, ajudaram a moldar, de certa forma, a minha própria forma inicial de lidar com a canção na sala de aula na minha atuação como professor. As primeiras vezes que utilizei o recurso para trabalhar determinado conteúdo em sala de aula com meus alunos através da canção foram justamente buscando inspiração em meus antigos professores. Deixando claro, como o professor que nós nos tornamos carrega muitas referências dos professores que nós tivemos. Uma preocupação com o método e com as possibilidades de usos que as canções poderiam adquirir no seu trato pedagógico na sala de aula só apareceria na minha trajetória muito mais tarde, através de leituras e com a própria escolha do meu objeto de pesquisa no mestrado.

Ainda utilizando a música e as canções para pensar minha trajetória formativa, a escolha da História, como curso, na época do vestibular, está muito associada a isso. A possibilidade que o curso oferecia de se pensar as trajetórias humanas através de sua produção artística e cultural, incluindo a música, foi decisiva na minha escolha. Prestei vestibular para UFRJ e fui aceito.

A minha caminhada acadêmica na graduação refletiu bem meus interesses na relação que a História pode assumir com as artes e os produtos culturais. Disciplinas como “História e Música”, “História e Cinema” e “História e Literatura” fizeram parte das escolhas que compuseram a minha grade ao longo do curso de Bacharelado e Licenciatura.

Ainda na graduação, participei de um Laboratório de História do Brasil com o professor e futuro orientador Marcos Luiz Bretas, onde a cada semestre variávamos entre estudos sobre a cultura popular brasileira e sobre a criminalidade no Rio de Janeiro, suas áreas de atuação e especialidade. Num destes períodos, onde pesquisávamos sobre cultura, decidi eleger como objeto de pesquisa da minha monografia, a música popular brasileira.

O desejo de pesquisar tal temática não se deu somente por conta do meu interesse e afinidade com a área, a minha caminhada no curso de formação de professores e o meu estágio no Colégio de Aplicação da UFRJ, indicavam que era possível aliar o meu prazer com as canções com o meu futuro trabalho como docente.

Ainda não havia cogitado que havia mais de uma possibilidade de se trabalhar as canções na sala de aula, só aquela que vivenciara, na minha trajetória como aluno, ao longo da educação básica, mas começava a perceber que refletir sobre como a relação entre a História e a música popular se construiu, ao longo do tempo, me ajudaria a tornar claro como as minhas motivações e anseios, tanto pessoais como profissionais poderiam caminhar juntas e se auxiliarem mutuamente.

Escolhi como objeto da minha monografia no curso de bacharelado pensar a obra do cantor e compositor Paulinho da Viola, como “lugar de memória” do samba. Pensar as canções, discos e a própria carreira do sambista articulando o conceito de “lugar de memória” do intelectual francês Pierre Nora foi um desafio que me fez mergulhar na relação que a música e as canções assumem com a História e como isso influencia e constrói nossas memórias e referências.

Antes mesmo de me formar, comecei a minha vida profissional atuando como professor contratado na Prefeitura Municipal de Seropédica, lecionando para turmas de 9º ano, na Escola Municipal Panaro Figueira. Esse trabalho acontecendo concomitantemente com as pesquisas para escrever a monografia me fizeram analisar e perceber que a articulação entre História, música popular e ensino de História não eram conteúdos separados e totalmente desconexos. Era possível pensar numa articulação. Assim como os historiadores perceberam que a música popular trazia, em si, inúmeras possibilidades de abordagens e interpretações para se acessar memórias de grupos sociais subalternos e até mesmo se constituírem como fontes e documentos históricos privilegiados para se conhecer determinadas épocas e contextos históricos, o conhecimento construído em sala de aula por alunos e professores também poderia ter como mediação a canção e toda a sua complexidade como objeto cultural. No entanto,

antes da tomada dessa consciência, era necessário esmiuçar o caminho percorrido pela canção para se tornar visível e atraente para os historiadores. Era preciso ouvidos atentos para escutar as vozes do passado e aprender com elas.

1.2. A canção como objeto da História:

Nas minhas pesquisas para elaboração da monografia, na graduação, comecei a analisar a trajetória da música popular como objeto da História. Descobri que os estudos envolvendo o tema eram relativamente recentes na historiografia brasileira. Apenas no final dos anos de 1970 a canção se tornou um tema presente nos programas de pós-graduação pelo país e, somente uma década mais tarde, é que houve um incremento nas pesquisas nas universidades¹⁰.

Muito do que era produzido e pensado sobre música popular, no Brasil, até então era oriundo de trabalhos jornalísticos que, apesar de não terem um compromisso metodológico e científico, trouxeram uma contribuição riquíssima para a preservação de uma memória sobre uma parte do passado da música popular. Quando a História se volta para a música é no afã de descobrir e utilizar novas fontes e metodologias para a construção do seu conhecimento. Um movimento de renovação que ocorre na historiografia como um todo. Entretanto, é preciso chamar a atenção para algumas dificuldades que vão surgindo neste percurso dos estudos sobre a música pelos historiadores.

A primeira delas é relativa ao próprio fazer histórico, de uma maneira geral. Trata-se da dificuldade da localização das fontes, a ausência e desorganização de arquivos específicos, a falta de especialistas e estudos sobre o tema e a escassez de apoio institucional dentre outras. A constituição de um campo de estudos sobre a música vai acontecendo lentamente, até os dias de hoje.

Outra dificuldade identificada que atrapalhou esse desenvolvimento era certo preconceito que existia contra a música popular dentro dos meios acadêmicos. José Geraldo Vinci de Moraes, ao analisar essa questão salienta que:

O universo popular, por exemplo, geralmente é esquecido pela

¹⁰ Ver NAPOLITANO, Marcos. **História e Música: História cultural da música popular brasileira.** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2001.

historiografia da música, e quando se refere a ele, reforça apenas as perspectivas românticas, nacionalistas ou folclóricas. Isto ocorre porque, de modo geral, ela está fortemente marcada por um paradigma historiográfico tradicional, normalmente associado àquela concepção de tempo linear e ordenado, em que os artistas, gêneros, estilos e escolas sucedem-se mecanicamente, refletindo e reproduzindo, assim, uma postura bastante conservadora no quadro da historiografia contemporânea¹¹.

Esta postura que entende a música popular como esse elemento estanque dentro dessa estrutura imobilizante e pré-concebida, em nada contribuiu para potencializar o desenvolvimento dos estudos sobre a canção popular. Era preciso repensar as relações que a música popular estabelece com os sujeitos sociais envolvidos e com o seu próprio tempo. Na sequência, o próprio autor aponta para uma possibilidade:

a música, sobretudo a popular, pode ser compreendida como parte constitutiva de uma trama repleta de contradições e tensões em que os sujeitos sociais, com suas relações e práticas coletivas e individuais e por meio dos sons, vão (re)construir partes da realidade social e cultural.¹²

Construir novas possibilidades de interpretação para a música e seu uso como fonte era um desafio que se impunha e os historiadores estavam preocupados com os cuidados que a demanda exigia. Não dava para simplificar a tarefa ou pensar numa metodologia reducionista que não compreendesse a música popular na sua integralidade. Marcos Napolitano, refletindo sobre a questão, nos alerta:

Chegamos num momento (...) em que não se pode mais reproduzir certos vícios de abordagem da música popular, sob o risco de não ser integrado ao debate nacional e internacional. Em minha opinião, esses vícios podem ser resumidos na operação analítica, ainda presente em alguns trabalhos, que fragmenta este objeto sociológica e culturalmente complexo, analisando ‘letra’ separada da ‘música’, ‘contexto’ separado da ‘obra’, ‘autor’ separado da ‘sociedade’, ‘estética’ separada da ‘ideologia’. (...) Minha perspectiva aponta para a necessidade de compreendermos as várias manifestações e estilos musicais dentro da sua época, da cena musical na qual está inserida, sem consagrar e reproduzir hierarquias de valores herdadas ou transformar o gosto pessoal em medida para a crítica histórica.¹³

Sobre a fala de Napolitano podemos destacar, inicialmente, dois aspectos que se

¹¹ MORAES, José Geraldo Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, vol. 20, nº 30. Dossiê: Brasil, Brasis, 2000. p.205-206.

¹² Idem. p. 212.

¹³ NAPOLITANO, Marcos. Op. Cit. p. 08.

relacionam com os estudos da música pelos historiadores e o seu uso, nas salas de aula, pelos professores de História. O primeiro deles é essa dicotomia ao se trabalhar a canção: vários trabalhos só valorizam uma dimensão da canção em detrimento da outra, “letra” separada de “música” ou “contexto” separado de “obra” são muito comuns, principalmente, quando ela é levada para a sala de aula. Compreender a canção na sua totalidade e construir uma metodologia que privilegie essa percepção é fundamental para que sejam exploradas todas as suas potencialidades seja como fonte histórica, seja como ferramenta pedagógica, já que um produto rico e complexo como esse, não deve ser encarado como apenas uma parte, sem considerar sua integralidade e o contexto onde foi produzido e consumido.

Outro aspecto importante para nossa reflexão é considerar a canção levando em conta apenas as hierarquias e valores herdados da própria historiografia ou até mesmo pelo senso comum e transformar o gosto pessoal em medida para crítica histórica. Muitos historiadores e professores cometem o equívoco de tratar ou escolher o material a ser trabalhado com base em critérios estéticos pouco objetivos ou apenas pelo simples gosto pessoal, sem observar a complexidade da questão.

É óbvio que muito da motivação que leva alguém a escolher a canção como objeto de pesquisa ou ferramenta pedagógica é sim o seu próprio gosto pessoal como pesquisado/professor/consumidor de música, todavia, devemos evitar a armadilha que nos impede de analisar a obra de arte somente por esses critérios. É necessário um entendimento que nos possibilite ultrapassar essas barreiras e, principalmente, no que se refere à sala de aula, construir uma metodologia que considere também os alunos e seus gostos e preferências, sobretudo na hora de escolher o material a ser trabalhado.

Sobre a construção de um método que nos permita trabalhar com a canção seja em trabalhos historiográficos, ou em sala de aula, é urgente uma reflexão que não nos leve a um empobrecimento do tema. Sobre isso, Napolitano aponta para:

a necessidade de confronto de diversas possibilidades teórico metodológicas, de acordo com a problemática construída pelo analista. Como complemento, enfatizo que a música esconde inúmeros níveis de realização social, tais como a criação artística, a produção sonora, a circulação econômica, a recepção comercial e a crítica.¹⁴

Contemplar esses “níveis de realização social” na hora de analisar e construir a

¹⁴ Idem. p.111.

forma de trabalho com a canção parece ser um caminho para evitar reducionismos no trato com a mesma. Grande parte dos usos que se fazem desconsideram aspectos como circulação econômica, recepção comercial e, principalmente, de se tratar a canção de uma obra artística, um artefato cultural capaz de despertar emoções e sensibilidades.

Ainda refletindo sobre métodos e possibilidades para se tratar o tema, é importante, além da questão material e histórica que envolve a canção, levar em conta a forma como ela é recebida e consumida. As relações que elas estabelecem com a memória coletiva e o gosto e a sensibilidade de quem a percebe. O que nos abre a perspectiva de conceber e construir várias alternativas, de acordo com os objetivos escolhidos.

Uma delas é atentar para os processos que envolvem os meios de comunicação, a indústria cultural e a forma como a canção é produzida, divulgada e consumida. Tentar compreender a relação entre música e mercado se torna, muitas vezes, elucidadora e vital do ponto de vista de perceber como funcionam os mecanismos que transformam a canção popular nesse produto cultural de apelo tão forte na sociedade contemporânea. Embora esse caminho não seja fácil de ser trilhado, Moraes refletindo sobre o tema sentencia que “o quadro histórico-social que gira em torno da música popular e dos meios de comunicação é bem mais complexo e carregado de ambiguidades e contradições que as aparências e assertivas fazem supor”.¹⁵

Perceber as contradições e ambiguidades que envolvem os trabalhos com a música popular e todo o seu quadro geral dentro da sociedade, como um todo, é essencial para não cometermos o engano de simplificarmos o entendimento e a complexidade que ela estabelece com os atores históricos dentro do seu tempo. A música precisa ser enxergada e compreendida dentro dos seus próprios parâmetros sem reducionismos e simplificações.

Sobre a experiência de se trabalhar com a música e a canção é preciso considerar todas as variáveis e especificidades que envolvem um produto que ao mesmo tempo em que é tão presente no nosso cotidiano é tão subestimado nos nossos estudos e pesquisas, seja nas universidades, seja nas salas de aula. José Geraldo Vinci de Moraes aponta para alguns aspectos fundamentais para este trabalho:

as questões aqui realçadas alcançaram pelo menos três aspectos relevantes para a reflexão do historiador que pretende trabalhar com a

¹⁵ MORAES, José Geraldo Vinci de. Op. Cit. p. 217-218.

canção popular: a linguagem da canção, a visão de mundo que ela incorpora e traduz, e, finalmente, a perspectiva social e histórica que ela revela e constrói.(...) tentando ultrapassar a tradicional concepção da história da música, elas preocuparam-se em refletir e organizar alguns elementos para compreender melhor as múltiplas relações entre a canção popular e o conhecimento histórico, pois é bem provável que as canções possam esclarecer muitas coisas na história contemporânea que às vezes se supõem mortas ou perdidas na memória coletiva.¹⁶

Esmiuçar essas proposições reflexivas e metodológicas são balizas norteadoras para qualquer trabalho com a música que procure contemplar sua integralidade e potencialidade. Afinal, não dá para conceber a canção sem levar em consideração a especificidade de sua linguagem e toda visão de mundo que ela trás em si própria, ou desconsiderar as relações com o meio social e com o seu próprio tempo e até mesmo com a construção do próprio conhecimento histórico, tanto nas universidades como nas escolas.

Essa perspectiva de que é possível conhecer determinados aspectos da história contemporânea que às vezes podem se supor mortas e ou perdidas na memória coletiva através da canção popular é motivo suficiente para que, não só a disciplina história se volte com mais atenção para o tema, mas o próprio ensino de história pode se beneficiar dessa relação entre a música popular e a memória coletiva para construção do seu conhecimento.

Após concluir a graduação e a pesquisa sobre Paulinho da Viola e sua relação com a música popular e a memória do samba, as indagações sobre as possibilidades que as canções poderiam assumir no meu trabalho docente me levaram a questionar como a questão estava sendo tratada pelos intelectuais que pensam a construção do conhecimento histórico dentro da sala de aula. Era preciso considerar a escola e seu cotidiano como um espaço de pesquisa. A música poderia se tornar uma aliada valiosíssima neste sentido. Era preciso seguir escutando.

1.3. A canção e o Ensino de História:

Assim como os estudos sobre a música popular e canção nas universidades são relativamente novos, a atenção dada ao tema, pelos pesquisadores da área de ensino de História são mais recentes ainda. Passando a figurar em estudos, de forma mais

¹⁶ Idem. p. 218.

constante e regular, a partir da década de 1980.

Neste sentido, um trabalho pioneiro e importante foi o de Marcos Napolitano, Maria Cecília Amaral e Wagner Cafagni Borja intitulado “*Linguagem e canção: uma proposta para o ensino de História*”, publicado em 1987, na Revista Brasileira de História. Neste artigo, os autores discorrem sobre questões teóricas que fundamentaram uma experiência de ensino numa escola pública de Taboão da Serra, São Paulo, apoiada na análise de canções populares, valorizando o trabalho com diferentes linguagens para o Ensino de História.

Um destes pressupostos metodológicos destacados diz respeito ao desafio de como encarar a canção como ferramenta pedagógica, dentro do contexto da sala de aula, sem descaracterizá-la como objeto cultural, obra de arte e produto de consumo. A problemática sugerida é “como estudar, desmontar o discurso estético, a linguagem da arte, sujeito e objeto artístico, autônomo e integrado, resguardando-lhes a magia sem instrumentalizá-los?”¹⁷

Os autores apontam para a necessidade de se refletir sobre a relação que a canção, como arte, estabelece com a indústria cultural e a comunicação (linguagem) de massa dentro da contemporaneidade. Só assim, segundo eles, é possível estabelecer procedimentos condizentes para o tratamento da canção na sala de aula.

Desta forma, a canção como obra de arte, portadora de um discurso estético e político, mas também de uma realidade histórica subjacente é passível de ser analisada e utilizada como ferramenta pedagógica na sala de aula, pois é:

Daí, que paixão e crítica não se anulam, mas dialogam no seio da linguagem. Por outro lado, a obra de arte possui elementos mais objetivos, sócio-históricos (quem produziu, como foi difundida, quem consumiu, qual a mensagem expressa, que gênero artístico. etc.), que constituem o primeiro momento da análise e que não podem ser negligenciados.¹⁸

Negligenciar estes aspectos é um erro que muitos trabalhos que abordam a temática cometem. É preciso ter em mente que, mesmo a canção, sendo entendida como obra de arte, não é um objeto inacessível e vedado ao uso na construção do saber escolar. Os autores ponderam que “no momento da desmontagem e análise da obra de arte, o receptor crítico descobre nela não só elementos da realidade social, mas a

¹⁷ AMARAL, Maria Cecília; D'EUGÊNIO, Napolitano Marcos. Op. Cit. p. 179.

¹⁸ Idem. p. 180.

tentativa de intervenção nesta mesma realidade”.¹⁹

Considerar os alunos (receptores críticos) como agentes de intervenção e transformação da realidade social é uma postura fundamental e um paradigma metodológico necessário. Não dá pra conceber uma metodologia que não considere os alunos desta forma.

Outro ponto importante a se destacar neste artigo é a forma como a canção é entendida para seu uso na escola. Vista como uma materialidade sonora, ela é compreendida na sua totalidade, não apenas como uma parte desconexa do seu todo, mas como portadora de uma mensagem poética e política, dotada de uma penetração social marcante enquanto arte/mercadoria. Segundo eles, vem:

Daí sua importância como documento sócio-histórico, proporcionalmente à sua significação social. Totalidade e materialidade sonora, que possuem uma sublinguagem que age no desejo, e uma linguagem que a constitui, e como tal deve ser analisada em sua totalidade e materialidade sonoras: linguagem, enfim, passível de leitura, e não desligada das influências da realidade social, o que permite a socialização desta leitura (resguardando as marcas individuais).²⁰

Esta forma de perceber a canção faz deste estudo um dos mais importantes e influentes, colaborando para o surgimento de várias pesquisas que valorizam os usos da canção popular para a construção do conhecimento histórico escolar dentro desta perspectiva. No entanto, está não é a única forma de perceber a canção, outras formas e estudos foram realizados apontando para outra direção.

Kátia Maria Abud, em artigo sobre o tema, sinaliza para um caminho que comprehende a utilização da canção popular, em sala de aula, observando somente as letras como evidências dos fatos históricos.²¹ Esta postura metodológica, como já foi vista, é muito comum nos meios que pensam a relação da música e do conhecimento histórico.

A autora constrói seu argumento refletindo sobre as diversas linguagens possíveis e utilizáveis pelos professores na hora de construir sua didática em sala de aula. Ela pondera que “dona de identidades próprias, as linguagens exigem uma

¹⁹ Idem. p. 181.

²⁰ Idem. p. 181.

²¹ Ver ABUD, Kátia Maria. Registro e Representação do Cotidiano: A música Popular na Aula de História. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 25, n° 67, set/dez. 2005. p. 312.

proposta didática e instrumental adequada para sua exploração nas aulas de história".²²

Abud acredita que estas linguagens, dentre elas a música, precisam possuir um tratamento teórico e metodológico adequado para poderem ser utilizadas. Ainda refletindo sobre isso, ela sentencia que:

as linguagens são pouco utilizadas para a formação, que só pode ocorrer quando a informação recebida se relaciona com um conjunto individual de esquemas e de estruturas mentais, que transforma a informação em conhecimento, em novos esquemas e novas estruturas que irão enriquecer o repertório cognitivo ou simbólico daquele que aprende. (...)Dessa maneira, a utilização das linguagens auxiliará na construção do conhecimento histórico do aluno, construção esta que passa por elaboração de operações mentais, para resultar em efeitos sociais.²³

Para elaborar tal metodologia, a autora se ampara nos conceitos de Rüsen, pois para ela: "Os efeitos sociais da aprendizagem de história se sintetizam e se consolidam na consciência histórica que, segundo Rüsen, é a forma de consciência humana que está relacionada imediatamente com a vida humana prática."²⁴

A forma como ela manipula e utiliza tais conceitos é bastante convincente, pois foca na aprendizagem dos alunos e na forma como eles formulam o próprio conhecimento dentro da sua realidade, tanto no seu dia a dia, como na escola. Entretanto, é passível de crítica, pois desconsidera a integralidade da canção.

Para a autora, a canção é vista somente como uma parte, onde as letras, por suas características específicas, servem ao fim de serem utilizadas para aplicação dos conceitos de Rüsen na construção da consciência histórica, definida pelo mesmo. Sobre esta forma de perceber a canção, ela é taxativa:

O registro, tratado como documento histórico em linguagem alternativa, é um instrumento para o desenvolvimento de conceitos históricos e para a formação histórica dos alunos, conduzindo-os à elaboração da consciência histórica, tal como Rüsen a concebe.²⁵

Consideramos que perceber a interação com a canção desta forma empobrece as possibilidades que esta relação oferece. A canção é muito mais que a mensagem poética. Os ritmos, os sons, os arranjos são capazes de despertar sensibilidades e formar

²² Idem. p. 311.

²³ Idem. p. 311.

²⁴ Idem. p.311-312.

²⁵ Idem. p. 313.

identidades que vão muito além do alcance das palavras, tão somente. Desconsiderar este aspecto ao se elaborar uma metodologia de trabalho que envolva música é perder boa parte do efeito que a didática envolvendo tal objeto oferece.

Não estamos, com isso, criticando o uso das letras. A mensagem poética é sim muito importante e estabelece um elo de comunicação e proximidade com os interlocutores das canções, no caso, os alunos, de forma incontestável. Só estamos salientando que, dada a riqueza que tal fonte oferece, não aproveitar a canção na sua totalidade, nos parece um equívoco inaceitável.

Na sequência do artigo, Abud formula e defende suas escolhas apontando algumas letras de canções, num trabalho didático muito interessante, apontando caminhos e possibilidades de análise que em muito pode colaborar com a reflexão de diversos professores que talvez pensem em escolher tal linguagem para trabalhar com seus alunos.

Para finalizar seu raciocínio, ela defende a sua opção metodológica fazendo uma defesa ardorosa das letras de canções como possibilidade pedagógica privilegiada para os usos dos professores. Para a autora:

Tal metodologia de ensino auxilia os alunos a elaborarem conceitos e a dar significados a fatos históricos. As letras de música se constituem em evidências, registros de acontecimentos a serem compreendidos pelos alunos em sua abrangência mais ampla, ou seja, em sua compreensão cronológica, na elaboração e re-significação de conceitos próprios da disciplina. Mais ainda, a utilização de tais registros colabora na formação dos conceitos espontâneos dos alunos e na aproximação entre eles e os conceitos científicos. Permite que o aluno se aproxime das pessoas que viveram no passado, elaborando a compreensão histórica.²⁶

Essa forma de encarar a didática com as canções é muito difundida e defendida por diversas correntes dentro do campo do Ensino de História, inúmeros estudos e pesquisas se orientam pensando a relação com a música desta forma. Um trabalho muito importante que segue utilizando os conceitos de Rüsen, para pensar a relação das canções com a construção do conhecimento histórico é a tese de Doutorado de Milton Joeri Fernandes Duarte.

Defendida em 2011, no Programa de Pós-Graduação em Educação da USP, tendo como orientadora a própria Kátia Maria Abud, esta tese, tem como título: *A*

²⁶ Idem. p. 316.

Música e a Construção do Conhecimento Histórico em Aula, e busca, como o título diz, analisar a importância da música para a construção do conhecimento histórico tanto de alunos como de professores.

Um aspecto inicial que vale destacar é a consideração da carga afetiva que a escuta musical traz na construção das memórias e do próprio conhecimento histórico, não partindo única e exclusivamente das letras para a obtenção de tal objetivo. Segundo o autor:

A importância da música em sala de aula encontra-se principalmente relacionada à própria natureza da linguagem musical, pois só pode ser percebida única e exclusivamente em e mediante o tempo, alimentando-se de uma memória afetiva que se transforma em uma consciência musical no presente, facilitando as narrativas, reflexões, práticas ou interpretações históricas dos alunos e da professora.²⁷

Partindo desse pressuposto, Duarte desenvolve uma importante reflexão sobre como a música, inserida no contexto da cultura escolar, pode auxiliar ou não na construção do conhecimento histórico em sala de aula.

Perceber alunos e professores como agentes ativos dentro deste processo é um acerto fundamental na construção da sua metodologia, já que muitos estudos ou não consideram os valores e os impactos que a escuta musical tem nos professores, ou não percebem que os alunos trazem consigo uma bagagem cultural e musical que pode ser muito bem aproveitada no contexto pedagógico. Para ele:

Professores e alunos, mesmo sem conhecimento técnico, possuem dispositivos emocionais para dialogar com a música. Tais dispositivos, verdadeiras competências de caráter espontâneo ou científico, não são apenas resultado da subjetividade do ouvinte diante da experiência musical, mas também sofrem a influência de ambientes socioculturais, valores e expectativas político-ideológicas, situações específicas de audição, repertórios culturais socialmente dados. No diálogo - decodificação - a apropriação dos ouvintes não se dá só pela letra ou só pela música, mas pelo encontro, tenso e harmônico a um só tempo, dos dois parâmetros básicos e de todos os outros elementos que influenciam produção e a apropriação da canção (vestimentas, comportamento e dança).²⁸

Para o pesquisador, esta forma de enxergar a relação com a música seria

²⁷ DUARTE, Milton Joeri Fernandes. **A música e a construção do conhecimento histórico em sala de aula**. São Paulo, 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, USP, 2011. p.06.

²⁸ Idem. p. 12.

responsável por gerar o que ele define por “consciência musical”, que seria o processo de identificação dos gostos ligados aos gêneros musicais que envolveriam professores e alunos, transformando-se em uma representação afetiva da mediação elaborada por estes sujeitos com relação ao mundo que os cerca.

Esta consciência musical seria responsável por facilitar e promover a construção da consciência histórica pelos alunos na sala de aula, já que:

O conhecimento histórico só é assimilado pelos alunos quando compreendem os vestígios do passado como evidência no mais profundo sentido, ou seja, como algo a ser tratado não apenas como mera informação, mas como algo de onde se possam retirar respostas a questões nunca ali formuladas. Esse tipo de investigação aqui empreendido sugere, a partir de algumas representações históricas do que os estudantes construíram ao longo de sua experiência de vida. Motivados pela linguagem musical, conseguiram lembrar e fazer algum tipo de interpretação em relação aos textos históricos propostos.²⁹

A sua pesquisa se desenvolve propondo e refletindo sobre um uso acurado de formas e possibilidades de usos para as canções, através das mais variadas estratégias. Através de entrevistas, questionários e escuta musical, o autor vai investigando como a canção se interpõe no cotidiano escolar auxiliando na construção do conhecimento histórico.

Ele observa que a música pode, além de atuar como essa mediadora pedagógica privilegiada entre professores, alunos e o conhecimento histórico produzido na escola, atuar como potencializadora dos processos de construção de identidades e sensibilidades, ao afirmar que:

Outro aspecto importante é que as representações históricas dos alunos e da professora estimuladas pela linguagem musical devem também ser pensadas como algo que emerge de determinados processos da vida humana prática, que nos faz inicialmente ouvir emotivamente. Nas esferas do cotidiano familiar, do lazer e da escola a forma emotiva é preponderante, pois ouvir música emotivamente é ouvir mais a si mesmo do que a própria música. É se utilizar da música para que ela desperte ou reforce algo já latente em nós mesmos em busca de uma identidade com o outro.³⁰

Esta capacidade de perceber as potencialidades do trabalho com música nas salas

²⁹ Idem. p. 119.

³⁰ Idem. p. 119.

de aula de História faz do trabalho de Duarte uma leitura fundamental para quem quer aprender e se aprofundar sobre o tema. Abrindo possibilidades para que novas pesquisas e estudos possam desenvolver esse campo dentro da área do Ensino de História.

O tema cresce e passa a despertar interesse não apenas dos meios acadêmicos e dos ciclos da Educação Básica, mas também chamou a atenção do mercado editorial, com a publicação do livro de Miriam Hermeto: “*Canção Popular Brasileira e Ensino de História: palavras, sons e tantos sentidos*”, pela Editora Autêntica de Belo Horizonte, em 2012.

Esta publicação nos faz refletir sobre duas coisas inicialmente. Primeira, como as demandas de professores, que muitas vezes não tiveram uma formação didática adequada, por materiais que os auxiliem a repensar suas práticas se tornam tão prementes e, segunda, como tudo que envolve a canção popular desperta tanto interesse no Brasil?

Ao analisarmos a obra percebemos que ela cumpre exatamente aquilo que promete, oferece ao leitor um panorama da temática da música popular brasileira, da relação entre produção cultural e sociedade e da concepção de ensino e aprendizagem na elaboração de métodos didáticos.

A autora tece uma crítica justamente ao fato das canções dentro das práticas recorrentes dos professores de História serem tratadas de modo incompleto, como já realçamos aqui, não problematizando a relação entre letra e melodia ou o circuito de produção e consumo da arte. Para ela, “a maior parte das práticas pedagógicas correntes no ensino de História que se utilizam da canção popular brasileira a concebem como uma ‘ilustração’ de determinado tempo”³¹.

Para tentar estabelecer possibilidades que superem essa concepção, Hermeto propõe algumas dimensões para a análise do documento-canção: a identificação dos meios de informar que ela traz e traduz e sua importância para a mensagem a ser transmitida; a forma como tematiza a realidade social através da música; as explanações sobre os conteúdos veiculados pelo documento e os sentimentos que produz no interlocutor. Para construir este conhecimento, o docente, juntamente com os alunos, investigaria os aspectos materiais, descritivos, explicativos, dialogais e sensíveis da canção.

Neste sentido, o livro é bem ilustrativo, pois apresenta vários exemplos e

³¹ HERMETO, Miriam. **Canção popular brasileira e ensino de história: palavras, sons e tantos sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 14.

propostas a serem aplicadas no cotidiano escolar pelos professores da educação básica. Atuando como um verdadeiro suporte para docentes que não imaginam como trabalhar utilizando o auxílio da canção popular.

Por outro lado, esta publicação nos deixa claro que as demandas e possibilidades envolvendo a canção popular e seus usos pedagógicos ultrapassam as pesquisas do campo do Ensino de História. As interlocuções que as canções podem estabelecer com o meio e o cotidiano de alunos e professores dão subsídios para a gente pensar na amplitude desse contato. Investigar de que forma a canção pode ser veiculada e enxergada no cotidiano pedagógico de alunos e professores é um imperativo. Comecemos observando as relações que ela estabelece com o livro didático, este objeto cultural valiosíssimo dentro da cultura escolar brasileira.

1.4. A canção e o livro didático de História:

Pensar o cotidiano escolar brasileiro é, em algum momento, se deparar com o livro didático. Este produto que traz em si, ao mesmo tempo, um caráter político, cultural e mercadológico é sem dúvida o apoio pedagógico mais difundido e utilizado pelos docentes nas escolas pelo país afora. Analisar e problematizar seu uso é tema de inúmeros debates dentro da área do Ensino de História. No entanto, nosso enfoque será refletir sobre os usos e apropriações que os manuais pedagógicos fazem da canção popular. Para isso, selecionamos dois estudos que se aprofundaram nessa discussão e que nos podem possibilitar ter um panorama geral dessa relação.

O primeiro deles é a dissertação de mestrado de Luciana Calissi, de título “*A Música Popular Brasileira nos Livros Didáticos de História. (Décadas de 1980-1990)*” que foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, em 2003. Embora não analise um período mais recente, este trabalho nos situa bem como esse debate se constituiu.

A autora começa ponderando sobre o livro didático e como ele é percebido, nos mostrando que, como artefato pedagógico, ele está longe de ser uma unanimidade, já que:

O uso do livro didático e as opiniões sobre a sua função e sua influência no sistema educacional são motivos de polêmicas. Primeiramente, porque não é seguro falar em um livro didático. Não se

trata necessariamente de uma produção homogênea e unívoca. Além disso, alguns autores acreditam que sua importância varia de acordo com o leitor ou com o local em que estiver sendo utilizado. Outros ainda entendem a prática do uso dos manuais como limitadora de possibilidades metodológicas e de conhecimento.³²

Partir desse pressuposto é essencial para perceber que não há um consenso sobre as formas de utilização dos manuais didáticos. No que tange à música popular e às novas linguagens a discussão se torna muito mais acalorada.

No decorrer de seu estudo, Calissi vai analisando as mudanças que orientaram a historiografia e até mesmo o ensino no Brasil, tais como a implementação dos PCN's, em 1996, e seu reflexo na produção dos livros didáticos. Este procedimento é importante, pois a permite observar a incorporação de novas linguagens e metodologias ao longo do período abrangido pela pesquisa.

Sobre a música, ela afirma que “como fonte histórica pode se transformar em um recurso didático, no caso dos manuais estudados, quando é apresentada como um documento analisado pelo próprio autor, o qual realiza questões implícitas sobre essa fonte enriquecendo a sua análise.”³³

Entretanto, outros meios de se cogitar o trabalho com determinadas fontes são elencados, evidenciando a complexidade de se conceber e manusear determinada documentação, nos livros didáticos, sem descaracterizá-la.

Um dos meios mais corriqueiros seria a utilização da canção como mera ilustração que exemplifica produções artísticas de um determinado período histórico estudado nos manuais. Apesar de muito recorrente, esse tipo de abordagem empobrece as potencialidades que a canção popular oferece.

Ao analisar os livros escolhidos, ao longo do período de recorte da pesquisa, a autora percebe uma mudança de formas de utilização da canção ao longo da passagem da década de 1980 para a de 1990. Nos anos de 1980, ela afirma que grande parte da produção, salvo raras exceções, trazia as canções num capítulo a parte sobre a cultura do Brasil contemporâneo, não havendo propostas de análise mais detalhada e plural destas manifestações artísticas. Segundo a pesquisadora, “as canções não foram empregadas como recurso didático ou instrumento metodológico para novas abordagens

³² CALISSI, Luciana. **A Música Popular Brasileira nos Livros Didáticos de História. (Décadas de 1980-1990).** Recife, 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFPE, 2003. p. 05.

³³ Idem. p. 106.

históricas.”³⁴

Já nos anos 90, com os PCN's e atenção por novas linguagens e abordagens para o ensino de História, a autora percebe uma mudança de tratamento em torno das canções. Constatando que:

A canção popular foi mais empregada não somente como documento e instrumento metodológico, mas principalmente como recurso didático para o enriquecimento de análises históricas desses livros, indicando um possível desenvolvimento de habilidades como comparação, reflexão crítica e visão plural de um determinado momento histórico.³⁵

Esta mudança metodológica, no entanto, não caracterizou uma utilização da música de uma forma integral pelos manuais didáticos, Calissi reconhece que:

Sob a perspectiva das novas linguagens no ensino, um limite sobre a utilização da canção popular nestes manuais didáticos não foi superado: a canção foi apresentada apenas através de sua letra. A maior parte dos livros didáticos não propõe a escuta nem realiza a análise melódica das músicas por eles apresentadas. Desta forma, cabe o questionamento se existe de fato, na utilização destes documentos, diferença ou renovação da canção em relação à poesia.³⁶

Elaborar um uso para a canção que a considere na sua integralidade, letra e melodia, segue sendo um desafio para os escritores de livros didáticos e acaba ficando a cargo dos professores proporem alternativas que superem as limitações que os manuais didáticos não conseguem transpor por si próprios.

O segundo estudo a colaborar com nossa reflexão é a dissertação de mestrado de Luciano Magela Roza, de título *Entre sons e silêncios: apropriações da música no livro didático no ensino de história afro-brasileira*. Esta pesquisa foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG, em 2009.

O trabalho tem como objetivo investigar as apropriações da música no ensino de história afro-brasileira, analisando diversas obras, tendo como referência de escolha o PNLD, de 2008. Desdobrando este caminho, a pesquisa vai refletindo sobre as formas e os usos da música popular sugeridos pelos livros didáticos de História, bem como um aprofundamento nas discussões teórico-metodológicas sobre as possibilidades

³⁴ Idem. p. 164.

³⁵ Idem. p.165.

³⁶ Idem. p. 166.

interpretativas da canção como recurso didático e fonte histórica. Sobre esta questão ele é taxativo:

interessa-nos compreendermos as configurações sugeridas no texto do livro didático para uso da música em sala de aula: Audiência? Interpretação? Leitura? Compreensão de suas contribuições históricas? Investigação de contexto de produção? Observação da composição, do ritmo e da sonoridade? Avaliação dos significados políticos da música? Investigação de autoria e interpretação? Análise literal da letra? A música comparece em confronto ou comparação a outras fontes históricas? A música é compreendida como produto cultural e histórico? Em suma, que significados se reafirmam e que novos significados ganha a música no livro didático de história.³⁷

Estes questionamentos, a nosso ver, são fundamentais para a investigação das possibilidades de trabalho com a canção, independente de serem ou não veiculadas aos manuais didáticos. É salutar pensar que alguns estudos estão propondo este tipo de análise e, mais do que isso, estão identificando estes hiatos e propondo novas metodologias para que a canção seja enxergada de forma mais produtiva nestes suportes pedagógicos.

Após realizar o escrutínio das coleções selecionadas, o pesquisador tece importantes apontamentos sobre a maneira como percebeu o tratamento dado à música no livro didático. Uma dos problemas observados refere-se à dificuldade do tratamento das fontes musicais pelos professores. Segundo ele:

A hipótese proposta neste trabalho, de que há uma lacuna no tratamento dispensado à fonte musical nos cursos de formação de professores de história fundamenta-se em uma perspectiva aberta pela análise de como as formas de apropriação da música ocorrem no livro didático. Acredito que, caso os professores de história já possuíssem as referências essenciais para o uso da música no contexto escolar de forma potencializada e significativa, o livro didático possivelmente poderia ter incorporado a sua forma de didatizar o documento musical de uma forma mais assertiva.³⁸

Perceber esta lacuna na formação docente nos cursos de graduação em licenciatura no país parece ser um chamado à reflexão importante. Cogitar uma atenção maior ao tratamento deste tipo de documentação parece ser algo razoável de se

³⁷ ROZA, Luciano Magela. **Entre sons e silêncios: apropriações da música no livro didático no ensino de história afro-brasileira**. Belo Horizonte, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMG, 2009. p. 41.

³⁸ Idem. p. 112.

considerar.

Sobre o uso da letra descolado da melodia tão criticado pelos estudiosos do livro didático e por grande parte dos historiadores, de um modo geral, o autor tem uma opinião e uma sugestão:

Se as informações fundamentais para compreensão da música como fonte para a história e como elemento fundamental da compreensão da dinâmica sociocultural de um determinado tempo histórico estão ausentes, prevê-se que, no uso do livro, tenham o professor e os alunos, acesso a informações prévias e informações adicionais, não constantes no corpo do livro do aluno e do professor, que possibilitem saltar os limites postos no texto expresso do livro. Para abordagem da música em sua complexidade, projeta-se uma sala de aula com uso de diferentes materiais complementares ao livro didático e uma mediação pedagógica suficientemente problematizadora do significado social e pedagógico da canção, caso contrário não será proporcionado, ao aluno, no uso do livro, essa questão.³⁹

Propor alternativas que transcendam o livro didático parece ser a escolha mais acertada enquanto se denuncia as falhas metodológicas que tal recurso apresenta. Sobre a impossibilidade de escuta e reflexão sobre as canções. Roza esclarece que:

o fato de que no livro do aluno não contenha muitas vezes sugestões de audiência da música ou de interpretação da música por alunos e professores – mas simplesmente de leitura (silenciosa, diga-se de passagem) constitui uma das mais fortes formas de silenciamento.⁴⁰

É necessário estar atento e lutar contra os silenciamentos impostos pelas práticas estabelecidas e cristalizadas na cultura escolar. O livro didático é um auxílio importante para professores, mas não pode estar imune a esta crítica. Seguir analisando e percebendo meios de pensar os usos da canção na sala de aula e que evitem esse silenciamento é essencial. Entender a canção como documento e, principalmente, como instrumento de mediação pedagógica, pode ser uma alternativa. Evitemos o silêncio!

1.5. A canção como documento mediador:

Alguns trabalhos tendem a pensar a canção como documento privilegiado para a realização da mediação entre o conhecimento a ser aprendido e os alunos. Atuando

³⁹ Idem. p. 114.

⁴⁰ Idem. p. 119.

como uma espécie de “ferramenta mediadora” a ser utilizada pelos professores para a construção do conhecimento histórico escolar. Alguns desses estudos vêm de Londrina-PR, como veremos.

O primeiro deles é o artigo de Érica da Silva Xavier *O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico: a canção como mediador*, publicado na *Revista Antíteses*, vol.3, em 2010, onde a autora faz a defesa do uso das fontes históricas na sala de aula como mediadora da construção de conhecimento histórico, sobretudo a canção.

Logo de início, a autora defende que professores são mediadores uma vez que, ao ensinar História, não reproduzem o conhecimento, mas transmitem sua própria representação da disciplina sobre determinados conteúdos. Nesse sentido, o uso das fontes históricas realizado pelos professores no trabalho cotidiano na sala de aula é distinto ao uso dado pelos historiadores em suas pesquisas acadêmicas. Assim, os professores acabam levando o aluno a perceber como se constitui a história, como os conteúdos históricos se contextualizam com a fonte, que não deve ser apenas mera ilustradora dos conteúdos, uma vez que são fundamentais nessa mediação.

No decorrer do artigo Xavier vai contextualizando e historicizando o conceito de fonte histórica e como ele é apropriado pelos historiadores. Postulando, que as mesmas, se utilizadas de uma maneira que considere o desenvolvimento cognitivo envolvido na relação de ensino-aprendizagem em História, são capazes de tornarem-se ferramentas importantes, auxiliando a compreensão do presente através do passado.⁴¹

Essa é uma posição que vai ser defendida ao longo de todo artigo, a de que fontes históricas são ferramentas pedagógicas. Mas ferramentas que sejam pensadas como parte do sujeito em si, uma vez que estas auxiliarão o aluno a formar a ideia sobre a representação que o mesmo fará dos conceitos históricos.

Para sustentar sua argumentação ela utiliza como referencial o teórico Lev Vygotsky, e suas ideias de mediação e zona de desenvolvimento potencial, para ilustrar como os alunos formulam os conceitos e apreendem significados complexos em sala de aula através da interação social mediada.

Outro teórico importante para o desenvolvimento de sua análise é André Chervel, na sua crítica à noção de escola como uma simples reproduutora do conhecimento acadêmico. Para o autor, a escola produz um saber específico e próprio. O que justifica um uso particular das fontes históricas, sobretudo da canção popular como

⁴¹ Ver XAVIER, Érica da Silva. Op. Cit. p. 1106

ferramentas pedagógicas privilegiadas no Ensino de História. Sobre o uso da canção a autora define:

Essa relação entre a canção e o ensino busca criar alternativas metodológicas para fugir de uma ideia de História linear e cronológica, assim como demonstrar que a canção é um objeto da História, propiciar um entendimento no qual o aluno perceba que a História é feita de continuidades e rupturas, o que facilitará a compreensão da simultaneidade dos acontecimentos históricos.⁴²

Esta perspectiva que propõe criar uma forma de entendimento da História que fuja da concepção tradicional e linear é muito interessante, pois possibilita aos alunos observar a trajetória muitas vezes irregular que compõe as narrativas históricas. Diante disso, Érica pondera que “a canção se faz partindo de um momento e de inquietações próprias de seu tempo e dos grupos que as legitimam, da contextualização de sua narrativa”.⁴³

Sobre o papel do professor dentro dessa mediação feita entre a canção e o conhecimento histórico construído em sala de aula, ela chama a atenção para a atuação do docente como mediador, mas, sobretudo, como artífice dentro desse processo. Ele não é visto como mero agente passivo, mas como figura central, como sua conclusão nos aponta:

não podemos deixar de considerar a criatividade que o professor possa encontrar para o trabalho com a canção, pensando a sala de aula como uma prática dinâmica, dialógica, que no seu fazer não deve se pautar em metodologias arraigadas em ortodoxias. Não existem “fórmulas prontas” a serem usadas em sala de aula. O professor deve, no entanto, estar consciente de sua ação mediadora e ser capaz de perceber a riqueza das fontes, então, estará apto a conduzir a produção de conhecimento histórico em sala de aula.⁴⁴

Estas ideias defendidas neste artigo foram mais bem desenvolvidas na sua Dissertação de Mestrado, de título *A canção como mediação nos livros didáticos de História na coleção História e Vida Integrada de Nelson e Claudino Pilleti (1991 a 2007)*, apresentada ao Programa de Mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina, em 2011.

Nesta pesquisa, Érica investiga se os livros didáticos da coleção selecionada

⁴² Idem. p. 1107.

⁴³ Idem. p.1110.

⁴⁴ Idem. p. 1111.

caracterizam a canção enquanto fonte histórica possibilitando a mediação entre estas e o conhecimento, defendendo que, enquanto artefato mediador entre o professor e as fontes históricas, o manual didático não deve caracterizá-las de forma simplificada, transformando-as em uma mera ilustração de conteúdo ou reflexo da realidade.⁴⁵

Para a autora, as fontes:

devem assumir um papel fundamental de significação na estrutura cognitiva do aluno: demonstrar as representações que determinados grupos forjaram sobre a sociedade em que viviam como pensavam ou sentiam, como se estabeleceram no tempo e no espaço; como servir para que o aluno seja capaz de fazer diferenciações, abstrações que o permitam fazer a leitura das distintas temporalidades as quais estamos submetidos.⁴⁶

Ao longo da pesquisa, ela vai ponderando sobre a importância dos manuais didáticos na realidade escolar, entendendo-os como o resultado de disputas políticas, culturais e mercadológicas e como representação do seu próprio tempo. Traçando um paralelo com a forma que a historiografia e os teóricos do Ensino de História concebem e tratam a canção. O que resulta num escrutínio minucioso da coleção selecionada para análise. Para ela, não basta se ater ao que não foi feito (no caso do manual analisado), mas é “preciso procurar perceber uma coerência entre aquilo o que os autores pensam (por exemplo, suas concepções de História) e a forma como tratam a canção no decorrer do livro”.⁴⁷

Na sua conclusão, um aspecto interessante, no que se refere à forma como autora concebe a música e suas possibilidades de tratamento no contexto pedagógico, é perceber que:

As canções tidas como expressões simbólicas – considerando que musicalmente possui um forte apelo emocional – tornam-se memórias. Nesse ínterim, são muitas as possibilidades tanto para a pesquisa em história como para as práticas pedagógicas. E podemos dizer mais: a música é portadora de multiculturalidades, pois faz parte de “toda a gente”. Por meio disso, poderíamos trabalhar com a possibilidade de ensinar história usando as canções como fontes, quer dizer, como recursos capazes de atingir e aproximar o aluno da História. Entender as várias culturas mediante suas expressões musicais e as composições

⁴⁵ Ver XAVIER, Érica da Silva. **A canção como mediação nos livros didáticos de História na coleção História e Vida Integrada de Nelson e Cláudio Pilleti (1991 a 2007)**. Londrina-PR, 2011. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Programa de Mestrado em História Social, UEL, 2011.

⁴⁶ Idem. p. 05.

⁴⁷ Idem. p. 75.

artísticas de cada época é possível, mesmo que, para tanto, devêssemos quebrar possíveis pré-conceitos musicais.⁴⁸

A música, como a autora bem salientou, é portadora de multiculturalidades, e exprime realidades simbólicas que dialogam com as memórias tanto de professores como de alunos, por conta disso é importante, ao trabalharmos com as canções na sala de aula, estarmos abertos e atentos para percebermos tais singularidades no nosso fazer pedagógico.

Outro autor que contribui para essa discussão é Julho Zamarian, que na sua dissertação de mestrado, de título *A Canção como Mediadora Cultural no processo de produção do conhecimento histórico em sala de aula*, apresentada ao Programa de Mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina, em 2011, discutiu a escola como um espaço de produção do saber, percebendo a criança como um sujeito capaz de produzir conhecimento, utilizando-se para tanto da canção como mediação neste processo.⁴⁹

O autor propõe na sua pesquisa investigar o uso da canção como uma ferramenta pedagógica na produção do conhecimento histórico escolar durante uma experiência realizada, em sala de aula durante o ano de 2008, na Escola Estadual Antonio Moraes de Barros, em Londrina, com duas turmas de oitava série, utilizando canções compostas e gravadas no período da Ditadura Militar.

Sobre a importância da História para os alunos, Zamarian influenciado pelos conceitos de Rüsen, define que “o aluno passa a dar sentido e utilidade à disciplina de História, uma vez que percebe que as três dimensões temporais (passado, presente e futuro) são interdependentes no Ensino de História e que servem para orientar sua vida, seus feitos no tempo.”⁵⁰

Essa perspectiva irá orientar toda sua investigação, já que uma das prerrogativas deste trabalho é a de “quebrar com a ideia tradicional, por vezes ainda persistente, de que as universidades produzem saber e as escolas o repassam, bem como de que os alunos consistem, quando muito, apenas em atores coadjuvantes no processo de produção de conhecimento”⁵¹.

No que tange à canção e ao seu uso para construção do conhecimento em sala de aula, Zamarian observa que:

⁴⁸ Idem. p. 122.

⁴⁹ Ver ZAMARIAN, Julho. Op. Cit. p.14.

⁵⁰ Idem. p. 15.

⁵¹ Idem. p.17.

o uso da canção como uma ferramenta para a mediação na construção do conhecimento nas aulas de história poderia contribuir na aquisição e descoberta do chamado conhecimento científico em história, sem desconsiderar aquilo que o aluno já possui previamente.(...) percebendo-o como um conhecimento dinâmico, que pode ser construído e requerendo do aluno uma postura ativa nessa construção. Para isso, é importante que o professor estabeleça relações entre o que o aluno já sabe, o conhecimento prévio (que ele já possui) e o conhecimento chamado científico.⁵²

Essa interação entre o conhecimento que o aluno já possui e o conhecimento científico que ele vai construir mediado pelo professor e pelo uso que ele faz da canção é a base onde toda sua argumentação vai sendo elaborada. Uma metodologia que vai sendo analisada e defendida ao longo de todo seu trabalho.

Sobre a investigação do uso da canção para tratar do tema da Ditadura Militar no Brasil com os alunos, o autor escreve:

pensamos que a utilização das canções em sala de aula pode ser usada como mediação neste processo de aprendizagem fazendo com que os alunos percebam sentido naquilo que aprendem. E, mais do que isto, podem entender como determinadas situações próprias da Ditadura Civil Militar, podem ainda estar atuantes, ou não, em suas vidas no presente ou em uma temporalidade futura numa outra experiência histórica.⁵³

Esta busca por sentido no próprio aprendizado pode ser um papel fundamental que a música e a canção podem assumir na sala de aula. Cogitar como determinadas situações estudadas podem ou não se repetir, pode levar os alunos a se conscientizarem sobre as rupturas e permanências inerentes à própria constituição histórica.

Ao concluir sua pesquisa Julho Zamarian nos tece um relato sobre sua experiência que é muito elucidador das possibilidades contidas na relação entre canção e Ensino de História, vejamos:

Ao final, os alunos foram capazes de destacar, inclusive, que através das canções é possível ver como um povo pode se expressar mesmo quando a maioria está calada. Isso nos pareceu um forte indicativo de uma aprendizagem significativa, uma vez que essa discussão apresenta poucos elementos que poderiam ser meramente memorizados. O uso das canções como ferramenta pedagógica no estudo da história, motivou os alunos tornando o ensino e a aprendizagem de história

⁵² Idem. p. 63.

⁵³ Idem. p. 70.

mais significativos. Portanto, ao final chegamos à conclusão de que devemos tentar, na nossa prática diária, tornar a história mais compreensível, dotá-la de um significado que faça sentido para o aluno.⁵⁴

Em resumo, observamos que a canção, de acordo com as perspectivas adotadas pelos mais diversos autores, pode ser concebida e utilizada das mais variadas formas. Ela é ouvida, consumida, apropriada e ressignificada em consoante com a metodologia que se empregue e com a bagagem cultural e, por que não, emocional de quem a recebe. Atuando como motivadora, facilitadora, mediadora e, por fim, construtora de sensibilidades e conhecimentos diversos.

O que nos faz refletir sobre como podemos incorporar e utilizar as mais variadas e inovadoras metodologias que defendam o uso das canções na sala de aula de História. Pensar nessas articulações nos faz querer imaginar novos caminhos para a construção do conhecimento histórico escolar. Observemos o que os novos estudos têm a nos dizer.

1.6. Novos estudos: os usos possíveis:

O desenvolvimento dos estudos que investigam as possibilidades de usos para a canção dentro do Ensino de História vem avançando bastante nos últimos anos. A música, cada vez mais, vem ganhando observadores atentos, principalmente num contexto onde as mídias digitais disputam a atenção dos alunos com a escola. Utilizar a canção como aliada nesta perspectiva vem se tornando uma premissa importante, trazendo à tona vários trabalhos e propostas metodológicas que analisam o impacto do uso das canções na construção do conhecimento históricos pelos estudantes na Educação Básica.

No ano passado, mais especificamente, em julho, um Dossiê que trazia como tema “Música e Ensino de História” foi publicado na Revista *“História Hoje”* trazendo uma série de artigos que tinham como proposta examinar as mais diversas produções na área e contribuir para a divulgação de pesquisas e para o debate sobre as relações entre música e ensino de história, apresentando um quadro amplo e diverso de pesquisadores e de suas abordagens.

Perceber os mais recentes olhares dos pesquisadores sobre a questão nos parece fundamental para compormos um panorama geral que nos possibilite elencar caminhos e

⁵⁴ Idem. p. 137.

perspectivas para os usos da canção na sala de aula. O referido dossiê nos fornece valiosas pistas para tal. Por isso, uma leitura atenta das abordagens trazidas se faz necessária para enriquecer nosso arsenal teórico.

O primeiro artigo, de Adalberto Paranhos, intitulado “*Rasuras da história: samba, trabalho e Estado Novo no ensino de História*”, traz uma perspectiva interessante, tomando como mote vozes dissonantes que se fizeram ouvir sobre o universo do trabalho na área da música popular, especialmente do samba, durante o Estado Novo, o autor vai analisando e desmontando um discurso sobre a ideologia trabalhista, no período, que supunha uma suposta hegemonia sobre o samba e a cultura popular, estimulando assim, a complexificação daquilo que habitualmente é ensinado nas escolas.⁵⁵

O autor critica uma visão que coloca o Estado como protagonista-mor deste período histórico relegando os demais atores sociais ao papel de meros coadjuvantes. Por conta disso, ele vai buscar na música popular subsídios para mostrar que a ideologia trabalhista não era assim tão hegemônica, haviam fraturas e disputas ideológicas. Um exemplo muito interessante sobre como o uso da canção pode nos fazer questionar discursos que podem parecer estabelecidos e imutáveis dentro da historiografia.

Sobre o tratamento da canção no contexto das pesquisas e da sala de aula, ele nos faz um alerta essencial:

entre as precauções metodológicas de que deve se munir o pesquisador de música popular ou o professor em sala de aula, uma delas recomenda que não se reduza uma canção a um simples documento escrito, destituído de sonoridade. A realização sonora de uma gravação pode reservar umas tantas surpresas a quem não fique refém da mera literalidade da canção. (...)Afinal de contas, uma composição não se prende irremediavelmente a um sentido fixo, congelado no tempo e no espaço, antes podendo migrar de sentido em certas situações.⁵⁶

Observar o que tem nos tem a dizer a realização sonora da canção é muito importante para compreendermos o tempo e o lugar onde tal obra foi produzida, pois como bem salientou Paranhos, a composição e a música, de uma forma geral, não se prendem a um sentido fixo, congelado no tempo e no espaço, podendo ser ressignificadas de acordo com certas situações específicas.

⁵⁵ Ver PARANHOS, Adalberto. Rasuras da história: samba, trabalho e Estado Novo no ensino de História. *Revista História Hoje*, vol. 6, nº11, p.07-30, 2017.

⁵⁶ Idem. p.13.

Na conclusão de sua análise, ele nos chama a atenção para uma postura metodológica fundamental:

No âmbito do ensino de História, como, de resto, em tudo o mais, é da maior importância atentarmos para o que escapa às linearidades confortadoras. Todos os poros da vida social são permeados por relações de poder que, em muitos casos, se conectam a conflitos, a lutas de diferentes ordens. (...) Ao escavarmos as múltiplas camadas de sentido da produção musical da época, evidencia-se que muita gente não ajustou seus passos ao compasso da ditadura estado-novista. Afinal, nas dobras da história, é sempre possível detectar fissuras em meio a uma superfície aparentemente plana.⁵⁷

Perceber o que nos escapa quando investigamos o passado é uma atitude necessária para percebermos os discursos de certos grupos que muitas vezes são relegados nos discursos historiográficos ou até mesmo nos discursos escolares. Paranhos nos aponta que a canção pode ser de grande auxílio nesse sentido.

Outro estudo importante que nos acena com alternativas de enriquecimento teórico-metodológico é o artigo de Luciano Magela Roza, intitulado “*O canto de Clara: possibilidades de ensino-aprendizagem da história afro-brasileira*”. Neste trabalho, o autor contempla o uso da obra musical da intérprete Clara Nunes como recurso didático para o ensino-aprendizagem de alguns aspectos da história afro-brasileira. Considerando-se referências musicais e extramusicais presentes na produção cultural da cantora, ele busca discutir como a referida produção pode contribuir para a problematização de questões postas na efetivação da Lei 10.639/2003.⁵⁸

Um elemento que nos chama a atenção, logo de início, é a proposição destes aspectos extramusicais, um fato não muito comum em abordagens que postulem a imbricada relação entre música e ensino de História. Argumentando em favor desta utilização, sua metodologia se anora em dois eixos:

O primeiro são as chamadas informações extramusicais, observadas nas capas e contracapas dos discos de Clara Nunes, nos depoimentos de sujeitos envolvidos na construção da imagem da artista e na seleção de composições presente em sua obra. O segundo são os elementos poético-musicais, ou seja, as letras das músicas e as próprias canções gravadas pela intérprete.⁵⁹

⁵⁷ Idem. p. 24.

⁵⁸ Ver ROZA, Luciano Magela. *O canto de Clara: possibilidades de ensino-aprendizagem da história afro-brasileira*. **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p.100-117, 2017.

⁵⁹ Idem. p. 102.

Usar as capas e os depoimentos de sujeitos envolvidos na construção da artista constitui uma estratégia muito pertinente, pois permite perceber que o estudo da música é muito mais do que somente o aspecto poético da canção. É possível considerar indumentária, produção, performance e outros dados quando se quer construir uma proposta didática junto com os alunos.

Esta postura metodológica é muito importante, já que oportuniza o debate sobre a música em sala de aula abrindo outras perspectivas. Sobre os usos possíveis, na conclusão de seu artigo, Roza reafirma que:

a incorporação pedagógica de aspectos sobre a trajetória artística de intérpretes e/ou compositores da música popular – neste caso, Clara Nunes – pode ser um recurso significativo para a compreensão do “lugar” renovado que a música ocupa como fenômeno sócio-histórico contemporâneo e da necessidade de incorporarmos esse artefato cultural como linguagem e recurso didático ao ensino de história. Entendemos que uma história a ser ensinada, assim como, de forma mais ampla, uma educação básica e uma formação de professores comprometida com a ampliação da cidadania não devam preterir o acesso e a construção de metodologias voltadas para a leitura crítica dos bens socialmente produzidos, a incorporação das sensibilidades estéticas ao contexto escolar e a superação de narrativas no ensino voltadas para a sedimentação de sentimentos nacionais, supostamente universalistas. (...) Acreditamos que a compreensão sobre como os afro-brasileiros construíram representações sobre seu passado, seu presente e seus anseios, angústias, aspirações e desejos por meio da canção popular – e, também, como esses sujeitos foram representados por intérpretes e compositores de outros pertencimentos étnico-raciais – pode ser um caminho fundamental para o entendimento dessa fatia do passado ainda pouco explorada em contexto escolar.⁶⁰

Vislumbrar compreender como um grupo social construiu representações do seu passado, seu presente através da canção popular já é, em si, um aspecto que vale a pena considerar quando se defende a possibilidade do uso da canção como recurso didático.

Dando prosseguimento, nesta direção, o dossiê nos apresenta dois artigos que dispõem de referenciais teóricos distintos para investigar as relações que os alunos-ouvintes têm com a música e quais os impactos dessa relação nos processos de ensino e aprendizagem da história.

O primeiro deles, de autoria de Luciano Azambuja, intitulado “*Canção, Ensino e Aprendizagem Histórica*”, apresenta uma investigação acerca de protonarrativas escritas por jovens alunos brasileiros e portugueses com base em leituras e escuta de canções

⁶⁰ Idem. p. 114-115.

populares advindas dos seus gostos musicais. Para tal, ele se ampara nos conceitos de Rüsen como um dos principais referenciais teóricos de sua pesquisa.⁶¹

Sobre a constituição de sua metodologia no trato com as canções, o autor é bastante categórico e assertivo:

Procuramos fundamentar teórica e empiricamente a presença e significado da canção popular na vida prática cotidiana, nos processos de escolarização, e na constituição das múltiplas culturas e identidades juvenis; pudemos comprovar, qualitativamente, que a escritura de protonarrativas, com base nas leituras e escutas de uma fonte canção advinda dos gostos musicais dos alunos, pode dinamizar as temporalidades, competências e dimensões da consciência histórica de jovens alunos do ensino médio, constituindo ponto de partida motivador para processos significativos de ensino e aprendizagem histórica, com vistas à formação escolar da consciência histórica. Esse percurso propiciou também que pudéssemos sinalizar perspectivas metodológicas de ensino de história e princípios epistemológicos de aprendizagem histórica a partir do trabalho com a canção popular.⁶²

Perceber que a canção tem sentido e importância na vida prática cotidiana dos alunos, nos processos de escolarização e na constituição de identidades juvenis, pode realmente atuar como elemento transformador das práticas pedagógicas que advoguem nos usos da canção, dinamizando e motivando os processos de aprendizagem e a construção do conhecimento histórico em sala de aula.

Azambuja divide os instrumentos de investigação de sua pesquisa em três módulos: “*Narrativas de vida*”, “*Gostos musicais e Aulas de História*” e “*Aula-Audição*” defendendo que estes podem ser circunscritos no campo das estratégias metodológicas de ensino. Deste modo, analisa como a música nas aulas de história se relaciona com as memórias e as formações identitárias dos alunos.

Na exposição dos resultados de sua pesquisa, ele defende o uso da canção como possibilidade de construção de conhecimento histórico, ponderando que:

Com base nos dados empíricos extraídos das fontes narrativas e interpretados historicamente (...) verificamos que os jovens alunos brasileiros e portugueses narrativizaram por escrito ideias de passado, presente e futuro, assim como estabeleceram múltiplas relações temporais entre as três dimensões do tempo histórico, a partir das leituras e escutas de uma fonte canção advinda dos seus gostos musicais. (...) Procuramos demonstrar que a escritura de

⁶¹ AZAMBUJA, Luciano. Canção, Ensino e Aprendizagem Histórica. **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p. 31-56, 2017.

⁶² Idem. p.33.

protonarrativas a partir das leituras e escutas da canção, em resposta a uma pergunta formulada, pode potencializar a rememoração de conteúdos experienciais do passado, a atribuição de significados da interpretação do presente, e a constituição de sentidos da orientação do futuro.⁶³

A relação que a canção e o método construído podem estabelecer com a percepção das temporalidades pelos alunos é um dos motivadores da minha pesquisa. Constatar que é possível articular uma leitura de mundo possível, que fuja da concepção linear de tempo, que muitas vezes o ensino de História parece cristalizar é um alento. Observar outros trabalhos, como este, lograrem êxito nesta empreitada é importante para a prerrogativa onde esta pesquisa se ampara.

Um trabalho como este sinaliza que é possível considerar a canção como um potencializador cognitivo dentro de uma metodologia que busque trabalhar as temporalidades com os alunos em sala de aula. Os resultados obtidos nos apontam claramente o que podemos esperar com a nossa pesquisa. Fornecer aos alunos a possibilidade de rememorar conteúdos experienciais do passado, atribuir significados à interpretação do presente e a construção de sentidos de orientação do futuro são horizontes que vislumbramos atingir com a construção da nossa metodologia.

O segundo artigo, de autoria de Olavo Pereira Soares, intitulado “*A música nas aulas de história: o debate teórico sobre as metodologias de ensino*” traz, como o próprio nome aponta, um panorama sobre os debates teóricos envolvendo as metodologias de ensino no que tange aos usos da música no Ensino de História.

O autor divide seu texto em três momentos de análise: num primeiro momento discorre sobre situações nas quais a música é utilizada para ensinar, mas desestimula os alunos a aprender história; em seguida, reflete sobre a importância de se compreender as interações afetivas que os alunos estabelecem com a música e as implicações para a sua utilização nas aulas de história; E, por fim, teoriza sobre as situações em que as interações afetivas dos alunos com as músicas são valorizadas nos processos de ensino e suas implicações nas aprendizagens e na produção do conhecimento histórico escolar.⁶⁴

No primeiro momento de análise, o autor critica os usos da canção para a construção de uma metodologia tradicional e conservadora que valoriza simplesmente decorar o conteúdo, sem refletir sobre ele, e que, segundo ele, postula uma história

⁶³ Idem. p.54.

⁶⁴ Ver SOARES, Olavo Pereira. A música nas aulas de História: o debate teórico sobre as metodologias de ensino. . **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p.78-99, 2017.

estanque feita por grandes nomes, grandes heróis e grandes feitos. Típica a que eu, como aluno, aprendi no colégio. Ao se questionar sobre o que aprendem os alunos nesta abordagem, ele é extremamente crítico:

Aprendem muitas coisas, mas na contramão tanto da historiografia quanto das pesquisas sobre ensino de história: aprendem que a história é feita de heróis e personagens que residem no passado. Os alunos também podem aprender a escrever corretamente algumas palavras, aprender a soletrar, podem até aprender um pouco de melodia. Mas ao decorar a letra e cantarolar, provavelmente não aprenderam sobre o fato de que fazemos parte da história, pois somos sujeitos dela e capazes de produzir conhecimento sobre ela.⁶⁵

Esta forma de utilizar a canção acontece, segundo Soares, porque na maioria das vezes, com os professores, há uma desvinculação entre a consciência sobre ‘o que’ ensinar do ‘porque’ ensinar e ‘como’ ensinar. Falta uma reflexão teórica e um preparo metodológico dos docentes para não se servir da música como apenas um apêndice, uma ilustração, ou um artifício para se chamar a atenção dos alunos.

Na segunda parte da análise, é traçada uma defesa da música e da canção como construtoras de ‘vivências’ tanto de professores como de alunos e que isso a transforma num poderoso artefato no auxílio da construção do conhecimento histórico. Seus argumentos e ressalvas apontam que:

As músicas fazem parte de nossas experiências sensoriais mais profundas, de nossas lembranças, nossa memória, enfim, de nossas vivências. É preciso considerar esse aspecto ao elaborarmos atividades didáticas com música. Isso requer do professor a sensibilidade para compreender que essa *fonte, objeto de estudo ou recurso didático*, não pode ser inserida na sala de aula como se as interações subjetivas não interferissem na sua manipulação. Todos os alunos podem conhecer uma mesma música, mas a vivência de cada um com a música é diferente. (...) Este é, a nosso ver, uma das principais dificuldades em se utilizar as músicas nas aulas de história: a incompreensão de que a música é um artefato cultural que desperta nos alunos diferentes vivências, e que, portanto, a não compreensão da relação que os alunos têm com a música pode limitar as possibilidades de aprendizagem sobre as músicas, a linguagem musical e o conhecimento histórico ao qual se referem.⁶⁶

Colocar a compreensão da relação que os alunos estabelecem com as músicas como parâmetro para montagem da construção pedagógica é a nosso ver o grande acerto

⁶⁵ Idem. p. 81.

⁶⁶ Idem. p. 85-86.

desta proposta. Pensar uma metodologia de uso para as canções que considere o público alvo, no caso os estudantes, e a forma como estes consomem e se relacionam com as canções é algo essencial, porém não muito comum, como já vimos até aqui.

Na parte final da sua análise, Soares avalia a necessidade de incorporar nos processos de produção do conhecimento histórico escolar a vivência que os alunos constroem com a música, levando em consideração para investigar essa vivência, critérios objetivos e subjetivos. Ele define que:

O caráter objetivo está relacionado a “o que os alunos ouvem”, aos seus “gostos” musicais, o que agrega musicalmente o maior número de alunos, quais as divergências “sonoras” existentes entre eles. O caráter subjetivo se relaciona a “como é a escuta” dos alunos, que tipo de interações são realizadas por meio da música, quais os inúmeros sentidos que a música tem no cotidiano dos alunos.⁶⁷

O autor identifica nos estudos sobre o tema que há um consenso sobre a música ser um importante recurso didático para estimular os alunos e não apenas uma boa fonte de análise, mas sente falta de propostas metodológicas que valorizem a cultura musical dos alunos e, sobretudo, que relações de sentido eles estabelecem com as canções.

Neste sentido, ele mobiliza os conceitos de Alexei Leontiev e de Lev Vygostky para defender e justificar teoricamente sua proposta. Postulando que a aprendizagem através da música é possível desde que os objetivos específicos estejam bem explicitados aos alunos. Não nos cabe julgar ou refutar tais propostas apenas perceber e entendermos como o autor enxerga as possibilidades de usos para canção em sala de aula.

Ao analisar os resultados de uma aplicação metodológica envolvendo as canções, Soares faz uma defesa de uma abordagem que não fique apenas preocupada com rigorismos e exatidões técnicas, mas que saibamos reconhecer as funções de se ensinar História, no seu ponto de vista:

O conhecimento histórico escolar deve possibilitar às crianças e adolescentes a desnaturalização da vida e do cotidiano. Isso se torna possível na medida em que os alunos são incentivados a ter acesso ao conhecimento que não têm. Mas no cotidiano é que se localizam as sensações e os sentimentos dos alunos, a sua vivência. Nesse sentido, a cultura cotidiana pode ser uma das chaves que nos permita inserir os alunos na história da humanidade.⁶⁸

⁶⁷ Idem. p. 87.

⁶⁸ Idem. p. 96.

Tornar os alunos conscientes de que são agentes de transformação da realidade e, portanto, sujeitos da História e que interagem com seu próprio tempo histórico parece ser uma boa forma de defender o uso das canções como construtoras do conhecimento.

Um artigo que pensa o ofício do historiador nos cursos de graduação em História é o “*Relato de viagem: o livro Apologia da História e o uso de canções no ensino de disciplinas da Área de Teoria e Metodologia da História*”, escrito por Edmílson Alves Maia Junior. Embora não se refira diretamente à educação básica, o trabalho nos faz questionar como as canções assumem papel importante para a reflexão: como vestígios do conhecimento histórico; para a compreensão de intencionalidades/seletividades da memória; no diálogo entre teoria (perguntas) e o empírico (testemunhos) nas investigações das experiências históricas.⁶⁹

Logo de início, o autor situa o livro de Marc Bloch “*Apologia da História*” como grande referência e ponto de partida para inúmeras reflexões sobre o fazer histórico, argumentando escolher o debate entre música e Ensino de História “como estratégia para se interpretar narrativas dos homens e mulheres sobre o tempo vivido e seus vestígios”.⁷⁰

Esta postura de tentar perceber as canções como vestígios do tempo vivido de homens e mulheres para interpretar suas narrativas é muito interessante, pois nos faz refletir que toda e qualquer obra pode ser lida sob este viés e não devemos nos restringir a selecionar músicas que abordem temas diretamente relacionados aos conteúdos escolares, é possível usá-las para pensar as ações humanas no tempo e o próprio fazer histórico. A pesquisa adota uma forma de uso bem definida:

As canções como representações sobre o tempo, sobre rastros de vivências. Leituras e composições da realidade a serem pensadas como forma de dinamizar o entendimento do ofício do historiador com base no texto de Bloch. Escolhi músicas para fazer essa relação com a obra de Marc Bloch sobre o ofício do historiador e suas práticas. Canções inseridas em diversas tramas e que atuam efetivamente nas composições desses tecidos sociais e na constituição do imaginário mobilizado pelos sujeitos em suas ações.⁷¹

⁶⁹ Ver MAIA JÚNIOR, Edmílson Alves. Relato de Viagem: o livro Apologia da História e o uso de canções no ensino de disciplinas da Área de Teoria e Metodologia em História. **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p.118-141, 2017

⁷⁰ Idem. p. 119.

⁷¹ Idem. p.120.

Maia Júnior escolhe faixas musicais dos mais variados gêneros e estilos e as relaciona com os apontamentos de Bloch levando seus alunos a distinguirem a construção histórica através da identificação dos vestígios deixados nas realizações humanas. Suas considerações finais são fundamentais, pois ao analisar o método nos lega preciosos ensinamentos sobre as relações possíveis da música e a teoria da História. Ouçamos o que ele nos tem a dizer:

Busquei estudar com as canções as tramas e reflexões sobre o tempo, em uma interpretação da memória e dos vestígios na atuação do historiador. Procurei com as músicas possibilidades para refletir sobre procedimentos teórico-metodológicos discutidos por Marc Bloch. Tal uso das canções no debate sobre como diversos sujeitos narraram seus dramas e os vestígios deixados em suas vidas realçou perdas e ausências. Tais narrativas serviram para reelaborar experiências de rupturas e perdas, o tempo vivido. (...) Ouvir e discutir canções sobre o tempo, sobre vidas e suas marcas, seus rastros, foram maneiras para ampliar horizontes nessa viagem em busca de compreender outras experiências, com seus projetos, territórios, desejos e conflitos. Pensar a História em sua feitura, não apenas seu resultado final. Com o uso das canções vislumbramos um saber em sua construção, em seu frescor, apresentamos caminhos da investigação histórica.⁷²

Buscar caminhos de investigação histórica através do uso das canções é um procedimento que justifica sua utilização como recurso pedagógico e principalmente como fonte histórica, vestígio do passado. Existem várias maneiras de se fazer isso. Outro artigo na publicação investiga uma alternativa muito interessante.

Trata-se de “*História por Música: aplicações de um projeto de música popular e ensino de história*”, de autoria de Carlos Eduardo de Freitas Lima. Um trabalho que analisa usos e aplicações do ensino da História no Facebook. Ele mostra as experiências do autor em sua página “*História por Música*”, na qual frequentemente posta textos que buscam articular conhecimentos históricos e historiográficos, transmitidos ao público mediante alguma canção popular como forma de despertar o interesse para os assuntos citados.⁷³

O artigo analisa como são tratadas e transmitidas essas informações, relatando a reação do público frequentador e discutindo sua utilização. Com isso, reflete sobre a importância das mídias digitais, como ferramentas de difusão do conhecimento histórico e a busca por novos métodos para o ensino e a aprendizagem em História.

⁷² Idem. p. 137-138.

⁷³ Ver LIMA, Carlos Eduardo de Freitas. *História por Música: aplicações de um projeto de música popular e ensino de história*. **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p.216-236, 2017.

O autor esmiúça precisamente nove exemplos de postagens de canções, nacionais e internacionais, na página do Facebook do referido projeto, nos mostrando a versatilidade que o uso de tal ferramenta traz para a divulgação das possibilidades de se pensar História através das canções.

Embora seja pensado para um público mais amplo, não se restringindo ao universo da sala de aula, esta experiência nos leva a imaginar uma infinidade de usos e possibilidades que as mídias digitais podem assumir como na relação da música com o Ensino de História. No entanto, na sua conclusão, Lima nos faz uma alerta:

O grande questionamento talvez resida na liberdade proporcionada pela rede social, que pode ensejar a tomada de posição no âmbito político, que, não observada ou adotada de forma intensa, pode colocar em risco a capacidade realmente valiosa da articulação entre as instâncias História e Música Popular.⁷⁴

O que nos faz perceber que um planejamento pedagógico consistente é essencial para qualquer projeto que pense a construção do conhecimento histórico, seja na sala de aula, seja nas redes sociais. Não dá pra dissociar a elaboração do método das teorias que pensam e propõem o fazer histórico.

Um artigo que, de certa forma, condensa e sintetiza as inúmeras abordagens e alternativas trazidas pelo Dossiê é o “*Na trilha sonora da História: a canção brasileira como recurso didático-pedagógico na sala de aula*”, de Luís Guilherme Ritta Duque. Este trabalho tem como objetivo principal elencar possibilidades de utilização da canção brasileira nas aulas de História, levando em conta uma diversidade de elementos presentes tanto nas obras musicais quanto no contexto histórico da produção das mesmas.⁷⁵

O autor parte do questionamento de seus alunos de graduação em História da Faculdade Cenecista de Osório, Rio Grande do Sul, que desejavam utilizar a música como recurso didático, em sala de aula, nas suas experiências de estágio para refletir sobre o tema.

Duque propõe que para acenar com a possibilidade de se trabalhar com a música em um contexto pedagógico é preciso considerar “as obras nos seus mais diversos aspectos, tais como referências histórico-culturais, público, tecnologia disponível, as

⁷⁴ Idem. p. 234.

⁷⁵ Ver DUQUE, Luís Guilherme Ritta. Na trilha sonora da História: a canção brasileira como recurso didático-pedagógico na sala de aula. **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p.295-314, 2017.

diferentes versões, a circulação possível e seus reflexos, assim como os diferentes estilos, ritmos e tendências⁷⁶.

Este cuidado metodológico com as canções tem que seguir, segundo ele, lado a lado com um especial preparo pedagógico na inserção das mesmas no ambiente escolar. Elas não devem ser tomadas como registros da verdade do que aconteceu no passado e muito menos como simples ilustração dos conteúdos abordados. É preciso haver uma problematização da canção quanto fonte histórica e recurso pedagógico. Como sugestão para a atividade em sala de aula, Duque sugere que:

devemos levar em conta que existe uma grande possibilidade de haver diferenças significativas entre o que é ouvido pelos alunos e o que é do conhecimento (ou mesmo do gosto) dos professores no que diz respeito a estilos musicais. Nesse sentido, cabe o investimento em um processo de aproximação entre o que os educandos usualmente ouvem, o que os professores podem trazer, e aquilo que pode ser utilizado como fonte primária em sala de aula. Tal exercício inicial pode envolver temáticas, estilos, ritmos ou qualquer outro aspecto de uma canção que pode servir de elo entre a realidade do aluno e o tipo de fonte sonora trabalhada pelo professor. O mais importante nesse tipo de prática é estabelecer um exercício de diálogo, construindo em conjunto uma atividade que envolva música e História pelo entendimento das diferenças.⁷⁷

Esta proposição visa fazer com que o trabalho com as canções possa ter uma efetividade maior, aproximando alunos e professores, evitando uma resistência com estilos musicais e gostos pessoais estranhos uns aos outros. Pode parecer óbvio, mas esse tipo de preocupação pode definir o sucesso ou não de uma metodologia didática. Perceber que a música envolve identidades e sensibilidades plurais é algo que não pode ser esquecido.

Ainda apontando nesta direção o autor conclui sua análise ressaltando o cuidado na construção da atividade pedagógica e ressaltando a atenção que tal metodologia deve ter, já que:

O interessante é abrir espaço para a manifestação do aluno na formulação da proposta que será posta em prática, sem deixar de apresentar aquilo que pode ser novidade para o aluno, como canções, estilos, temas e narrativas que, sendo de outras épocas, talvez ele não conheça, e que podem apresentar informações sobre o passado, enriquecendo o debate em sala de aula. (...) nunca podemos perder de

⁷⁶ Idem. p. 297.

⁷⁷ Idem. p. 299.

vista que ao trabalharmos a canção brasileira em sala de aula não devemos ter como objetivo o desenvolvimento de uma atividade recreativa, ou mesmo um *show* de curiosidades (onde o professor apresenta o que lhe parece interessante e o aluno mostra o que ouve no dia a dia). A proposta deve ter como eixo principal a análise de fontes históricas, que não devem ser consideradas como algum tipo de curiosidade sobre o passado ou um fragmento da verdade deixada por nossos ancestrais, mas sim um documento produzido com alguma intencionalidade, passível de análise, crítica e discussão.⁷⁸

Ter esse duplo entendimento parece ser a medida mais acertada ao se pensar na possibilidade de elaborar uma proposta que preveja a construção do conhecimento histórico mediante o uso de canções. É preciso considerar a música na sua integralidade como fonte histórica e recurso pedagógico e imaginar os alunos na hora de elaborar uma metodologia que seja eficiente na construção dos procedimentos didáticos em sala de aula. O que nos leva a concluir que refletir a História através da música, além de possível é extremamente sedutor.

Diante de todo o exposto, cogito ser plenamente possível escolher utilizar canções para se discutir noções de temporalidade junto a alunos do Ensino Médio. Tendo o extremo cuidado de pensar teoricamente tanto a música como a forma com que os alunos interagem com a mesma. Tentando construir o conhecimento de uma forma lúdica e interessante enquanto despertamos sensibilidades tendo por companhia boas canções.

O panorama aqui apresentado busca vislumbrar as inúmeras possibilidades e reforçar nossa escolha teórica por uma metodologia que considere a canção na sua integralidade: letra, melodia e aspectos extra musicais da obra. Uma postura que considere os alunos com suas sensibilidades e gostos e, principalmente, como agentes ativos no processo ensino-aprendizagem, capazes de perceber o documento musical, como fonte histórica e obra de arte. Qualificados para interagir com ela, perceberem a passagem do tempo, a forma como ela se dá e a possibilidade de intervenção e transformação da realidade.

⁷⁸ Idem. p. 311.

2. ENSINO DE HISTÓRIA, TEMPORALIDADE E CANÇÕES:

Após esmiuçarmos o estado atual do debate sobre a relação entre (ensino de) História e Música, torna-se necessário voltarmos nossa atenção para a sala de aula e a questão das temporalidades. Pensar a escola e o cotidiano escolar, nos leva quase que imediatamente a refletir sobre o tempo.

Organizador e disciplinador, o tempo da escola assume uma dimensão complexa, multifacetada e um tanto naturalizada por parte dos alunos. As horas pré-determinadas para entrar, estudar, lanchar e sair fazem parte da rotina internalizada pelos estudantes e são parte da estrutura disciplinante do ambiente escolar. Da pré-escola ao ensino médio, a temporalidade escolar se estrutura desta maneira. Entretanto, é preciso entender de que maneira o tempo da escola é percebido e reelaborado pelos alunos enquanto são submetidos a ele e como ele se relaciona com o tempo histórico.

Diante desse cenário de múltiplas temporalidades, o ensino de História tem um papel preponderante, pois é quando essa temática se apresenta como um conteúdo próprio, de forma didatizada, para a reflexão por parte dos alunos. É nesse ponto que alguns questionamentos emergem. De que formas as temporalidades são apresentadas aos alunos? Qual a importância de se refletir sobre esse assunto junto com eles? Como o ensino de História encara e trabalha a questão das temporalidades?

Esses questionamentos são o ponto de partida para se investigar as relações entre temporalidades, escola e ensino de História.

2.1. O Tempo, a História e o seu Ensino:

A história é a ciência dos homens no tempo. Essa frase, de autoria de Marc Bloch⁷⁹, é a definição mais clichê e mais ouvida quando perguntamos aos alunos, geralmente no início de cada ano letivo, o que vem a ser a História. A resposta, no entanto, apesar de clichê, nos aponta a intrínseca relação que o tempo estabelece com a ciência História e principalmente com seu ensino nos bancos escolares.

Investigar os usos e as possibilidades dessa relação é fundamental para a construção de um conhecimento que fuja do senso comum, como a resposta dos alunos

⁷⁹ BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

enseja. Nesse caso, o senso comum se estabelece a partir de uma não determinação sobre que tempo é esse onde a História se articula. Para descontruir essa situação, entretanto, é preciso entender a pluralidade de temporalidades existentes para perceber como os historiadores, ao se servirem do tempo, simultaneamente o constroem, além de construir o seu próprio conhecimento.

Para falar sobre o tempo é preciso pensar em noções de temporalidade, já que o tempo tem uma amplitude conceitual espetacular. Debatido entre filósofos e pensadores, mas nunca apreendido por completo, não é possível estabelecer uma definição única e universal, mas apenas observar a multiplicidade de formas de percepção de sua ‘presença’.

A primeira percepção que temos do tempo é o da experiência individual de cada um de nós, o qual podemos chamá-lo de *tempo vivido*, que englobaria o tempo biológico e o tempo psicológico. O tempo biológico seria aquele que demarcaria as etapas da vida de um ser humano, tais como: infância, adolescência, idade adulta e velhice e que na nossa sociedade seria marcado pelos anos de vida do indivíduo, enquanto que em algumas culturas indígenas, essa passagem seria marcada não pela idade, mas por marcas ritualísticas importantes, celebradas em cerimônias perante toda comunidade. Já o tempo psicológico revelaria a percepção da passagem do tempo biológico para cada um de nós. A forma como cada um percebe os acontecimentos cotidianos. Que podem durar mais ou menos, passar de forma lenta ou rápida de acordo com a percepção individual de cada um de nós.⁸⁰

Paralelamente ao tempo vivido, existe o tempo concebido, que é a forma que as diversas sociedades encontraram para organizar e sistematizar o tempo vivido, controlando-o. Esta construção varia de acordo com cada cultura e pode gerar diferentes formas de se relacionar com o tempo. O tempo cronológico dos relógios e calendários é um dos exemplos dessa forma de tempo.⁸¹

Ao conceberem formas comuns para organizarem o tempo, as sociedades elaboram uma temporalidade que não é mais meramente individual, mas sim social, comum aos membros de um grupo. Esse tempo social é o fundamento que permite que a temporalidade histórica possa existir, embora esse tempo próprio da disciplina seja diferente do tempo cronológico. Para Antoine Prost, o tempo da História é um tempo

⁸⁰ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 200.

⁸¹ Idem. p.201.

social, multifacetado e complexo, elaborado pelo próprio historiador na construção de seu objeto de estudo. Segundo o autor:

O vaivém permanente, entre passado e presente, assim como entre os diferentes momentos do passado, é a operação peculiar da História. Ela modela uma temporalidade própria, familiar, como se tratasse de um itinerário incessantemente percorrido, em uma floresta, com seus pontos de referência, suas passagens mais delicadas ou fáceis. Por estar imerso no tempo, o historiador o coloca, de algum modo, à distância de seu trabalho, balizando-o com suas pesquisas, delimitando-o com seus pontos de referência e fornecendo-lhe uma estrutura⁸².

Esta estrutura que os historiadores fornecem é a própria objetivação do tempo, que permite reconstruir tempos que não vivenciamos para que possamos acessá-los do presente. Para isso, os historiadores recorrem ao “tempo métrico – cronologias e periodizações – e ao tempo qualitativo – das durações, da sucessão (diacrônico) e simultaneidade (sincrônico), das mudanças e permanências”.⁸³

Esse arcabouço teórico e temporal, que o historiador utiliza para a construção do tempo próprio da disciplina, leva os mais variados historiadores a darem contribuições importantes e que nos auxiliam muito na hora de pensar essas noções de temporalidade, principalmente no contexto da sala de aula de História.

Um historiador fundamental para essa reflexão sobre a temporalidade histórica foi Fernand Braudel. Principal expoente da chamada segunda geração dos Annales, Braudel colocou a duração como objeto privilegiado de suas reflexões. Procurando relacionar e delimitar os níveis e ritmos que a compõe, ele traçou um panorama que nos permite refletir o tempo histórico, principalmente em sala de aula, com maior precisão e facilidade.⁸⁴

O autor dividiu a duração do tempo histórico em três ordens: curta (ou breve), média e longa duração. A curta duração se refere ao acontecimento: “o tempo breve, à medida dos indivíduos, da vida quotidiana, das nossas ilusões, das nossas rápidas tornadas de consciência; o tempo, por excelência, do cronista, do jornalista”.⁸⁵ A média duração se refere às conjunturas, que pode ser expressa em uma ou algumas décadas. E por fim, a longa duração, o tempo das estruturas que segundo o autor: “é um

⁸² PROST, Antoine. Os tempos da História. In: **Doze lições sobre a História**. Tradução Guilherme J. de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 114.

⁸³ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Op. Cit. p. 204.

⁸⁴ BRAUDEL, Fernand. Op. Cit. p.09.

⁸⁵ Idem. p. 10.

agrupamento, uma arquitetura, mais ainda, uma realidade que o tempo demora imenso a desgastar e a transportar”.⁸⁶ A longa duração só é compreendida quando visualizada em séculos e a velocidade das mudanças é quase imperceptível para o indivíduo comum.

A conceituação de Braudel sobre os movimentos do tempo histórico, além de fundamental para os rumos da produção historiográfica, é também de suma importância para a didatização do mesmo no ensino de História. Em trabalho que sugere essa aproximação entre o autor e a sala de aula, Ricardo Marques de Mello sentencia:

Com o reconhecimento da curta, média e longa duração e, sobretudo, da atuação delas simultaneamente na história, Braudel não apenas repositionou a ciência histórica no debate ante as demais ciências sociais, como também atribuiu novas perspectivas à relação entre passado, presente e futuro. Houve, assim, um novo entendimento de tempo (o objeto primeiro do historiador) e das múltiplas durações coexistentes. Compreender um fenômeno histórico passaria, então, pela análise da relação entre o evento, a conjuntura e a estrutura que subjaz a ambas.⁸⁷

No entanto, ao realizar esse movimento, o autor também adverte que “é preciso realizar um profundo esforço para didatizar as expressões curta, média e longa duração sem tornar a explicação simplista e redutora”.⁸⁸ Transportar os conceitos de tempo histórico para a sala de aula parece sempre ser o maior desafio para os professores de História.

Os usos e possibilidades que existem entre esse tempo histórico e sala de aula são temas relativamente recentes para as pesquisas produzidas no campo do Ensino de História. Em trabalho sobre o tema, Dilma Scaldaferrri argumenta que:

A construção do conceito de tempo histórico e abstrato representa o ponto final da descontextualização dos instrumentos de mediação, quando a mente do adolescente opera com total independência do contexto concreto. Portanto, é necessário que haja antes todo um trabalho de aprendizagem, caminhando para esse entendimento altamente generalizado. É preciso que as atividades escolares favoreçam a compreensão da noção de tempo em suas variadas dimensões, ou seja, o tempo natural cíclico, o tempo biológico, o tempo psicológico, o tempo cronológico, etc. É necessário que o aluno perceba que há um tempo vivido que se relaciona com um tempo social e com um tempo bem mais complexo que é esse tempo histórico, das estruturas de longa, média ou curta duração, produto das

⁸⁶ Idem. p. 14.

⁸⁷ MELLO, Ricardo Marques de. As três durações de Braudel no Ensino de História: proposta de atividade. **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p.237-254, 2017, p.243.

⁸⁸ Idem. p. 243.

ações e relações humanas, no qual coexistem as transformações e permanências e as perspectivas de futuro⁸⁹

A autora destaca a importância da contribuição dos pensadores da educação Vygotsky e Piaget para compreendermos como se dá a apreensão dos conceitos temporais, na sala de aula, pelos alunos, enfatizando que: “ao estudar as medições de tempo, os calendários de outras culturas, os ritmos de vida diferentes, ao distinguir periodicidades, mudanças e permanências nos hábitos e costumes de vários grupos sociais, o adolescente estará caminhando para a construção abstrato-formal do conceito de tempo histórico.”⁹⁰

As possibilidades de formas de trabalho para a construção do conceito de tempo histórico, pelos alunos, nos levam a questionar como as temporalidades são tratadas nas escolas, principalmente nas salas de aula, pelos professores de História.

2.2. Questionamentos envolvendo a abordagem do tempo na sala de aula de História:

Nas escolas, as temporalidades, como temática própria, didatizadas para a sala de aula, começam a ser ministradas no início do ensino fundamental. Desde a pré-escola, no entanto, os alunos entram em contato com práticas escolares onde o tempo aparece em função de “pontas de iceberg”, relacionado à construção de memórias públicas⁹¹. O dia do índio, o dia do soldado, o dia da independência, entre outras datas, ilustram bem como o calendário é utilizado para esse fim, mas sem uma reflexão mais aprofundada sobre o tempo.

Tanto na pré-escola, como na educação básica, no ensino de História, o uso das datações é muito utilizado ainda hoje, mas sem os cuidados devidos. Circe Maria Bittencourt nos adverte sobre o tema:

O uso das datações precisa estar vinculado a uma busca de explicação sobre o que vem antes ou depois, sobre o que é simultâneo ou ainda sobre o tempo de separação dos diversos fatos históricos. Deve-se, em suma, dar um sentido às datações, para que o aluno domine as datas como pontos referenciais para o entendimento dos acontecimentos

⁸⁹ SCALDAFERRI, Dilma Célia Mallard. Concepções de tempo e ensino de História. **História & Ensino**, Londrina: Vol. 14, p. 53-70, ago, 2008. p. 56.

⁹⁰ Idem. p. 57.

⁹¹ MIRANDA, Sônia Regina. Op. Cit. p.38.

históricos.⁹²

A utilização das datações, sem o devido cuidado, nas salas de aula de História, evidencia a forma estanque com que as temporalidades são tratadas pelos docentes. Muito disso se dá pela experiência de formação desses próprios docentes, que faz com que esse tempo utilizado nas aulas não seja problematizado, mas sim naturalizado na medida em que não é refletido.

Em pesquisa com futuros professores de História, em estágio de formação, Marlene Rosa Cainelli concluiu que “a ideia sobre ensinar História que ainda tem força é de uma história universal, atemporal e deslocada de seus lugares de produção.”⁹³ Essa concepção vai se refletir nas práticas adotadas pelos professores ao trabalharem o tema com os alunos.

Dessa forma, o tempo, como conteúdo, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio, é apresentado regularmente de forma sistêmica, através de uma estratégia pedagógica muito conhecida e pouco questionada: a linha do tempo. A construção de linhas do tempo seja ela, no início do ensino fundamental, seja ela no ensino médio, é um recurso pedagógico inevitavelmente utilizado pelos professores quando vão falar sobre as temporalidades.

Sônia Regina Miranda, em artigo que trata das temporalidades na escola, ressalta que a linha do tempo, embora um recurso válido, esconde algumas armadilhas que precisam ser evitadas, vejamos:

a linha do tempo – e de um modo genérico esse ponto aparece como um primado restritivo – remete-se a um sentido de sucessão, uma sequência de fatos representando algo que vem antes e depois de um ponto determinado. Essa sequência, antes de ser representada, precisa ser produzida conforme seus sentidos de anterioridade e posterioridade e, consequentemente, deriva-se de uma escolha narrativa. Além disso, a linha do tempo, normalmente compreendida somente no singular, pressupõe muitas linhas paralelas, o que ancora a construção da compreensão de simultaneidade e permite, ao estudante, a percepção de que determinados aspectos se cruzam na experiência temporal compartilhada. Isso significa dizer que linhas do tempo pautadas em uma vida, desconectadas de outras, pouco ou nada favorecem essa compreensão. Uma linha do tempo pressupõe, ainda, a representação de uma duração, o que se ancora na construção na noção de escala gráfica. Por último, ao se remeter a uma escolha narrativa, a linha do tempo pressupõe uma articulação com as operações de seleção da

⁹² BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Op. Cit. p. 212.

⁹³ CAINELLI, Marlene Rosa. Os saberes docentes de futuros professores de História: a especificidade do conceito tempo. **Curriculo sem Fonteiras**. v.8, n.2, p.134-147, jul-dez, 2008, p. 144.

Memória, pois guarda relação com prioridades, escolhas, lembranças, esquecimentos e, sobretudo, com as fontes de informação.⁹⁴

Esses aspectos salientados pela autora também fornecem a chave para definir que reflexões devemos ter ao elaborar essa atividade junto aos alunos. A linha do tempo, embora um recurso bastante saturado, já que o tempo é bem mais que uma linha, não deve ser meramente descartado, pois tem sua validade, ela apenas precisa de alguns cuidados na hora de sua utilização como recurso didático para tratar das temporalidades. Acreditamos que, se construída com esmero, e aliada a outras formas de representação do tempo, como a própria canção, a linha do tempo pode continuar sendo útil e não deve ser desconsiderada.

Sônia Regina destaca alguns cuidados que devem ser considerados na hora de elaborar uma atividade utilizando a linha do tempo. Primeiramente, ela destaca a importância de se discutir com os alunos a dinâmica entre o lembrar e o esquecer, partindo do ponto mais próximo ao mais distante, em termos temporais, o que quer dizer tomar o presente (e não o passado) como ponto inicial para a construção de uma representação do tempo sob forma de linha.⁹⁵ Essa perspectiva é muito interessante, pois a construção de uma cadeia de eventos a serem registrados nas linhas do tempo, geralmente partem do passado até o presente, denotando, invariavelmente, uma ideia de progresso. Inverter a lógica costumeira da atividade é um bom início para problematizar o seu uso. Outro aspecto destacado pela autora é a necessidade de uma formação de consciência a respeito das noções de escala gráfica, para se trabalhar com esse recurso é preciso um trabalho *a priori* de alfabetização cartográfica, que muitas vezes os alunos não possuem.

No entanto, mesmo com todos esses cuidados, a linha do tempo não deve ser a única possibilidade para se pensar as temporalidades na sala de aula. É preciso buscar alternativas, já que “o tratamento do tempo como linha pouco favorece a emergência de outras representações e imagens que permitam, à criança e ao jovem, a compreensão de que a passagem do tempo não tem, no progresso, sua decorrência natural.”⁹⁶

É preciso lembrar que o uso das linhas do tempo e a ideia de que a passagem do tempo está ligada a uma ideia de progresso tem, em grande parte, decorrência nas concepções de História e de tempo histórico que são feitas nos currículos da disciplina.

⁹⁴ MIRANDA, Sônia Regina . Op.Cit. p.51-52.

⁹⁵Idem. p. 52.

⁹⁶ Idem. p. 56.

A temporalidade nos currículos de História é alvo de grandes debates e disputas até hoje. Os usos e relações que a contemporaneidade estabelece com o passado transformam o conhecimento histórico e, principalmente seu ensino, em elementos de lutas identitárias, transformando o tempo em uma ferramenta de produção de identidade, usando o passado para dar sentido à sociedade no presente.⁹⁷

Ao analisar diferente propostas curriculares para o ensino de História Circe Maria Bittencourt aponta:

As formulações de novas propostas curriculares são justificadas ao se apresentarem como meio de superarem um ensino de História que se fundamenta na construção de um tempo histórico homogêneo, determinado pelo eurocentrismo e sua lógica de periodização baseada no sujeito histórico Estado-nação. E, nessa perspectiva, propõem-se a trabalhar com as diferentes temporalidades e os diferentes sujeitos. [...] Assim, as justificativas das propostas apontaram para a alteração e superação da concepção de tempo histórico evolutivo e progressista.⁹⁸

Apesar de diversas propostas apontarem esse caminho de alteração e superação de uma determinada concepção temporal, a questão ainda não pode ser considerada solucionada. Carmen Teresa Gabriel, em artigo que analisa uma das versões da BNCC de História deixa claro as tensões que ainda existem nas disputas pelos currículos da disciplina. Para ela “uma multiplicidade de discursos de diferentes ordens [...] são mobilizados e hibridizados para sustentar os diferentes interesses em disputa em torno de um projeto de sociedade e de escola pública para a educação básica”.⁹⁹ No que tange às temporalidades nesses discursos materializados na proposta, ele é taxativa:

Ao reduzir a questão da temporalidade, elemento estruturante do pensamento histórico, a um dos quatro eixos - representação do tempo - a proposta aumenta consideravelmente o risco da fragmentação das narrativas, enfraquecendo uma noção chave para a interpretação histórica que é a noção de *processo*.¹⁰⁰

Essa preocupação tem sua razão de ser, pois as formas de se estruturarem as

⁹⁷ SILVA, Adriano da. **Tempo e temporalidade no Ensino e na Aprendizagem da História: um desafio a enfrentar**. Rio de Janeiro - RJ, 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História), ProfHistória, UFRJ, 2016. p.30.

⁹⁸ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Capitalismo e Cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 21.

⁹⁹ GABRIEL, Carmen Teresa. Nação, diferença e temporalidade: uma análise discursiva da BNCC de História. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”?**. 1ed.Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016, v. 1, p. 100-125. p. 100.

¹⁰⁰ Idem. p. 122.

temporalidades nos currículos afetam diretamente no modo como a História é construída em sala de aula. Embora não seja mais novidade, a perspectiva de estruturação de uma História por eixos temáticos ao invés da periodização tradicional ainda suscita inúmeros debates.

Em tese de doutorado que realiza um balanço historiográfico sobre os usos do tempo histórico nas pesquisas no Ensino de História, Leide Turini faz um apanhado das propostas acerca das formas de trabalhar as temporalidades na sala de aula. Sobre as propostas de um ensino de história baseado em eixos temáticos ela discorre:

Um dos princípios fundamentais, o qual torna a proposta de um ensino de História por eixos temáticos uma perspectiva inovadora, é, segundo seus propositores, a possibilidade de se pensar a relação entre passado, presente e futuro por outros parâmetros que não aqueles vinculados a uma concepção linear da história e a uma noção de tempo evolutivo à qual associa-se a idéia de progresso e uma visão eurocêntrica da história. O ensino de História por eixos temáticos teria como um dos seus pressupostos a ruptura com a sequência cronológica dos temas selecionados para o estudo e a problematização do presente a partir da relação entre múltiplos tempos.¹⁰¹

No entanto, na sequência, ela trata das críticas e do porquê tal metodologia não teve ampla adesão pelos professores. Uma vez que:

[...]os temas abordados nas aulas não apenas se referenciam no presente, mas nele se isolam, caracterizando-se pela simplificação e superficialidade. Perde-se então, a oportunidade de enfatizar a importância das *reflexões de natureza histórica* que pressupõem, incondicionalmente, a relação entre presente e passado.¹⁰²

Dessa forma, é preciso pensar uma proposta de ensino que leve em consideração a especificidade do conceito de tempo histórico para a construção do conhecimento de História em sala de aula.

2.3. Escolhendo canções para refletir:

Ao iniciarmos uma reflexão sobre as temporalidades e as possibilidades de se

¹⁰¹ TURINI, Leide Divina Alvarenga. **O tempo histórico na pesquisa sobre o ensino de História: Um balanço historiográfico.** Campinas - SP, 2006. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campina UNICAMP. Campinas, SP, 2006. p.65.

¹⁰² Idem. p.66.

discutir sobre o tema, na sala de aula de História, precisamos ter bem claro que finalidade temos ao definirmos uma abordagem que utilize canções como ferramenta pedagógica para se refletir sobre o assunto. Como já foi dito, as canções podem ser usadas no sentido de despertar as sensibilidades dos alunos, seria então óbvio que além de despertar as sensibilidades dos alunos para a música e o conteúdo que as canções abordam, também pudéssemos meditar sobre sua utilização no sentido de educar para despertar uma sensibilidade histórica, uma sensibilidade que os fizesse refletir sobre o tempo.

Sônia Regina Miranda pontua que educar para a sensibilidade histórica consistiria em “educar o olhar, em múltiplas direções e para um espectro de focos que vá além do estrutural, mas que provoque a captura do instante, do banal, do singular e residual”.¹⁰³ Outra autora que nos aponta a necessidade de uma educação que desperte para a percepção e principalmente para a reflexão histórica é Lana Mara de Castro Siman. Ela defende que:

pensar historicamente supõe a capacidade de identificar e explicar permanências e rupturas entre o presente/passado e futuro, a capacidade de relacionar os acontecimentos e seus estruturantes de longa e média duração em seus ritmos diferenciados de mudança; capacidade de identificar simultaneidade de acontecimentos no tempo cronológico; capacidade de relacionar diferentes dimensões da vida social em contextos sociais diferentes. Supõe identificar, no próprio cotidiano, nas relações sociais, nas ações políticas da atualidade, a continuidade de elementos do passado, reforçando o diálogo passado/presente. Como desenvolver nos alunos esse modo de pensar? Advogamos a favor da ideia de que devamos introduzi-los o mais cedo possível nessa tarefa, pois o seu desenvolvimento não é inato e, muito mais cedo do que pensamos, as crianças podem, por meios diversos, iniciarem-se em modos de pensar a História.¹⁰⁴

Problematizando tal demanda, esta pesquisa pretende articular o cotidiano da sala de aula, as reflexões sobre as temporalidades e as canções, pois consideramos que o tempo presente “é prenhe de diferentes tempos e é resultado de uma síntese histórica complexa.”¹⁰⁵

Ao afirmar a multiplicidade de temporalidades existentes dentro de um mesmo tempo é inevitável falar do trabalho de Reinhart Koselleck. O conceito de “estratos do

¹⁰³MIRANDA, Sônia Regina . Op.Cit. p. 60.

¹⁰⁴ SIMAN, Lana Mara de Castro. A Temporalidade Histórica como Categoria Central do Pensamento Histórico: Desafios para o Ensino e a Aprendizagem. In: ROSSI, Vera L. Sabongi ; ZAMBONI, Ernesta (orgs.). **Quanto tempo o tempo tem!** Campinas: Alínea, 2003, p. 109-143. p.119.

¹⁰⁵ MIRANDA, Sônia Regina . Op.Cit. p. 61.

tempo”, definido por ele, nos ajuda a pensar as temporalidades nos mais variados ritmos, pois “uma vez que as estruturas de repetição nunca se reproduzem de forma homogênea, impõe-se do ponto de vista teórico, a questão das diferentes velocidades de mudança, dos atrasos e acelerações”¹⁰⁶.

Outros conceitos importantes de Koselleck e que serão aparatos importantes na escolha das canções para refletirmos na nossa proposta, são os de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas”. Essas duas categorias são fundamentais para se pensar o tempo histórico e refletir sobre as diversas formas de se conceber a História. Na definição do próprio autor:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada a experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento das histórias alheias. [...] Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto¹⁰⁷

Nesse sentido, duas canções específicas são de amplo importante na definição de uma proposta metodológica que nos auxilie a refletir sobre essas complexas noções junto aos alunos. São elas, “*Diário de um detento*” do grupo de rap paulista Racionais Mc’s e “*Cotidiano*”, de Chico Buarque de Hollanda.

“*Diário de um detento*” aborda a chacina ocorrida no presídio paulista do Carandiru, em 1992, quando vários policiais executaram 111 presos, durante uma rebelião. No entanto, apesar da canção ser um protesto e uma denúncia, ela discorre sobre a percepção da passagem do tempo numa situação de confinamento, ao registrar os dias na prisão. Gravada em 1997, no disco “*Sobrevivendo no Inferno*”, foi e é até hoje um dos grandes sucessos do grupo.

Já “*Cotidiano*”, considerada por muitos, um clássico da MPB, foi gravada por Chico Buarque, em 1971, no disco “*Construção*”. Ela aborda a rotina da vida de um trabalhador ao longo dos dias, na percepção do mesmo.

¹⁰⁶ KOSELLECK, Reinhart. Op. Cit. p. 15.

¹⁰⁷ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro. Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 309-310.

As duas canções, através de sua musicalidade e pela forma com que tratam suas temáticas, nos possibilitam refletir sobre como o tempo pode ser percebido de diferentes formas, influenciando assim na maneira como se enxerga não só o presente, mas o passado e o futuro.

Dito dessa forma, outro teórico é de suma importância para essa análise: François Hartog. A sua ideia de presentismo, ou seja, de um presente onipresente, no qual vivenciaríamos a tirania do instante e a estagnação de um presente perpétuo, é suporte teórico imprescindível para essa construção.¹⁰⁸ Para o autor, “o presentismo pode, assim, ser um horizonte aberto ou fechado: aberto para cada vez mais aceleração e mobilidade, fechado para a experiência diária e um presente estagnante.”¹⁰⁹ Essa ideia de um presente estagnante, muito característica dos nossos dias, é bem discernível na audição das canções, o que nos propicia uma boa possibilidade de debate com os alunos em sala.

Hartog também nos fornece a chave para esmiuçarmos essa proclamada “crise do tempo”. Trata-se da noção de regime de historicidade que, segundo ele, “é uma ferramenta heurística, ajudando a melhor apreender momentos de crise no tempo”, quando passado, presente e futuro vêm perder sua evidência e articulação.¹¹⁰

Um trabalho que nos ajuda a relacionar o pensamento de Hartog com o ensino de História, é o artigo de Durval Muniz de Albuquerque Júnior.¹¹¹ Nele, o autor discorre sobre algumas possibilidades de atuação docente para a efetiva construção do conhecimento histórico em sala de aula. Para Durval, o ensino de História tem a finalidade óbvia de fazer o aluno ter a experiência de ir para fora do seu tempo, experimentando outros tempos, outros olhares e outros valores. Neste sentido, “o regime de historicidade nutre todas as coisas com dadas regras para se viver e pensar o tempo, ele alimenta nossas nostalgias e esperanças, configura, delineia nossas experiências e nossas expectativas.”¹¹²

A reflexão de Durval sobre o regime de historicidade é fundamental para a construção da dimensão propositiva desta pesquisa, pois considera as próprias temporalidades de cada aluno e a atuação docente frente a elas. Para o autor, a postura e o embasamento teórico transformam o professor de história num verdadeiro construtor

¹⁰⁸ HARTOG, François. Op. Cit. p.14.

¹⁰⁹ Idem. p. 15.

¹¹⁰ Idem. p. 37.

¹¹¹ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. Regimes de Historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de História, IN: GABRIEL, C.T.; MONTEIRO, A.M.; MARTINS M. B. **Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2016. p.19-42.

¹¹² Idem. p.38.

de temporalidades, pois ao saber conectar o tempo individual de cada aluno com o tempo trazido pelas fontes, no nosso caso, as canções, ele tem a possibilidade de fazer sua turma assimilar “o que é básico no ensino de história: a própria percepção da historicidade de todas as coisas”.¹¹³

Diante da possibilidade de articular essas diversas temporalidades no espaço escolar, esta pesquisa pretende investigar, junto aos alunos, a própria percepção dessas temporalidades. Como a apreensão desses tempos pode nos tornar conscientes de nosso próprio regime de historicidade? De que maneira, pensar sobre o tempo pode nos tornar conscientes de nosso papel de agentes na transformação da realidade?

Durval aponta para uma reflexão e uma saída: “Se a escola é o lugar da produção de subjetividades, é o lugar da produção de humanos, que seres humanos queremos produzir?”. Para o autor, o ensino de história é ferramenta privilegiada para que vivenciemos e compreendamos as dores alheias, construindo assim, mais empatia e tolerância para com o outro, contribuindo para diminuição da insensibilidade e dos fascismos que assolam nosso cotidiano.¹¹⁴

2.4. A construção de uma sequência didática:

Articular todas essas reflexões transformando-as em um “produto” a ser utilizado no âmbito da sala de aula, ou seja, uma sequência didática a ser aplicada em turmas do Ensino Médio é um desafio imenso. É preciso planejar detalhadamente todas as etapas dessa construção para podê-la inserir com efetividade na prática cotidiana escolar. Vamos começar esclarecendo os parâmetros utilizados para a realização dessa pesquisa, tais como, onde e em quais turmas esse trabalho foi aplicado.

A escola em que trabalho e onde realizei a pesquisa é o Ciep 156 Doutor Albert Sabin, localizado em Seropédica. A escola trabalha exclusivamente com Ensino Médio.

Tendo aulas nos três turnos: manhã, tarde e noite. Escolhi com alvo prioritário da referida pesquisa duas turmas do 2º ano e uma de 3º ano, todas no turno da manhã.

As escolhi porque como já foi dito, como conteúdo específico, as temporalidades aparecem no currículo estadual apenas no início do 1º ano e minha intenção é provocar um questionamento provando que esse debate pode ser inserido em outros contextos, já que trata da própria especificidade do Ensino de História.

¹¹³ Idem. p. 39.

¹¹⁴ Idem. p. 42.

Como um dos meus pressupostos é promover uma reflexão por parte dos alunos relacionando suas próprias temporalidades com as observadas nas canções e no cotidiano escolar, a escolha de turmas do 2º também se justifica, já que não estão ingressando na escola, como as turmas do 1º ano. A escolha da turma do 3º ano visa também refletir como os alunos percebem esse momento de transição, com a cabeça voltada para o Enem e para as escolhas que os direcionam para o Ensino Superior e para o mercado de trabalho, como normalmente acontece nessa fase da vida. Escolhido o público alvo da minha pesquisa é preciso, de fato, explicar como essa sequência didática aconteceu na prática.

Essa sequência didática, por ser construída em torno de duas canções, leva em consideração a especificidade do tratamento de tal documento em sala de aula. Desta forma, o primeiro cuidado que tivemos foi o de possibilitar, com qualidade, a escuta desse material pelos alunos.

Cumprida esta etapa, foi necessário um tempo para a reflexão sobre essas canções, debatendo-as, em seguida, junto com os alunos. Essa demanda levou em consideração a percepção e o despertar das sensibilidades, que esse material enseja.

Em seguida ao debate das canções, propomos aos alunos a resolução de um questionário, a fim de registrarmos como eles percebem e refletem ao terem contato com tal documentação. Esta produção construída como resultado da aplicação desta sequência didática na sala de aula consistiu nas fontes documentais que essa pesquisa analisou para investigar os limites e as possibilidades de utilização da canção popular para tratar noções de temporalidade junto a alunos do ensino médio.

2.5. Os desafios de uma proposta:

Após todas essas reflexões sobre a escolha das canções e de como transportar didaticamente toda essa construção teórica para a sala de aula, é preciso esmiuçar a sua execução. A referida sequência didática foi aplicada, em novembro de 2017, em duas turmas do segundo ano e uma do terceiro, do Ensino médio, no CIEP 156 Doutor Albert Sabin, situado em Seropédica. Esta sequência, a princípio, demandou três aulas de 50 minutos para ser efetivamente aplicada.

Duas dessas aulas foram utilizadas para audição, reflexão e debate em sala com os alunos, sobre as canções “*Diário de um Detento*” do grupo Racionais Mc’s e

“*Cotidiano*” de Chico Buarque de Hollanda. A última aula foi voltada para a produção dos alunos. Onde num momento oportuno propomos a resolução de um questionário diagnóstico avaliativo.

Este questionário teve a finalidade de tentar registrar como os alunos perceberam as canções, que tipo de questões elas suscitarão após a audição, como elas dialogam com a sensibilidade de cada um e de que maneira eles percebem o tempo nas canções. Após a qualificação e com valiosas dicas e sugestões fornecidas pela banca algumas sugestões foram incorporadas às questões norteadoras que comporão o questionário avaliativo¹¹⁵.

Refletindo sobre a construção desse questionário avaliativo, algumas perguntas foram pensadas para diagnosticar e conhecer um pouco da realidade desses alunos. É de suma importância para esta pesquisa analisar e perceber como se relacionam e consomem música. Qual a experiência deles com relação à aprendizagem das temporalidades e com o uso das canções em sala de aula.

Identificar o que eles pensam sobre o tempo e como a audição das canções permite dialogar com suas sensibilidades e os faz refletir sobre essas questões também é um dos objetivos.

De posse dessa produção, esta pesquisa buscou interpretar os dados refletindo sobre todo o processo que levou à sua construção. Desta forma, procuramos contribuir refletindo sobre os limites e as possibilidades da construção do conhecimento histórico em sala de aula com o uso de tal metodologia.

¹¹⁵ Ver Anexo B. p. 117.

3. ANALISANDO A SEQUÊNCIA DIDÁTICA E A SUA APLICAÇÃO:

A construção de uma sequência didática, na Educação Básica, sempre é marcada por uma expectativa, uma idealização e pelo confronto com a realidade na hora de sua aplicação. A dinâmica escolar e as vicissitudes da sala de aula fazem com que o trabalho docente seja normalmente assinalado por um diálogo entre o que é previsto e o que acontece, de fato, na prática. Ter consciência disso e se preparar para as eventualidades é essencial para todo e qualquer tipo de planejamento pedagógico.

No nosso caso não foi diferente. O trabalho de confecção dessa sequência didática foi sublinhado por muita expectativa, começando quando escolhi essa temática como meu objeto no mestrado e sendo reelaborado diversas vezes ao longo da minha trajetória no PROFHISTORIA. A cada disciplina cursada, conversa com o orientador e nas observações das minhas turmas no CIEP, refletia, considerava e imaginava a melhor forma de realizar este trabalho.

É interessante pensar em toda essa trajetória e perceber como a contribuição de cada uma dessas oportunidades de analisar a minha prática pedagógica e a minha pesquisa foi fundamental para a efetiva construção e execução dessa proposta. Um evento decisivo, neste sentido, foi o momento da minha qualificação. Ter excelentes especialistas da área da educação contribuindo e me ajudando a questionar e refinar minha metodologia e minhas escolhas foi esclarecedor para a montagem dessa atividade.

Pude perceber o que estava nebuloso conceitual e metodologicamente falando e tentar explicitar com mais clareza os caminhos que me levaram até a efetiva realização da dimensão propositiva desta pesquisa. Diante disso, investigar esses caminhos e observar a conjunção entre o que foi idealizado e o que foi realizado é a essência deste momento.

Este capítulo tem por objetivo estabelecer e aprofundar essa investigação. Comparar o que foi pensado, com o que foi executado. Constatando os resultados e as possibilidades que ele enseja. Teoria e prática tentando caminhar lado a lado na construção do conhecimento em sala de aula. Da forma que é possível pensar dentro da nossa realidade cotidiana de escola pública, como todos os dilemas e dificuldades inerentes a esta condição. Imaginando trilhas, caminhos e tecendo considerações no diálogo entre estas duas dimensões. Teoria e prática como melodia e letra, unidas na construção de um sentido. Que possamos compor uma canção de sucesso.

3.1. A metodologia e o público:

Ao pensar numa sequência didática que envolvesse aulas com audição musical e com reflexão acerca do uso da canção na sala de aula e das temporalidades junto aos alunos era necessário definir muito bem que metodologia adotar, pensar nas minhas turmas, na realidade da escola, em que momento abordar estas questões e, principalmente, como fazer isto dentro do meu planejamento letivo anual.

Definida para ser aplicada dentro do segundo semestre de 2017, esta atividade ocorreu, enfim, somente no final do ano, por conta da minha qualificação. Meu orientador e eu achamos melhor ter em mente submeter à pesquisa ao exame de qualificação após a realização do capítulo onde penso teoricamente a construção desta sequência didática. O que se mostrou um acerto muito grande, pois a contribuição da banca foi decisiva na hora da montagem do questionário e da definição da própria metodologia deste trabalho.

Fui instado nesse processo a traçar um diagnóstico sobre meus alunos, suas relações com a música, identificando que cultura musical possuíam e, principalmente, o que pensavam da disciplina História e como a viam dentro de seus cotidianos e na construção e percepção de suas próprias temporalidades.

Por conta disso, a sequência ocorreu, de fato, no final do quarto bimestre de 2017, mais especificamente no dia 29 de Novembro de 2017, uma quarta-feira, uma semana antes do calendário de provas finais, marcado pela escola, que encerrava o ano letivo. A escolha desse momento para a execução desse trabalho apesar de ser contingencial foi muito positiva, pois permitiu construir para esta atividade um contexto um pouco diferente do habitual.

Pude inseri-la no meu planejamento anual como mais que uma simples aula desconexa de toda reflexão que realizamos ao longo do ano letivo, mas como uma atividade em substituição a esta avaliação final, tendo em vista que já tínhamos realizado na semana anterior uma feira de exposições de trabalhos referentes à Semana da Consciência Negra, que valeria grande parte da nota final naquele bimestre.

No entanto, não queria que esta proposta fosse encarada pelos alunos como mais uma avaliação, numa cultura muito comum no ambiente escolar de perceber e encarar as atividades sugeridas pelos professores com o mero propósito de garantir boas notas e conseguir aprovação no final do ano letivo. Como os alunos já estavam com sua situação praticamente definida com relação à aprovação pude aproveitar o espaço no

planejamento para usarmos este momento para fazer algo diferente, sem a cobrança de uma avaliação tradicional, mas também sem a desimportância de uma atividade qualquer sem peso nenhum na vida acadêmica deles.

Tentar fazer desta situação algo prazeroso, apenas ouvir as canções e pensar sobre o assunto. Em suma, usar este momento numa tentativa de educar para sensibilidade histórica, como nos propôs Sonia Regina Miranda, que seria, segundo ela: “educar o olhar, em múltiplas direções e para um espectro de focos que vá além do estrutural, mas que provoque a captura do instante, do banal, do singular e residual”.¹¹⁶

Ouvir as canções com esse cuidado, poder escutar suas impressões e perceber como estas tocaram sua sensibilidade e como atuavam como um motivador para pensar as possibilidades da canção na sala de aula e a percepção das temporalidades era um pressuposto importante e eu pude aproveitar muito bem esta forma de conduzir as coisas, utilizando a canção como fonte histórica e como instrumento de mediação na hora de refletir e construir o conhecimento histórico com eles.

Era importante para a investigação não transformar esta atividade numa avaliação tradicional, já que ao agir assim, os alunos não compreenderiam a finalidade da proposta e iriam se preocupar em ‘acertar’ as respostas, quando na realidade era preciso simplesmente ouvir as canções e tentar refletir para debater sobre o tema e responder o questionário de acordo com suas impressões e pensamentos.

Adotar esta postura metodológica foi muito importante, pois permitiu fazer dessa proposta uma culminância e um encerramento de todas as reflexões que tivemos ao longo de todo ano letivo. Não apenas cumprir todo o programa de conteúdos do currículo mínimo estadual, mas ter um espaço para analisar nossa trajetória, nosso trabalho e pensar como o Ensino de História pode auxiliar na leitura de mundo que esses alunos realizaram durante esse caminho.

O tratamento metodológico empregado na observação dos dados produzidos (gravação dos debates e questionário) nesta investigação se fez com base nos princípios da pesquisa qualitativa que, segundo Minayo, se ocupa com um nível de realidade que não pode ou não conseguiria ser quantificado. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes dos sujeitos. Esse conjunto de fenômenos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com

¹¹⁶ MIRANDA, Sônia Regina. Op. Cit. p. 60.

seus semelhantes.¹¹⁷

Exposto isso, é preciso conhecer quem é esse público que iria realizar a atividade, falar que são duas turmas de segundo ano e uma de terceiro ano, como já foi explicitado, é muito pouco, torna-se necessário identificar quem são essas pessoas, caracterizar seu comportamento enquanto turma e tentar perceber porque escolhi estas três turmas, neste turno e quais as expectativas com elas junto a este trabalho.

Trabalho no Ciep 156 Dr. Albert Sabin desde 2009, inicialmente lecionava somente para as turmas regulares do turno noturno e assim o fiz até 2013, quando uma diretriz da Seeduc-RJ limitou a idade para matrículas nas turmas regulares o que fez com que alunos maiores de 21 anos não pudessem se matricular em turmas regulares, reduzindo o número de alunos inscritos no turno para o ano de 2014, fechando turmas e fazendo com que, vários professores, inclusive eu, buscássemos outros turnos para podermos completar nossa carga horária¹¹⁸. Por conta deste fato, desde então, completo meus tempos de trabalho no turno da manhã, geralmente assumindo turmas de segundo e terceiro anos, como ocorreu em 2017.

As turmas 2002 e 2001 foram designadas a mim, no início do ano passado, e, como eram minhas turmas, tanto de início como de final de turno, respectivamente, tive problemas com elas por motivos semelhantes. Os alunos ou se atrasavam sistematicamente, chegando sempre no segundo tempo de aula, no caso da turma 2002, ou precisavam sair mais cedo, no caso da turma 2001, pois tinham curso e/ou trabalho na parte da tarde e precisavam se ausentar antes do fim das aulas. Este fato fez com que, na execução da atividade, vários alunos na hora de responder o questionário deixassem algumas respostas incompletas ou em branco. A turma 3004 que, no horário, integrava os tempos intermediários não apresentou tais problemas.

Sobre a origem dos meus alunos, o Ciep 156 recebe estudantes em grande parte de classe média baixa oriundos dos municípios de Seropédica e de Nova Iguaçu, principalmente dos bairros que margeiam a BR-465, antiga estrada Rio-São Paulo e, no caso das referidas turmas não era diferente. Grande parte dos alunos tinha problemas com o horário por conta deste deslocamento e da necessidade de utilizar as linhas de ônibus que perpassam os municípios de Seropédica e Nova Iguaçu, que nem sempre atendiam às demandas deste público, seja por questões de horário ou pela simples recusa

¹¹⁷ Ver MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

¹¹⁸ Ver Resolução SEEDUC nº 4952 de 07 de outubro de 2013.

do motorista de transportar os alunos, um problema que se estende até os dias atuais.

Sobre o comportamento e o rendimento destes estudantes analisados, apesar de serem um pouco dispersos e de demonstrarem certo desinteresse por algumas atividades, nunca tive problemas com relação à disciplina ou com desempenho acadêmico apesar de achar que eles pudessem render mais do que rendiam.

Nosso relacionamento interpessoal sempre foi bom, existindo um diálogo e uma abertura para tratar de qualquer tema dentro das aulas de História. O que tornava a experiência dentro da sala de aula sempre agradável não havendo qualquer atrito ou confrontamento. Mesmo temas polêmicos como religião, drogas e sexualidade nunca foram um problema e sempre os tratamos com a maior naturalidade possível. Tirando uma exceção ou outra, estes alunos sempre demonstraram maturidade para o tratamento dessa e de outras questões.

A turma 3004, particularmente, apresentava um comportamento um pouco distante do que se espera naturalmente de uma turma de terceiro ano, pouco empolgados com o ENEM, a grande maioria apresentava até mesmo um desconhecimento dos trâmites que possibilitavam sua entrada no ensino superior. Numa visita guiada à UFRRJ, organizada em conjunto com os bolsistas do PIBID, que acompanhavam estas turmas comigo, já que eu atuei como supervisor do programa representando a escola, os alunos demonstraram um desconhecimento com relação à própria Universidade, ao fato dela ser gratuita e às formas de acesso e permanência na mesma. Desconhecimento que tentamos desconstruir com iniciativas como essa posto que a Universidade não realiza o trabalho de construir pontes com o município onde ela está sediada e suas escolas.

Sobre a relação destes alunos com a música, um dos motivos que me fizeram escolher estas turmas para a realização desta proposta foi o fato de sempre estarem ouvindo nos fones de ouvido, sendo inclusive motivo de reclamação dos demais professores, já que a escola tem a política de proibir o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula, trazendo violão para a sala de aula e até mesmo passarem o recreio e os tempos vagos tocando e cantando. Pensei que aproveitar isso como estratégia para pensar as temporalidades e o próprio ensino de História junto com eles seria algo possível e desejável. O que me fez imaginar pedir para comporem uma canção falando sobre o tempo como uma das atividades desta proposta o que infelizmente não foi possível concretizar devido à falta de oportunidade e estrutura para organizar isso. Ficamos mesmo somente com o debate e o questionário como material para análise desta pesquisa.

A descrição da atividade, os dados produzidos e a análise do resultado destes consistirá no produto final desta pesquisa, nos levando a refletir sobre essa experiência, seus erros e acertos e sobre a possibilidade de realização de um trabalho como este.

3.2. Ouvindo as canções:

Antes de entrarmos na análise dos dados sobre a nossa pesquisa gostaríamos de explorar como foi a aplicação da sequência, a escuta das canções e como as turmas receberam as mesmas.

Logo de início, surgiu um problema de logística. As salas de aula do Ciep se mostraram acusticamente ruins e não favoreciam a audição das canções como gostaríamos, o que fez com que realizássemos a atividade no auditório da escola, uma sala preparada para reuniões e exibições de vídeos e que permitiu um suporte melhor para a execução da proposta.

Resolvido esse primeiro imprevisto, a primeira ação foi explicar a atividade, esmiuçando o que aconteceria e como aconteceria. Estabelecemos como opção metodológica, primeiro a audição da canção sem a letra, com o objetivo apenas de que os alunos “sentissem” a música, percebendo o ritmo, a melodia e a mensagem da canção. Após esta primeira audição os alunos eram incentivados a falar as suas primeiras impressões. E neste momento, o que se ouvia não era pautado pela letra, mas sim pelo impacto dos parâmetros musicais da canção, o que as canções provocavam em cada um.

Escolhemos começar pela canção “*Diário de um detento*” por acharmos que inverter a temporalidade linear, que usualmente é trabalhada na escola, partindo sempre do mais antigo pro mais recente nos pautando pelas datas de composição das peças causaria um impacto maior, e por esta tratar de um fato relativamente conhecido, o massacre do Carandiru, que foi inclusive tema de filme. Este aspecto visual também influenciou na decisão. O videoclipe da canção é um dos mais premiados e reconhecidos da música brasileira. Em sequência tocamos “*Cotidiano*” de Chico Buarque de Hollanda, que possui uma estética musical completamente diferente da primeira.

Os alunos me surpreenderam pelo conhecimento e pela aceitação do gênero rap, mostrando serem conhecedores e apreciadores do estilo, fazendo inclusive uma avaliação estética comparando o Racionais MC's com os grupos de rap atuais,

afirmando que estes, segundo alguns alunos, não tratavam mais destas “temáticas sociais” como o grupo paulistano, mas sim, faziam alusões a um estilo de vida de ostentação. Sobre a canção “*Cotidiano*” ressaltaram a estranheza com o aspecto estético da canção que, segundo eles, parecia de fato uma música “velha” que “falava de amor”, algo “típico das canções da MPB”.

Estas primeiras impressões nos chamam a atenção para como os alunos já trazem consigo uma bagagem cultural própria e conseguem, por parâmetros próprios de suas vivências e audições pessoais, definir o que compõe cada ritmo ou estilo, fazer comparações e afirmações relacionadas a variações tanto musicais, quanto de temática, mostrando que o próprio conhecimento musical pessoal pode ser uma forma de pensar a temporalidade e as mudanças e permanências que ela enseja. Como já tinha sido alertado, por exemplo, no estudo de Milton Joeri Fernandes Duarte, quando ele afirma que:

A importância da música em sala de aula encontra-se principalmente relacionada à própria natureza da linguagem musical, pois só pode ser percebida única e exclusivamente em e mediante o tempo, alimentando-se de uma memória afetiva que se transforma em uma consciência musical no presente, facilitando as narrativas, reflexões, práticas ou interpretações históricas dos alunos e da professora.¹¹⁹

Permitir pensar o antigo e o novo em termos musicais, a canção típica de um período, a temática que muda com o tempo, nos leva a refletir como a canção pode ser prenhe de possibilidades para trabalhar o conteúdo histórico e a passagem ou não do tempo de várias maneiras.

Em seguida, escutamos novamente as canções, munidos com as letras, desta vez pedindo para que eles se atentassem para a percepção da passagem (ou não) do tempo nas duas canções, procurando identificar semelhanças, diferenças, rupturas, continuidades, relacionando com a sua própria percepção de tempo.

Um aspecto destacado, inicialmente e quase unanimemente em todas as turmas, quando ouviram a canção “*Diário de um Detento*” foi a questão da violência, da truculência policial, da falta de valor que a vida recebe pelas forças de repressão do Estado. Por morarem em bairros pobres e periféricos, essa realidade representada na letra da canção dialogou de forma mais veemente e intensa com a sensibilidade deles, mais até que a temporalidade, que era o item que eu havia proposto observarem. O que

¹¹⁹ DUARTE, Milton Joeri Fernandes. Op. Cit. p. 06.

eu não reprimi, muito pelo contrário, mas abri espaço para que eles relacionassem o que eles percebiam nas canções com suas rotinas e vivências. Já que dessa forma também se reflete sobre o tempo, mesmo que indiretamente.

Uma noção interessante que percebi nas falas dos alunos é a de “mostrar a realidade”. Muito apontada quando analisavam a letra dos Racionais Mc’s, os alunos adotaram uma postura indicando que tratar de um acontecimento conhecido, como o Massacre do Carandiru, desse à canção o status de ser mais verdadeira que a música de Chico Buarque. Como se ao falar da rotina e os sentimentos de um trabalhador e sua esposa fosse apenas uma licença poética, não uma possibilidade de realidade, mas algo com um valor menor como vivência, uma espécie de ficção em contraposição com um massacre tão noticiado e representado, como o do presídio paulista. O que nos fez debater sobre os cotidianos nas duas realidades representadas nas canções e, principalmente sobre a própria ideia de representação da realidade, que a construção do fazer histórico e sua utilização das fontes históricas nos sugere.

Percebi que muito desta percepção dos alunos vinha da forma como as canções foram utilizadas em experiências anteriores, por outros professores, em outros contextos. Os alunos estavam acostumados a só ouvirem canções nas aulas de História que tratassesem de um fato histórico específico, ou de um contexto histórico bem definido.

Por isso, de início eles pensaram que minha intenção fosse contrapor o “fato” massacre do Carandiru com o contexto da Ditadura Militar no Brasil, já que Chico Buarque e suas canções os remetem imediatamente ao período. Essa confusão aconteceu principalmente com os alunos do 3º ano, que já haviam estudado este tema, no bimestre anterior.

O que nos mostra que apesar de uma variedade enorme de usos para as canções em sala de aula, é preciso construir uma cultura de utilização da canção como recurso pedagógico que fuja da tradicional ilustração dos conteúdos. Ou então, antes da realização de qualquer atividade que envolva a música, é necessária uma problematização da canção como fonte histórica e elemento pedagógico junto aos alunos.

Quando o debate se voltou para aspectos da temporalidade identificados pelos discentes nas canções ele se mostrou bastante produtivo. As turmas se mostraram bem atentas a marcadores temporais expressos nas duas canções. Na canção dos Racionais eles destacaram o fato da narrativa se desenrolar em 3 dias, embora para eles parecesse muito mais, dada a quantidade de reflexões que o personagem principal faz ao longo

desse período de tempo. Compararam o cotidiano da cadeia com o cotidiano pobre das favelas, argumentando que, apesar de serem marginalizados, ou pelo crime, ou pela miséria, todos os seres humanos tem direito a uma vida digna, livre da violência e da opressão.

Neste sentido, acharam a canção de Chico Buarque menos opressiva, apesar da repetição constante dos dias que aconteciam todos iguais, pois segundo eles, os personagens do trabalhador e da esposa tinham o amor um do outro e isso já era um atenuante para que a opressão de um sistema de trabalho quase maquinal fosse relevado em nome do amor e do seu relacionamento. Como se ter um(a) companheiro(a), um trabalho e uma família fossem suficientes para contornar a crueza do mundo que os rodeia. Uma perspectiva que nos leva a conhecer e refletir sobre como estes alunos, de uma forma geral, percebem o mundo e a realidade que os cerca.

Quando os instei a compararem essas temporalidades representadas pelas canções escutadas com a sua própria temporalidade e em particular com o cotidiano que eles percebiam na escola, choveram críticas à forma como os professores conduziam as aulas, aos conteúdos abordados e à própria estrutura disciplinante do ambiente escolar. A escola, segundo sua visão, não era um ambiente de emancipação e liberdade, mas sim uma estrutura atrasada que não condizia com a realidade do mundo fora dos muros da mesma. Porém, todos reconheceram a importância da educação como uma oportunidade de ascender socialmente e melhorar de vida. Uma contradição que nos faz questionar, tal qual os estudantes, sobre qual o papel desta instituição dentro da sociedade atual?

A audição das canções junto às turmas foi proveitosa. Foi possível ouvir, conversar, debater e esclarecer muitas coisas durante a execução desta atividade. A análise dos dados produzidos por eles nos permitirá tecer uma reflexão mais acurada sobre o que pensam esses alunos e sobre os limites das possibilidades de usos da canção em sala de aula e de sua utilização para discutir noções de temporalidade.

3.3. Os dados produzidos:

Nesta seção, procuraremos processar e analisar a forma como os alunos reagiram e responderam ao questionário proposto pela pesquisa. Tentando buscar meios de sistematizar toda essa informação, tornando-a inteligível para investigar de que forma ela nos permite refletir sobre toda essa questão da canção e da temporalidade na sala de

aula.

Para melhor organizar e visualizar os dados produzidos procurei sistematizar as respostas dos alunos em tabelas, trazendo o que responderam e a incidência de vezes que tal resposta foi utilizada, buscando traçar um panorama de como os alunos entenderam e interpretaram ou não cada questão proposta. Optei por não individualizar as respostas, nem separá-las de acordo com as turmas, mas sim ter um olhar geral sobre como cada questão proposta foi compreendida, procurando perceber as similaridades e as discrepâncias, ou como cada argumento foi ou não desenvolvido por eles no contexto de suas reflexões.

Procurei separar as tabelas em apêndices específicos e analisei os dados produzidos de acordo com a temática sugerida por cada questão. Sempre tendo em mente o objetivo de refletir teoricamente sobre as possibilidades de se cogitar o uso da canção e a sua eficácia na hora de pensar as temporalidades no contexto da sala de aula.

Porém, antes de entrar especificamente em cada um desses temas é importante investigarmos o que esse questionário nos diz sobre essas turmas, sobre esses alunos e como é possível traçar um diagnóstico sobre a forma como se relacionam com a música, com a cultura musical que possuem e, principalmente, de que maneira estas informações nos ajudam a pensar na construção dessa atividade e em sua eficácia para se pensar as questões propostas.

A primeira informação que organizamos foi relativa ao número de alunos que participaram da atividade por turma e a relação com o total de alunos matriculados e frequentes em cada uma das turmas. Para efeitos de contagem excluímos do total de alunos os alunos transferidos, evadidos e cancelados nas respectivas turmas. Vamos aos dados:

Tabela 1:
Sobre as turmas e a atividade:

Turma	Número de alunos frequentes	Participaram da atividade
2001	31 alunos	29 alunos
2002	29 alunos	28 alunos
3004	29 alunos	27 alunos
Total	89 alunos	84 alunos

Podemos observar que a frequência foi excelente, poucos alunos não participaram da atividade proposta. Um dado que não conseguimos quantificar, por

descuido e falta de atenção, foi a de alunos que chegaram atrasados e a dos que precisaram sair mais cedo no dia da atividade, mas podemos ter uma ideia pelo número de alunos que responderam parcialmente todo o questionário, deixando em branco, algumas questões, mas só podemos especular se assim o fizeram por esse motivo ou se por desinteresse sobre a atividade. De qualquer forma, a frequência e a forma como reagiram e responderam ao questionário nos dão base para tecermos as considerações e reflexões que almejávamos realizar com esta proposta.

A primeira pergunta do questionário se referia a como eles consumiam música, que tipo de suporte utilizavam para tal. Era importante diagnosticar esse tipo de relação para entender de que forma a música chega até eles e para fazê-los pensarem sobre como a música era apropriada no seu cotidiano. Perceber a música e a relação que estabeleciam com ela era o primeiro passo para começarmos a pensar na sua utilização na sala de aula. Vejamos os dados:

Tabela 2
Que meios você utiliza para ouvir música?

Resposta	Número de citações
- Celular	59
- Youtube	29
- Rádio	29
- Download	25
- Tv	16
- Computador	14
- Spotify = 11	11
- CD	08
- Aparelho de som	05
- Igreja	02
- Tablet	01
Quantos não responderam?	00

O fato de ser o celular o meio mais utilizado para o consumo de música não nos surpreende nem um pouco, pois já havíamos observado, ao longo do ano letivo, este uso para o aparelho. Nos surpreende ele aparecer com mais que o dobro de citações que o rádio, por exemplo, nos mostrando que essa geração tem uma relação com a música totalmente diferente da minha geração, onde a internet é preponderante para o acesso e o consumo de música pelos jovens. Já que *Youtube*, *Spotify* e o *download* são mais apontados do que Rádio, Tv, Cd e Aparelho de som, por exemplo, como meios de acesso à música. Um aspecto que nos chamou a atenção foi “Igreja” ser citado por dois alunos como fonte de consumo de música, o que nos leva a refletir sobre como a música

pode chegar ao convívio desses alunos nas formas mais diversificadas e nos espaços mais variados.

Ainda refletindo sobre o celular e seu uso pelos meus alunos, busco amparo no trabalho de José Jorge de Carvalho que, ao pensar na sensibilidade musical contemporânea, se debruça sobre esses artefatos tecnológicos que mudaram a forma como as pessoas e, particularmente os jovens, consomem música. Para ele, em muitos sentidos, estes aparelhos, *walkman*, celulares, *Ipods* e similares representam o inverso da amplificação exagerada, caindo na mais alta privatização da experiência musical jamais alcançada, já que:

Ouvir não é mais ouvir com os outros, ou até ouvir para os outros, como o sonharam sempre os pensadores humanistas que refletiram sobre a música, mas ouvir para si e para ninguém mais. Evidentemente, o *walkman* propicia uma experiência auditiva muito intensa, ainda que o ouvido, para ouvir a música através de sua ajuda, necessite fechar-se para o ambiente, o que é uma atividade exatamente oposta a como se constrói anatomicamente o órgão da audição convencional, que não se fecha como o olho.¹²⁰

Ter em mente que a experiência de consumir e de se relacionar com a música se transforma e se renova, com o tempo e, com as novas tecnologias, é fundamental para estabelecermos parâmetros metodológicos que levem em conta a sensibilidade musical individualizada dos alunos na hora de elaborar uma proposta pedagógica que advogue o uso da canção como ferramenta na sala de aula.

Indo nesta direção, a próxima questão sugerida indaga os alunos sobre a importância da música em suas vidas. Vejamos suas respostas:

Tabela 3
Qual a importância da música em sua vida?

Resposta	Número de citações
- É importante;	30
- Fazer Pensar;	22
- Acalmar;	21
- Alegrar;	15
- Expressar sentimentos;	13
- Falar sobre a realidade;	07
- Distrair;	06
- Inspirar;	04
- Adquirir Cultura;	03

¹²⁰ CARVALHO, José Jorge de. Transformações da sensibilidade musical contemporânea. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 11, p. 53-91, out. 1999. p. 68.

- Dançar;	02
- Conhecer o Passado;	01
Quantos não responderam?	09

Nesta questão ficou clara a importância que a música adquire nas vidas desses jovens, embora eles sinalizarem que esta “é importante” necessite sempre de um complemento, já que ela assume esse destaque em suas vidas pelos mais variados motivos. “Fazer pensar” ser apontada como um dos principais motivos desta suposta relevância é interessante, pois nos leva a refletir sobre como um objeto, que segundo os próprios alunos os fazem pensar, é tão subaproveitado como recurso pedagógico nas nossas salas de aula. Não utilizar a canção como aliado no processo de construção do conhecimento é um desperdício tremendo, como nos sinalizam os próprios alunos.

Outras menções também reforçam essa percepção. “Inspirar”, “adquirir cultura” e “conhecer o passado” são atribuições que tornam a música não só algo restrito à sensibilidade pessoal de cada aluno, mas a configuram como uma poderosa aliada a ser considerada na realidade atual das nossas escolas.

Além de ter em conta a importância que os alunos dão à música em suas vidas, é importante mapear a cultura musical que eles possuem para conhecê-los melhor e potencializar os resultados pedagógicos inerente da escolha das canções para cada atividade pensada pelos professores.

Esta pesquisa realizou este diagnóstico simultaneamente à atividade em si. Percebemos que a melhor forma de proceder, nestes casos, é realizar esse mapeamento antes da atividade, como um indicativo orientador da escolha das canções e das possibilidades de uso de cada uma para toda e qualquer proposta pedagógica concebida.

No entanto, não dá pra pautar o sucesso ou não de uma atividade somente por este aspecto. Muitas outras variáveis influenciam neste julgamento. Mas é notório que conhecer o que os alunos escutam, com o que se identificam é sim um fator desejável na elaboração de uma atividade que sugira essa interação. Vamos aos dados das preferências musicais dos alunos:

Tabela 4
Quais são seus gêneros musicais preferidos?

Resposta	Número de citações
- Rap;	39
- Pop;	34
- Gospel;	31
- Pagode;	21
- MPB;	21

- Sertanejo;	20
- Funk;	18
- Eletrônica;	16
- Rock;	14
- Reggae;	08
- Música Clássica;	04
- Samba;	04
- Forró;	02
- Axé;	01
Quantos não responderam?	00

Os dados nos indicam o quanto os alunos são ecléticos quando o assunto é música. Apontando os mais variados estilos e gêneros musicais, os estudantes se mostraram possuidores de uma rica e variada cultura musical, o que nos faz imaginar como essa bagagem cultural poderia atuar como um dinamizador de possíveis trabalhos na construção do conhecimento em sala de aula, não só em História, mas nas mais diversas disciplinas da grade curricular.

Perceber que o Rap e a MPB estavam entre os cinco gêneros musicais mais apontados por eles foi uma surpresa e uma descoberta importante, pois as canções selecionadas por mim para a atividade eram destes estilos. Isso, na minha opinião, atuou como elemento facilitador e um motivador para a execução da proposta, já que, dialogar com as preferências e sensibilidades deles era um dos objetivos deste experimento.

Tendo em vista a análise destas informações, compreender como os alunos consomem, se relacionam, se apropriam da música, ressignificando-a, pensando sua realidade a partir dela, construindo uma cultura musical muito peculiar e própria, nos torna mais confiantes para dar prosseguimento nesta investigação. É necessário apreender a forma como eles percebem a música e o ensino das temporalidades na aula de História.

3.4. A percepção dos alunos quanto à música e ao ensino das temporalidades na aula de História:

Observar a percepção dos alunos sobre a realidade escolar e mais especificamente sobre o nosso trabalho com eles é uma necessidade e um desafio, pois nos faz, invariavelmente, realizar uma autocrítica severa, na maioria das vezes. Entretanto, esses momentos são de rica aprendizagem tanto para eles quanto para nós, já que permite a reflexão sobre nossas práticas e sobre nosso cotidiano comum no

ambiente escolar. Esta proposição é o ponto de partida para analisarmos a percepção dos alunos sobre a música e o ensino das temporalidades nas aulas de História.

Uma das perguntas trazidas pelo questionário propunha aos estudantes apontarem como entendiam a utilidade da canção na sala de aula e o que sugeriam como formas de usos para esta no ensino de História. Dar aos estudantes a possibilidade de pensar na forma como o conhecimento é construído, refletindo sobre as ferramentas pedagógicas e a construção das aulas e atividades os torna agentes ativos da concepção do processo de ensino aprendizagem. É preciso compreender e valorizar as suas considerações, fazendo destas uma oportunidade para estabelecer uma parceria que leve ao amadurecimento desta relação. Observemos o que dizem:

Tabela 5

De que maneira você acha que a música pode ser utilizada na sala de aula de História?

Resposta	Número de citações
- Para fugir da pedagogia tradicional, tornar a aula atrativa;	25
- Para ensinar, transmitir conhecimento;	21
- Para relatar as culturas dos antepassados ou acontecimentos históricos;	18
- Para despertar o interesse sobre os conteúdos;	06
- De maneira demonstrativa, como reflexo da vida e para influenciar o indivíduo a ser melhor;	05
- Para possibilitar o debate em sala de aula;	04
- Para comparar presente e passado;	03
- Para criticar a realidade;	02
Quantos não responderam?	00

O primeiro item a se analisar deste conjunto de dados é o que os alunos entendem por “pedagogia tradicional” e o que seria uma “aula atrativa”. Conversando com eles ao longo do ano letivo sobre a realidade da escola, as aulas que gostavam, as disciplinas que tinham mais facilidade ou, ao contrário, as que tinham dificuldade para assimilar, pude perceber o que achavam sobre os métodos utilizados pelos professores e a sua pedagogia para tratarem os temas de suas disciplinas.

A principal crítica que faziam era sobre a forma como os professores tratavam seus conteúdos, adotando uma postura de únicos detentores do conhecimento e da verdade, os tratando como meros receptores dessa sabedoria, sem qualquer conhecimento prévio ou capacidade crítica. O que, segundo eles, os desestimulava e os desinteressava destes conteúdos. Esta postura é muito identificada dentro da aula expositiva tradicional, como nos mostra Antonia Osima Lopes em texto sobre o tema:

A especificidade da aula expositiva nas diferentes tendências pedagógicas, entretanto, não significa que as características tradicionais desta técnica foram superadas. Na prática da sala de aula o que se tem constatado é a adoção da aula expositiva com características tradicionais predominantes, ou seja, atividade exclusiva do professor e passividade dos alunos. Esta realidade, contudo, pode ser decorrência das contradições existentes entre a formação teórica do professor e as situações de trabalho encontradas nas instituições de ensino.¹²¹

Não considerar os alunos e seus conhecimentos dentro das suas opções pedagógicas e metodológicas é um erro que muitos professores ainda hoje cometem. A autora bem aponta que isto talvez decorra da contradição entre a formação teórica do professor e da condição de trabalho encontrada nas escolas. Creio que seja necessário buscar metodologias que considerem os alunos como sujeitos críticos e ativos no processo ensino-aprendizagem.

A “aula atrativa” passa muito pela construção dessa concepção. Normalmente são entendidas por eles como aulas que tragam conhecimentos que os estimulem a refletir sobre sua própria realidade e que os considere dentro da sua execução.

Segundo eles, a música pode agir como uma facilitadora nesse sentido, suas sugestões apontam para o pensamento de alguns teóricos da relação da canção com o Ensino de História. É possível traçar semelhanças no que eles apontam com certos usos pregados em alguns trabalhos que esmiúcam o tema.

Pensar a canção para ensinar, transmitir conhecimento, para relatar as culturas dos antepassados, para despertar o interesse sobre o conteúdo, possibilitar o debate em sala de aula, comparar presente e passado são usos e possibilidades que são defendidas por diversos teóricos, como já vimos nesta pesquisa.

Ainda falando sobre a percepção musical dos alunos, outra pergunta do questionário buscava investigar como os alunos relacionavam as melodias e o ritmo das canções propostas na atividade com a passagem do tempo e o conteúdo das letras. As respostas foram as mais variadas possíveis, mas nos dão um bom panorama de como eles escutaram as canções. Vamos aos dados:

Tabela 10

¹²¹ LOPES, Antonia Osima. Aula Expositiva: Superando o Tradicional. In: Antonia Osima Lopes. (Org.). **Técnicas do Ensino: Por Que Não?**. 16^a ed. Campinas: Editora Papirus, 1991, v. , p. 35-48. p. 40.

Sobre as canções ouvidas, aponte como as melodias e o ritmo podem expressar a passagem do tempo. Através da sua percepção é possível estabelecer relação dessas com o conteúdo das letras?

Resposta	Número de citações
- As duas criticam o tempo que passa, a rotina;	06
- As melodias e os ritmos são diferentes dos de hoje em dia, são estruturas antigas, e nos mostram como as músicas eram feitas antigamente;	04
- O ritmo e a melodia ajudam a transmitir as mensagens nas duas canções;	03
- As duas expressam a lentidão do tempo;	03
- Na primeira o ritmo rápido, expressa como as coisas acontecem na prisão, tudo rápido e na outra a calma mostra como as coisas não mudam;	03
- A primeira aborda os tempos atuais e de alta desigualdade e violência nas cadeias a segunda aborda a ditadura e a falta de direitos e liberdade de fazer o que quiser;	02
- As duas canções caminham lado a lado, mostrando o homem sanguinário e o homem bom lado a lado;	02
- Os ritmos e batida mudam bastante assim como as composições;	02
- As duas expressam o cotidiano;	02
- As duas falam sobre o tempo e o fato acontecido;	02
- Nas duas músicas, as melodias retratam uma passagem de tempo, uma rotina;	02
- Na canção diário o personagem relata o que está acontecendo numa conversa, na cotidiano ele fala o que sempre acontece e não muda;	02
- Melodia e ritmo lento e uma letra forte relatando a história de um personagem conferem as canções uma emoção;	01
- As canções estão em tom menor o que confere um sentimento de tristeza;	01
- O tempo é um personagem nas duas músicas	01
- As duas músicas basicamente contam a mesma história uma com palavras fortes e a outra bem suave;	01
- Com o passar do tempo os ritmos vão ficando mais agitados, as duas letras falam do dia a dia;	01
- Através da musicalidade dos versos e do conteúdo das letras;	01
- Uma canção é um pouco mais rápida e reflexiva a outra é mais intensa, as duas relatam a rotina do ser humano, mas de uma forma diferente;	01
- Tem dois homens o sanguinário e o que cultiva o amor;	01
- Através do tempo de duração das músicas;	01
- Hoje em dia as canções são diferentes, algumas não expressam a realidade da vida;	01
- Não acho que o ritmo e a melodia influenciem o conteúdo das letras;	01
- O rap fala de superação, a outra fala de amor isso	01

é uma característica dos gêneros;	
- Os ritmos e as melodias retratam os fatos turbulentos que foram retratados nas letras;	01
- No rap a melodia é mais marcante e mais lenta pra mensagem ser direta e bem ouvida, na outra a música é mais dançante;	01
- No rap a melodia é mais séria, mais marcante, já cotidiano a melodia é mais suave e retrata o tempo de modo mais objetivo;	01
- A música me esclarece como alguém viveu ou vivenciou algo, assim posso pensar e analisar melhor como eu vivo;	01
- As duas músicas passam um ensinamento;	01
- Cada música tem o seu sentido;	01
- O rap mostra a realidade das ruas;	01
- A canção de Chico Buarque conforme as horas passam tem pausas musicais que ajudam a entender a passagem do tempo, e no rap o ritmo é o maior responsável por entendermos a letra;	01
- O rap e a MPB tem ritmos e melodias diferentes, o rap expressa algo da história e do cotidiano violento, a MPB expressa o cotidiano de um trabalhador e sua esposa;	01
- Elas passam uma história diferente, num ritmo diferente;	01
- No rap a batida mais firme e falada mostra a realidade dura, na canção de Chico a melodia lenta e as pausas fazem perceber o amor e o tempo;	01
- A batida da música mostra uma emoção mais forte e a outra é mais romântica;	01
- Relatam dias, horas e dão pausas essa é a relação, nas letras acontecem a mesma coisa;	01
- As duas contam um passado histórico, mas uma um momento mais rígido e outro de modo mais leve;	01
- Diário retrata uma experiência mais difícil de se passar, já cotidiano é algo mais rápido de passar;	01
- Sim, ambas trazem fatos repetitivos que acontecem sempre e isso reflete na música;	01
- A melodia do rap é mais bruta e pesada que encaixa com a letra, já a outra a melodia mais suave retrata a letra;	01
- Enquanto uma mostra o homem convivendo com a violência, a outra mostra o homem como máquina, sempre fazendo as mesmas coisas;	01
Quantos não responderam?	12

A pluralidade de percepções apresentadas nos proporcionaria um estudo à parte só para analisarmos cada uma dessas visões. No entanto, diante da impossibilidade de esmiuçarmos cada percepção, buscaremos tecer algumas reflexões sobre alguns apontamentos feitos pelos alunos na tentativa de relacionar melodia, ritmo e letra no

entendimento da passagem do tempo nas canções escutadas.

A compreensão de que as canções realizam uma crítica à passagem do tempo e à rotina aparece diversas vezes nas respostas dos alunos, entretanto, nem todos relacionaram esta crítica com a melodia e o ritmo das canções, nos mostrando que a força da mensagem, às vezes, pode obliterar os detalhes observados na escuta.

Um aspecto interessante que gostaríamos de destacar na nossa análise é como a percepção do que é “lento” ou “rápido”, “forte” ou “suave” muda de um aluno para o outro, o que nos faz refletir sobre como a música dialoga de forma muito particular com as sensibilidades pessoais, com a memória afetiva de cada um e como isso se transforma numa possível leitura de mundo para estes estudantes.

Milton Duarte nos alertou sobre isso, quando falou que o conhecimento histórico só é elaborado pelos alunos quando estes compreendem os vestígios do passado como evidências, no mais profundo sentido, e não apenas como mera informação. Segundo ele, a música pode atuar como um motivador para ajudar os alunos a lembrar e interpretar os documentos históricos que são propostos pelo professor.¹²²

Outro ponto a se destacar é a percepção da historicidade destas canções pelos alunos, alguns destes conseguiram distinguir as marcas temporais na produção destes documentos, mesmo que não explicitassem tais marcas ou não realizassem a reflexão completa, comparando estas peças, com o momento em que foram lançadas como as canções de hoje em dia. Nos alertando que o próprio entendimento do que é escutado é feito mediante a bagagem sócio cultural que estes estudantes possuem. A música, como linguagem, atua na mediação deste conhecimento prévio dos alunos possibilitando a construção do conhecimento histórico, como nos advertiu Julho Zamarian.¹²³

Para este autor, a função mediadora da canção serve no processo de aprendizagem para que os estudantes atribuam sentido àquilo que aprendem. Percebendo a passagem do tempo e as rupturas e permanências existentes em cada contexto histórico, a canção pode além de construir o conhecimento histórico na sala de aula, pode servir para oportunizar uma reflexão que traga uma compreensão da vida cotidiana destes alunos.

Sobre o entendimento da questão da temporalidade na aula de História, o questionário trouxe algumas perguntas que podem nos fornecer dados capazes de produzir uma reflexão sobre como este assunto é percebido pelos estudantes e de que

¹²² Ver DUARTE, Milton Joeri Fernandes. Op. Cit. p. 119.

¹²³ Ver ZAMARIAN, Julho. Op. Cit. p. 70.

forma os métodos correntes, apontados por eles, tem atuado ou não na construção do sentido de tempo histórico por parte deste público. Observemos os dados:

Tabela 6
Como os professores trataram a questão do tempo com você?

Resposta	Números de citações
- Aula expositiva;	17
- Texto;	09
- Através da linha do tempo;	08
- Apresentando coisas passadas, fatos históricos;	07
- Utilizando o quadro;	06
- Filmes;	06
- Música;	04
- Com métodos ultrapassados;	04
- De maneira formal;	03
- De forma chata e monótona;	02
- Nunca tive uma aula falando de tempo;	08
- Não lembro;	11
Quantos não responderam?	13

Outra vez temos a aula expositiva aparecendo como uma indicação de prática pedagógica consolidada diante da observação dos alunos. Muitos deles perceberam este tratamento dado pelos professores ao assunto da temporalidade de uma forma negativa, “métodos ultrapassados”, “de forma chata e monótona”, “de maneira formal” nos dão a oportunidade de concluir que a experiência de falar sobre o tempo em sala de aula por professores de História não foi algo que despertasse o interesse destes estudantes.

Outro aspecto ressaltado que nos chama a atenção foi a constatação de que alguns alunos nunca tiveram uma aula falando sobre o tempo ou então não se lembram deste fato. O que nos leva a refletir sobre como um elemento tão estruturante do pensamento histórico, como é o tempo, possa ser tão escamoteado dentro das discussões na sala de aula de História, fazendo com que professores e, me incluo nesta crítica, só se preocupem em cumprir o currículo referente àquele ano letivo e percam de vista o sentido de pensar temporalmente historicizando as situações e a própria realidade cotidiana.

Dentre as estratégias listadas para tratar da temática junto aos alunos, o uso de textos e da linha do tempo se destacam como as ações mais citadas neste sentido, embora não dê para investigar de que forma esta ou qualquer outra prática foram administradas, nem para criticar, nem para elogiar. Entretanto, a menção de filmes e da própria música como estratégias utilizadas para tal são surpresas positivas, nos fazendo pensar que os professores estão buscando alternativas que fujam do usual para tratar

desse assunto com suas turmas.

Sobre a forma como os alunos percebem essa temporalidade específica da História, o questionário trazia uma pergunta que pretendia investigar essa questão especificamente. Vejamos:

Tabela 7
O que você entende por tempo histórico?

Resposta	Número de citações
- Tempo das coisas que foram importantes;	11
- Tempo do passado;	08
- É o tempo em que ocorreu a história citada, o fato ocorrido;	05
- Tempo de mudanças nas sociedades humanas;	05
- Tempos das coisas que aconteceram no passado, mas que nos faz mudar hoje;	04
- Tempo importante para entender a história, que nos ensina sobre a mesma;	04
- Tempo do cotidiano;	04
- O tempo que permite conhecer as sociedades através dos tempos;	03
- Tempo que vem do passado aos dias atuais;	02
- Presente, passado e futuro;	02
- Relato dos fatos que entraram para a História;	02
- Tempo dos acontecimentos vividos;	02
- É o tempo da herança, que permite construir o presente e o futuro;	01
- O tempo é relativo, só usamos para nos adaptar;	01
- Não entendo sobre isso;	06
Quantos não responderam?	25

Estes dados são interessantes, pois nos dão a dimensão da forma heterogênea como os estudantes concebem essa questão do tempo histórico, não havendo um padrão ou um consenso no que para eles seria essa temporalidade específica da disciplina. Muito deste fato ocorre pela forma como os professores trabalharam esta questão com os alunos, como já foi exposto neste trabalho. Entretanto, é salutar perceber que mesmo na sua imprecisão conceitual muitos deles se aproximam de forma satisfatória de um pensamento que considera o tempo histórico de forma apropriada.

Antoine Prost conceituou o tempo histórico, como o tempo próprio da operação da História, num vaivém específico entre passado e presente, moldado e balizado pelo historiador na execução do seu ofício. Um tempo socialmente construído, não um tempo naturalmente dado.¹²⁴

¹²⁴ Ver PROST, Antoine. Op. Cit. p. 114.

Ter a capacidade de apontar que o tempo histórico é uma temporalidade específica diferente do tempo cronológico já é um indicativo de que a base do entendimento do fazer histórico foi bem consolidada junto a estes alunos.

Quando eles apontam que este é “o tempo das coisas que foram importantes” ou “o tempo da mudança”, ou ainda “o tempo da herança, que permite construir o presente e o futuro” estão mais próximos de entender que a história é uma construção humana e que este tempo próprio da disciplina é fundamental para sua elaboração e a sua compreensão.

Dado este entendimento é importante esmiuçarmos essa possibilidade de se pensar as múltiplas temporalidades existentes e perceptíveis junto aos alunos. Um dos objetivos desta pesquisa era fazê-los refletir sobre estas diferentes noções e relacionarem essa percepção à sua própria realidade tornando-os conscientes de sua condição de agentes participantes e transformadores da História.

3.5. Refletindo sobre o tempo ouvindo as canções:

Tratar temporalidade em sala de aula é algo que preocupa e assusta muitos professores de História dentro da Educação Básica. Dada a complexidade conceitual e o nível de abstração que tal empreitada exige, muitos docentes, por não terem uma formação teórica adequada ou não possuírem as condições necessárias dentro das suas unidades escolares, não desenvolvem o tema com o cuidado e a atenção que ele necessita.

Geralmente pensado de forma linear e progressista, o tempo muitas vezes nos ilude ao considerarmos como um dado natural nos fazendo esquecer que pode e é reelaborado pelos seres humanos na sua relação com ele. Tornando-se social, passível de ser medido, quantificado, percebido e entendido pelo grupo que assim o concebe.

Utilizar a sala de aula para pensar as noções de temporalidade, não visando estabelecer o modo certo ou verdadeiro de definir a questão, mas sim discutindo, percebendo as maneiras desse tempo ser notado, pode favorecer a compreensão de alunos e professores sobre a multiplicidade de formas que esse conceito pode adquirir.

Nesta seção da pesquisa, pretendemos refletir sobre essas noções temporais tendo o auxílio precioso da canção. Já que a canção pode atuar de diversas formas como já foi demonstrado até aqui, porque não ser usada para pensar o tempo junto com os alunos?

A primeira pergunta do questionário analisada neste bloco busca averiguar a forma como esses alunos concebem e relacionam as dimensões do tempo. Presente, passado e futuro. Observemos suas respostas:

Tabela 8

Como você relaciona passado, presente e futuro? Como você enxerga o passado? Qual a influencia dele no seu presente?

Resposta	Número de citações
- Estamos sempre aprendendo com o passado, são tempos de aprendizagem;	38
- Experiências do passado podem influenciar e melhorar o presente e o futuro;	09
- Reflito o passado pra escolher melhor e ter um futuro melhor;	07
- O passado ajuda a trazer mudanças;	06
- O passado trás influencias boas;	05
- O passado não se repetirá;	05
- O passado trás consequências para o presente e futuro;	04
- De uma forma construtiva, positiva;	02
- O passado é um lugar bem ruim;	02
- De uma forma que não venha me atrapalhar;	01
- O passado eu não posso mudar, o presente eu recebo o que fiz no passado, e o futuro depende do presente;	01
- De uma forma relativa;	01
- O passado tem que ser esquecido;	01
- O presente tem que ser vivido com se não houvesse amanhã;	01
- Relaciono como um avanço, o passado é a base, o presente o crescimento e o futuro uma nova fase;	01
- A relação serve pra não cometer os erros do passado;	01
- O passado pode trazer ou não arrependimentos;	01
- O passado ajuda a lutar pelos meus direitos no presente;	01
- Não relaciono, só vivo;	01
- Pode atrapalhar o presente e o futuro;	01
- Percebo os três como uma estrada;	01
- Possibilita conhecer a experiência de outras pessoas;	01
- Não há mudanças entre passado e presente, o povo continua sem direitos;	01
Quantos não relacionaram?	04
Quantos não responderam?	05

O número de alunos que, de alguma forma, indicaram o passado como um tempo de aprendizagem, que favorece o entendimento e possíveis mudanças no presente é enorme, nos levando a refletir que, para estes estudantes, a articulação entre passado e o presente se faz de um modo contínuo e produtivo.

Uma forma de tentar analisar estas respostas é utilizando o aparato teórico de Koselleck para buscar interpretar a percepção temporal destes alunos à luz dos conceitos de “espaço de experiência” e de “horizonte de expectativa”. Para o autor, essas duas são categorias formais de conhecimento que nos permitem fundamentar a possibilidade de uma história, já que todas as histórias foram construídas pelas experiências vividas e pelas expectativas dos agentes-sujeitos.¹²⁵

Desse modo, pode-se afirmar, segundo o teórico, que estas duas categorias são constitutivas da percepção e do conhecimento da História e que, a articulação entre elas em um determinado presente, numa determinada observação, podem gerar diferentes concepções de tempo e distintos modos de se definir a História.

Olhando sob esta perspectiva notamos que um grupo de alunos, de uma forma geral, no seu espaço de experiência enxergam o passado e a história como uma realidade capaz de influenciar e transformar o presente e o futuro, portanto incidindo diretamente sobre seu horizonte de expectativa.

O que nos mostra que a ideia de que a História e o passado trazem ‘lições’ para o presente ainda é muito difundida e se torna senso comum entre os estudantes, nos fazendo refletir sobre que concepções de conhecimento histórico vêm sendo vinculadas nas nossas salas de aula pelos professores.

No entanto, outra percepção de passado é interessante de ser observada nestas respostas, a que o concebe como algo negativo, “que não se repetirá”, “que é um lugar bem ruim”, “que tem que ser esquecido”, “que não venha me atrapalhar”, “que pode ou não trazer arrependimentos” e “não há mudanças, o povo continua sem direitos”. Para este grupo de alunos, ao contrário do primeiro bloco de respostas analisado, o espaço de experiência os condiciona a perceber esta articulação entre passado e presente como um fardo, uma realidade cruel e de certa forma imutável.

Dando prosseguimento a esta reflexão, outra pergunta trazida pelo questionário os instigava a cogitar suas expectativas para o futuro, o que nos permite perceber de uma forma mais completa como estas três dimensões se articulam na observação dos estudantes. Vejamos:

Tabela 9
Quais suas expectativas para o futuro?

Resposta	Número de citações
- Diferente, melhor;	07

¹²⁵ Ver KOSELLECK, Reinhart. Op. Cit. p. 306.

- Ter sucesso;	05
- Que eu possa realizar meus sonhos;	05
- O futuro pertence a Deus;	04
- Esperança e superação;	04
- Me formar;	03
- Ótimas expectativas;	03
- Dias melhores;	03
- Um bom emprego;	03
- Uma família;	03
- Viver em paz;	02
- Ser rico;	02
- Mais justiça para o povo;	02
- Recomeçar;	01
- Ter trabalho e minhas coisas;	01
- Novos desafios;	01
- Nenhuma;	01
- Entrar na faculdade;	01
- Ser feliz;	01
- Ser uma pessoa melhor;	01
- Uma vida estável;	01
- Ajudar as pessoas, fazer o bem;	01
- A tendência é piorar;	01
- Ter sabedoria;	01
Quantos não responderam?	17

Buscando articular o “espaço de experiência” destes alunos ao seu “horizonte de expectativa” trazido por estas projeções de futuro listadas por eles, percebemos que para quem concebe o passado como um tempo de aprendizagem e de possibilidade de transformações no presente, este futuro desejado por eles, é prenhe de desejos de mudança, de esperança e de superação.

No entanto, é importante perceber que, para o grupo que concebia o passado como uma experiência negativa, este mesmo padrão de resposta não se observa com tanta frequência nas expectativas de futuro. O que nos leva a refletir que a articulação entre um espaço de experiência, de certa forma, ruim não condiciona necessariamente a um horizonte de expectativas da mesma forma. Há nesse intervalo, entre passado e futuro, uma percepção de mobilidade, no presente, que faz com que o futuro, mesmo que o passado tenha sido ruim, possa ser positivo e repleto de esperanças.

Estas possíveis articulações, como vimos, constroem concepções de temporalidade e de História muito particulares e instigantes de serem pensadas no contexto da sala de aula, onde a transformação e a mudança são muito mais discerníveis, mas a estagnação e as permanências talvez fiquem relegadas a segundo plano.

Por conta disso, é certo afirmar que a canção nos oferece uma possibilidade de

análise e discussão muito rica neste sentido, nos fornecendo subsídios para vislumbrar estas temporalidades e fazer emergir uma compreensão que de forma abstrata, numa aula sem este auxílio, seria muito difícil alcançar.

A próxima pergunta do questionário os instigou a notarem como a canção, através dos personagens narradores, os fazem perceber o tempo. Observemos:

Tabela 11:
De que maneira os personagens narradores das duas canções retratam o tempo (presente, passado e futuro)? Justifique sua resposta usando trechos das canções:

Resposta	Número de citações
- As duas retratam que nada mudou;	13
- A primeira diz sobre sua jornada na cadeia, as horas não passam: “Tic, tac, ainda é 9 e 40, o relógio na cadeia anda em câmera lenta”, a segunda diz sobre o cotidiano todo dia ela faz tudo sempre igual;	09
- As duas retratam uma rotina que vive acontecendo “Aqui estou mais um dia”, “Todo dia ela faz tudo sempre igual”;	08
- As duas falam da monotonia dos dias;	03
- Mostrando o dia a dia: “São Paulo, dia 1º de outubro de 1992”;	01
- A primeira retrata o presente, a segunda o futuro: “Ela pega e me espera no portão”;	01
- De modo não muito específico;	01
- Os Racionais tratam de uma maneira bem real falando os detalhes e o Chico de uma maneira poética;	01
- De modo que o passado vira consequência no presente e expectativa do futuro;	01
- Descreve o tempo na letra explicando fatos passados por meio do presente;	01
- “Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá, tanto faz, os dias são iguais” nesse trecho ele está se referindo a presente, passado e futuro;	01
- Retrata uma mudança que não ocorreu “Minha vida não tem valor quanto seu celular, seu computador”;	01
- Na primeira música se passam 3 dias e é como se demorasse muito mais, na segunda música é só um dia mas teve diversas ações e sentimentos;	01
- As duas histórias são diferentes mas tem um tempo parecido, de repetição e espera;	01
- Uma fala do sofrimento do tempo perdido do preso, a outra fala sobre o tempo de uma volta ao seu devido lugar, uma repetição;	01
- Relatam os seus cotidianos um mais rígido, Chico já faz de forma mais lúdica;	01
- Tudo parte e se relata do presente, mas também imagina o que pode acontecer no futuro;	01

- Com o passar do tempo, o pensamento, as experiências e lições de vida mudam a perspectiva de cada pessoa;	01
- A canção “Diário de um detento” retrata a realidade das pessoas que vivem nas favelas;	01
- “Diário de um detento” fala da lentidão, “Cotidiano” fala da repetição;	01
Citaram mas não refletiram	25
Quanto não responderam?	06

Nesta questão o objetivo era que eles refletissem sobre o tempo e citassem trechos das canções que corroborassem seus argumentos. Uma grande parte dos alunos fez o contrário: citou, mas não desenvolveu a argumentação, o que fez com que computássemos suas respostas sem, de fato, as registrar. O contrário, alunos refletindo, mas sem citar trechos, também aconteceu com certa frequência, todavia, como a ideia era fazê-los olhar para o documento canção e observar aspectos temporais na mensagem veiculada pelos personagens narradores das mesmas, nós registramos estas reflexões e as utilizamos em nossa análise.

Distinguir outras temporalidades é, de certa forma, colaborar para construção da percepção da historicidade dos relatos, das fontes históricas e de todas as coisas que envolvem os seres humanos. Algo que devia ser prioritário no Ensino de História, mas que muitas vezes é obliterado por outras questões dentro da realidade da sala de aula.

As aulas de história devem, de uma forma geral, buscar fomentar uma reflexão sobre como as relações com o tempo se estabelecem, enfatizando e associando-as com os conteúdos ensinados. Com isso, deve-se evidenciar que as noções de tempo histórico são um produto da cultura e não um elemento natural. Com este parâmetro, é possível esclarecer que cada povo ou sociedade constrói culturalmente concepções diferenciadas de tempo.

Sobre as percepções dos alunos a maioria destacou a aparente imobilidade de uma realidade e de um presente estagnante, um tempo cíclico onde a rotina se repete sufocando os personagens das canções. Uma noção que Hartog nos ajuda a refletir e entender com o seu trabalho.

Para o autor, como já vimos, essa percepção da realidade ou, presentismo, como ele assim a concebe, pode implicar num horizonte aberto ou fechado: aberto para cada vez mais aceleração e mobilidade, fechado para a experiência diária e um presente estagnante.¹²⁶

¹²⁶ HARTOG, François. Op. Cit. p. 31.

Alguns alunos através de suas respostas nos dão mostras de conseguirem refletir sobre esta forma de passagem do tempo nas duas situações descritas nas canções, articulando tanto a mobilidade quanto a estagnação e o melhor, demonstrando consciência que essa relação se estabelece a partir de uma observação feita do presente, como acontece com toda história, apontamentos como: “Descreve o tempo na letra explicando fatos passados por meio do presente”; ou “Tudo parte e se relata do presente, mas também imagina o que pode acontecer no futuro”; ou ainda “Com o passar do tempo, o pensamento, as experiências e lições de vida mudam a perspectiva de cada pessoa”; são bons exemplos dessa capacidade de articulação que o trabalho com a canção possibilitou.

A próxima questão foca nas mudanças e permanências, como eles podem observar isso através das canções. Um exercício que os incita a perceber ritmos, duração, sucessão e simultaneidade nos acontecimentos. Noções que devem ser refletidas e associadas a cada conteúdo trabalhado pela disciplina História. Vejamos:

Tabela 12

Identifique, através da percepção da passagem do tempo, as mudanças e permanências que acontecem nos eventos narrados nas canções:

Resposta	Número de Citações
- Acredito que nada tenha mudado em nenhum caso;	12
- A primeira fala de uma relação que envolve o governo, a segunda fala de uma relação na vida pessoal, de uma paixão;	05
- Os detentos não tem valor algum, até os dias atuais, isso mostra essa rotina;	04
- Na música do Chico tudo permanece o mesmo. Já na música dos Racionais há mudanças;	03
- Os eventos são retratados como se não tivessem fim, um ciclo vicioso eterno;	02
- A canção fala que os PMs passam fome, isso não mudou;	02
- A vivência dentro da prisão permanece, o que muda é a maneira como ocorre, na outra, tudo permanece igual no cotidiano;	02
- A canção mostra um ciclo onde o preso nunca consegue mudar;	01
- As melhorias e pioras da vida dos personagens acontecem ao mesmo tempo;	01
- O personagem era bandido, preso e assassinado;	01
- A calamidade vem ocorrendo ao longo de toda história humana, racismo, indiferença, com todos os transtornos da sociedade;	01
- As mudanças são os modos de vivência e a permanência é a violência no mundo;	01

- Mostra que nem todo mundo é mal, as pessoas podem mudar;	01
- A percepção do tempo pode ser indicado como algo longo e demorado;	01
- Eles cantam o que aconteceu mas parece que estão nos dias de hoje;	01
- A primeira música fala das datas, a segunda dos horários;	01
- Mostra o desespero da vida do detento que é tratado como um animal;	01
- A forma como o Chico trata a falta de mudança é bonita, mas é chata, já os Racionais trata a realidade forma dura e realista;	01
- Na canção “Cotidiano” tudo é igual e imutável, na diário é tudo terrificante;	01
- Na canção do Chico fala de coisas que nós nos identificamos, coisas românticas;	01
- Na canção dos Racionais fala da realidade de violência que não mudou até hoje;	01
- Na primeira canção o que permanece é o sofrimento dos detentos, logo a mudança é a morte deles, na segunda canção, o que permanece é a rotina amorosa, o que muda são os sentimentos ao longo do dia;	01
- “Diário” é tudo terrível violento, “Cotidiano” é mais amoroso, calmo, amoroso;	01
- Na canção “Diário” ele quase não tem pausa e tempo pra respirar, já na “Cotidiano” ele tem bastante tempo pra respirar e pensar;	01
- Na canção “Diário” é retratado o momento em que a polícia mata bandidos, algo que permanece, já “Cotidiano”, fala da ditadura onde homens precisavam tomar cuidado para não serem presos se não concordassem e hoje isso também permanece;	01
- A primeira música é fato ainda hoje, a segunda está deixando de ser rotina;	01
- As mudanças são a liberdade e a paixão;	01
- Eles todos permanecem infelizes;	01
- Na primeira permanece um período de violência que acontece sempre, na segunda as palavras repetidas dão uma ideia de ciclo, a mudança acontece dentro desse ciclo ao longo do dia;	01
- A primeira retrata a realidade dos que vivem envolvidas com crime a segunda é a vida mais padrão, normal;	01
- Permanece em ambas uma rotina violenta ou cansativa;	01
- Mostram o cotidiano e o presente refletindo sobre o passado e o futuro;	01
- A violência aumentou e o sistema ficou mais corrupto;	01
Quantos não responderam?	22

Neste bloco de respostas, o maior número de citações ainda é observando a imobilidade, em ambos os casos, nas canções. No entanto, algumas respostas nos levam a refletir sobre outras percepções destacadas pelos alunos na sua análise da mensagem trazida pelas fontes.

Alguns alunos destacaram a permanência da violência na vida dos presidiários, no cotidiano e na sociedade como um todo, apontaram o sofrimento, o racismo, a indiferença e a corrupção como elementos que influenciam neste estado de coisas.

As mudanças salientadas foram mais sutis, no entanto, a forma como foram apresentadas nos mostrou uma sensibilidade para perceber ritmos, simultaneidades e outras durações dentro das situações analisadas, tais como: “A vivência dentro da prisão permanece, o que muda é a maneira como ocorre” (mudança dentro da permanência), “As melhorias e pioras da vida dos personagens acontecem ao mesmo tempo” (simultaneidade) e “Na primeira canção o que permanece é o sofrimento dos detentos, logo a mudança é a morte deles, na segunda canção, o que permanece é a rotina amorosa, o que muda são os sentimentos ao longo do dia” (o ritmo de mudanças e permanências se intercalando e/ou acontecendo ao mesmo tempo), nos dão a dimensão como estas percepções ocorreram.

Pensar o tempo e suas formas de percepção e articulação nos leva imediatamente a mobilizar o conceito de regime de historicidade, de Hartog, para nos auxiliar nesta empreitada.

Concebido como uma ferramenta a nos auxiliar a apreender os momentos de crise no tempo, onde a articulação entre presente, passado e futuro vem a perder evidência e sentido, este conceito pode nos ajudar a pensar as formas de lidar com as temporalidades na sala de aula junto com os alunos.

Durval Muniz é um valioso apoio neste sentido, ao refletir sobre as possibilidades de pensar essa questão no âmbito da sala de aula de História. Para o autor, “o regime de historicidade, assim como o regime alimentar, implica em dado modo de organizar a vida em função do tempo, implica a adoção de modos de viver, de maneiras de vivenciar o dia a dia”.¹²⁷

As formas de apresentar os modos de vivenciar as temporalidades, junto aos alunos, é a tarefa máxima dos docentes. Para ele:

Mais do que ensinar fatos, eventos, falar de datas e personagens, mais

¹²⁷ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. Op. Cit. p. 24.

do que falar do passado, o professor de história deve ser um veículo de experimentação dos tempos em suas diferenças, em suas descontinuidades, em seus deslocamentos. A história está nos currículos escolares não mais para ensinar o amor a pátria e a seus heróis, embora o compromisso de cidadania com seu país deva ser um tema a ser tratado, não mais para formar quadros para a revolução, embora uma das tarefas mais importantes do professor de história, ainda mais nesses tempos em que vivemos, é o de preparar o aluno para conviver com o diferente, com o distante, com o estranho, com a alteridade, com a descontinuidade, com a mudança.¹²⁸

Colocar esta discussão na centralidade da função do Ensino de História nos dias de hoje, nos faz refletir sobre como não damos a devida atenção que o assunto merece dentro do nosso cotidiano escolar. É preciso conceber modos de preparar os alunos para serem capazes de ter uma leitura de mundo que os possibilite lidar com o diferente, com as mudanças e até mesmo a falta delas. Possibilitando-os perceberem que a história é construída dentro desses movimentos. Entre mudanças e permanências, continuidades e rupturas. Partindo sempre de uma inquietação do presente.

A próxima questão procura atuar como uma espécie de síntese, levando os alunos a relacionarem o tempo percebido nas canções com seu próprio tempo e o tempo histórico. Vejamos:

Tabela 13

Procure relacionar o tempo percebido nas canções com a sua percepção de tempo e o tempo histórico:

Resposta	Número de Citações
- O tempo passou, mas com relação aos presos nada mudou;	08
- Concordo com o tempo das canções, pois percebo que nada mudou;	08
- As canções falam do mesmo tempo, mas com acontecimentos diferentes, que é o mesmo tempo nosso;	05
- Uma retrata um massacre muito conhecido e outra uma canção típica do regime militar, ambos tempos e acontecimentos históricos;	04
- São canções antigas, que falam do passado, mas nos permite pensar o presente e tentar melhorar o futuro;	03
- O tempo das canções é o passado por isso se relaciona com a história que trata de acontecimentos passados;	02
- São fatos ocorridos, relatados e marcantes tal qual a História;	02
- Tem tudo a ver com o tempo histórico porque são	02

¹²⁸ Idem. p. 25

eventos que estão ligados ao fazer humano;	
- Não há possibilidade, o tempo é relativo, minha percepção é diferente dos compositores;	01
- Não concordo com o tempo percebido nas canções, pois não vivenciei isso, e o tempo histórico retrata isso;	01
- Um pouco diferente somente, mudou o jeito das pessoas agirem e se relacionarem, mas a forma de viver é histórica;	01
- O tempo é igual o que muda são as pessoas;	01
- A minha percepção é semelhante ao tempo histórico, concordo também com o tempo das canções;	01
- O tempo das canções permite perceber o passar dos dias, os detalhes do cotidiano dos personagens;	01
- O tempo ou passa muito devagar ou está dividido numa rotina, que é o tempo próprio da história;	01
- Os Racionais cantam como se estivessem presentes no momento do massacre e isso ajuda a entender;	01
- A minha percepção de tempo segue um ritmo mais objetivo, semelhante ao tratado pelos Racionais;	01
- O tempo das canções mostra o dia a dia de hoje, já o tempo histórico permite conhecer ações que mudaram no tempo e que se modificaram até chegar ao presente;	01
- Me identifico com a canção do Chico, pelo fato dela retratar uma rotina, mas acredito que tenha pouco a ver com o tempo histórico, já que este trata das mudanças que ocorrem;	01
- Observo o tempo tal qual as canções apesar de parecer imutável ele é inconstante;	01
- O tempo é inexplicável e não tem volta;	01
- O tempo é o fundamento dos eventos nas canções;	01
- O que aconteceu nas canções ocorre até hoje, seja na vida de um detento, seja na de um pai de família;	01
- O tempo é uma forma de aprendizado, pois as coisas mudam ou permanecem;	01
- Os dois tempos retratados nas canções foram difíceis, pois se vivia com muito medo;	01
- O tempo resulta no que somos e é percebido nas canções que relata uma realidade que se relaciona com o tempo histórico;	01
Quantos não responderam?	24

Esta questão, embora tenha sido concebida para atuar como síntese, apresentou um grau de abstração e complexidade que, hoje analisando sua eficácia, refletimos que talvez pudesse ter sido formulada de outro jeito, ou talvez pudesse ter sido suprimida do

questionário, já que muito da observação das temporalidades feitas pelos alunos já tivesse sido contemplada nas outras indagações presentes.

No entanto, observemos a tentativa de diferenciação das temporalidades realizada pelos alunos. Muitos deles conseguiram tecer reflexões complexas e que valem destaque e análise.

Relatos como: “Uma retrata um massacre muito conhecido e outra uma canção típica do regime militar, ambos tempos e acontecimentos históricos”; ou “São canções antigas, que falam do passado, mas nos permite pensar o presente e tentar melhorar o futuro”; ou “Tem tudo a ver com o tempo histórico porque são eventos que estão ligados ao fazer humano”; ou ainda “O tempo é uma forma de aprendizado, pois as coisas mudam ou permanecem”; nos dão uma noção da riqueza de formas de percepções de temporalidades distintas que esses alunos realizaram.

Um exercício que vai de encontro com nossa concepção de como a aula de História deve pensar e tratar as múltiplas temporalidades e é ratificada por Durval Muniz de Albuquerque Júnior em reflexão sobre o tema, já que, para ele:

Assim como a aula de história deve ser esse exercício do aluno ser chamado a sair de seu tempo e ir de encontro a outras temporalidades, todo professor deve ser capaz de fazer a travessia entre os tempos que o constituem e os tempos que o constituíram e são representados pelos valores, ideias e práticas de seus alunos. O convívio com as múltiplas temporalidades que são representadas pelos diversos atores que convivem no ambiente escolar deve ser explorado pelo professor de história, que pode fazer daqueles tempos que testemunha na escola o seu material didático.¹²⁹

Pensar e explorar as múltiplas temporalidades que convivem no cotidiano escolar impõe ao professor a necessidade de um cuidado metodológico capaz de conceber e estruturar atividades que permitam aos seus alunos a possibilidade de experimentar outros tempos, realizando um deslocamento que os permita irem ao passado e voltarem ao seu próprio tempo renovados, conscientes e mais humanos.

Desta forma, o uso da canção para realizar tal empreitada mostrou-se uma alternativa rica e plenamente executável dentro da realidade da educação pública como foi imaginada dentro desta pesquisa, com as turmas de Ensino Médio, selecionadas por nós. O que não implica dizer que esta experiência seja uma regra, mas sim uma possibilidade a ser refletida e corrigida em eventuais repetições.

¹²⁹ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. Op. Cit. p. 28.

O que nos faz concluir ser necessário abrir um espaço para imaginar e discutir meios e caminhos para enriquecê-la, levando em consideração o próprio *feedback* dos alunos para proceder de forma justa e coerente diante dos nossos objetivos propostos.

3.6. Discutindo possibilidades:

Uma atividade como esta, necessitou e sempre vai requerer um esmero na hora de sua concepção e realização. É importante considerar um espaço dentro de uma experiência desta magnitude para buscar um aperfeiçoamento ou mesmo para realizar uma autocrítica, que é o que esta seção da pesquisa sugere.

Refletir sobre os acertos e erros e pensar como o trabalho impactou a realidade dos alunos com a sua execução é uma tarefa que, quase sempre, nos obriga a construir um olhar que oportunize perceber os detalhes no que foi dito e no que ficou por dizer. Tentar mensurar o que nossa prática representa e, principalmente qual o impacto do Ensino de História para nossos alunos.

Uma das perguntas do questionário buscava investigar essa percepção. Como o Ensino de História pode ser percebido como uma ferramenta que possibilite a transformação da realidade. As respostas dos alunos podem nos dar uma noção:

Tabela 14

Apesar de muitas vezes, as mudanças ocorrerem num ritmo muito lento, explique de que forma o estudo da História pode te tornar consciente da possibilidade de transformação da realidade:

Resposta	Número de Citações
- Porque a história pode trazer algo do passado e tentar fazer as pessoas aprenderem sobre isso;	23
- A História te inspira a mudar na medida que mostra os seres humanos mudando e se adaptando as situações;	06
- Nos possibilita ver um mundo melhor;	02
- Por nos mostrar que as pessoas do passado enfrentaram tempos difíceis e conseguiram se reerguer também podemos fazer um futuro melhor;	02
- A história nos ajuda a perceber as mudanças e permanências;	02
- Se tentássemos reproduzir as coisas boas do passado no presente teríamos um futuro mais feliz;	01
- Percebendo que as mudanças possibilitam novas formas de aprendizagem;	01
- A visão de um futuro melhor;	01
- Nos permite acreditar no que a gente sempre quis;	01
- Mostrando o desenvolvimento das coisas podemos ver que tudo pode mudar;	01

- Podemos ver desde o início dos tempos até os dias atuais a progressão ao longo do tempo e da tecnologia na vida humana;	01
- A História tem essa função, ela analisa o passado para transformar o presente;	01
- Que nada mudou ainda, estamos lutando pelos nossos direitos;	01
- Podemos usar o exemplo das várias independências ao longo dos anos para nos libertarmos da opressão;	01
- Os estudos históricos analisam o passado mas também podem analisar o presente e isso pode influenciar o futuro;	01
- Ela compara passado e presente e nos faz perceber as mudanças;	01
- Nos ensina a lutar por nossos direitos, pois nos mostra que há possibilidade de mudar a realidade;	01
- O fato das coisas ocorrerem num ritmo lento nos dá oportunidade de pensar e tentar mudar nossa realidade;	01
- A música e a história me permitem imaginar a transformação da realidade;	01
- Por mostrar pessoas com bastante determinação de mudança que nos dá forças para lutarmos independente da situação;	01
- A história relata algo que já aconteceu, que acontece e que pode acontecer;	01
- A ideia de mudança na História é notória porque ela nunca é a mesma coisa;	01
- Os fatos que já aconteceram podem mudar o pensamento de uma pessoa, fazendo com que ela modifique a realidade ao seu redor;	01
- O estudo da História pode mostrar as mudanças nas sociedades e com isso podemos lutar e construir uma sociedade sem preconceitos;	01
- Mostra que mesmo que demore algo sempre acontece, então há uma possibilidade de transformação, basta continuar a tentar;	01
- O tempo passa e nós muitas vezes não percebemos;	01
- Não porque muitas vezes não pensamos na “História” e não a usamos;	01
- Com a cronologia histórica entre o passado e o presente;	01
- A História pode abrir horizontes e trazer mais pra perto a realidade pra pessoas, trazendo cultura, conhecimento e conscientizar as pessoas;	01
- Pois cada fato histórico às vezes levam anos pra acontecer por isso estamos sujeitos a mudança a cada momento;	01
- Por relatar a realidade do mundo que muitas pessoas não percebem;	01
- Eu me sinto mais consciente de poder opinar sobre minhas decisões;	01

Embora a pluralidade de depoimentos seja notável, como os dados nos mostram, é muito interessante perceber como a concepção de que a História serve para trazer ‘lições’ para o presente e para o futuro é algo enraizado na mente dos alunos. Grande parte desses alunos acha que, através dos exemplos trazidos pela disciplina, é possível aprender sobre esse passado e trazer aprendizado e experiências deste que os ajudem a se orientar no presente e transformar o futuro com esse conhecimento.

Esta forma de perceber a disciplina vai de encontro, de certa forma, à uma crítica ao modo asséptico com que certos professores tratam os conteúdos históricos em suas salas de aula, mostrando somente análises e dados, causas e consequências, numa sequência enfadonha de eventos, desumanizando acontecimentos que, muitas vezes, foram traumáticos e violentos, fazendo com que a empatia necessária à produção e, principalmente, a compreensão desse conhecimento se perca pela forma que tratamos determinados assuntos no nosso fazer cotidiano.

Analisando essa postura, Durval Muniz é taxativo:

Se ensinar é marcar, se ensinar história é produzir marcas temporais, é discutir e fazer ver as marcas que o tempo deixa em nossos corpos, em nossas vidas e nas nossas sociedades, o ensino da história deve ser capaz de expor feridas, de remexer traumas, de expor a carne sangrando, os corpos em sofrimento, os homens em comoção. Não podemos continuar produzindo gente frígida diante da dor passada, gente insensível a dor do outro, gente incapaz de se colocar no lugar e no tempo do outro, incapazes de imaginar e sentir a dor lancinante da perda de um ente amado.¹³⁰

Educar para a empatia e para a sensibilidade histórica, não apenas informar sobre o passado, permitir aos alunos, vivenciarem outros tempos, se colocarem no lugar dos outros. O Ensino de História tem que ser pensado para construir possibilidades de ler o mundo e a si próprios. E, mais que isso, tornar os estudantes conscientes de seu papel na transformação da sua própria realidade.

Uma das funções do professor de História é conceber meios e metodologias que propicie aos educandos alternativas para perceber e refletir sobre a passagem do tempo e a atuação humana no decorrer deste movimento.

Neste sentido, pensar nos usos da canção para esse fim é algo prenhe de

¹³⁰ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. Op. Cit. p. 40.

oportunidades. Ela dialoga com o entendimento e com a sensibilidade dos alunos ao mesmo tempo, permitindo uma articulação e uma capacidade de síntese sobre a percepção da passagem do tempo, sobre mudanças e permanências, sobre a própria vida destes e as vidas dos que construíram a História estudada.

Levar em consideração o conhecimento prévio dos estudantes, como já vimos, é algo de suma importância, tanto no despertar do interesse dos mesmos para o envolvimento com a produção do conhecimento escolar, como na construção de metodologias que busquem a plena realização na hora de articular elementos pedagógicos que eles possam interagir com os conceitos específicos da disciplina História.

A última pergunta do questionário buscava investigar que canções os alunos indicariam para um trabalho que, tal como a pesquisa por nós realizada, articulasse a música com noções de temporalidade para o Ensino de História. As sugestões e justificativas foram as mais diversas possíveis. Vejamos:

Tabela 15

Indique canções que retratem a passagem do tempo e diga porque escolheu essas canções:

Respostas	Número de Citações
- “Trem Bala” – Ana Vilela (Trata do presente e do futuro. Diz pra não perder tempo. Não exlicou. Não explicou. Fala que temos que aproveitar);	05
- “Nego drama” – Racionais Mc’s (retrata a vida na periferia. Não explicou. Não explicou. Não explicou);	04
- “Tempo perdido” – Legião urbana (Retrata a vida. Não explicou. Não explicou. Não explicou);	04
- “Era uma vez” – Kell Smith (trata de passagens da vida. Não explicou. Não explicou. Não explicou);	04
- “Canção do tempo” – Projota (fala de um recomeço. Não explicou);	02
- “Faroeste Cabloco” – Legião urbana (Porque narra uma vida. Não explicou);	02
- “A Flor” – Los Hermanos (Não explicou. Não explicou);	02
- “Cada tempo em seu lugar” – Gilberto Gil (Porque gosto de MPB. Retrata a vida);	02
- “Oração ao tempo” – Caetano Veloso (Não explicou);	01
- “Diário de um detento” – Racionais Mc’s (Porque relata o tempo de uma forma geral);	01
- “Na linha de frente” – 1 Kilo (Retrata como a vida é difícil pra quem vive numa periferia);	01
- “Tempo e artista” – Chico Buarque (Retrata a vida);	01

- “Eduardo e Mônica – Legião urbana (Não explicou);	01
- “Era um garoto que como eu” – Engenheiros do Hawaii (Não explicou);	01
- “1980” – Ao Cubo (Fala sobre a vida de um jovem do seu nascimento até a sua conversão);	01
- “De quem é a culpa?” – Marília Mendonça (Não explicou);	01
- “Time” – Pink Floyd (Letra filosófica que fala do tempo em constante mudança);	01
- “Pra não dizer que não falei das flores” – Geraldo Vandré (por falar da ditadura);	01
- “Céu Azul” – Charlie Brown Jr. (Mostra a mudança do ser humano);	01
- “Muleque de Vila” – Projota (pra vê se o tempo dá um pouco mais de tempo);	01
- “Eu me lembro” – Clarice Falcão (Onde um casal explica o tempo do relacionamento);	01
- “João e Maria” – Chico Buarque (porque retrata acontecimentos e detalha o tempo);	01
- “Yeshua” – Fernandinho (fala sobre esperar no tempo);	01
- “Sete vidas” – Pitty (Retratam acontecimentos e eu me identifico com ela);	01
- “Tropicália” – Caetano Veloso (Fala sobre o período da ditadura);	01
- “Índios” – Legião Urbana (Se encaixa com a atualidade);	01
- “Chefe de Quadrilha” – Cone Crew (Fala de policiais corruptos);	01
- “Epitáfio” – Titãs (Não explicou);	01
- “Filhos” – Ao Cubo (fala da separação dos pais e das dificuldades que os filhos passam);	01
- “Mesmo sem entender” – Thales Roberto (Porque devemos confiar em Deus mesmo sem entender);	01
- “Eu nasci a 10 mil anos atrás” – Raul Seixas (mostra a passagem do tempo);	01
- “Geração Coca-cola” – Legião Urbana (Não explicou);	01
- “O cachimbo da paz” – Gabriel o pensador (Fala sobre como as drogas e a violência agem até hoje);	01
- “A Minha Alma” – O Rappa (Mostra a realidade);	01
- “O rodo cotidiano” – O Rappa (Mostra a realidade);	01
- “Pregador Luo” – Ao Cubo (Me ensinou muita coisa);	01
Não citaram corretamente artista/música	25
Quantos não responderam?	09

O primeiro aspecto a se destacar nesse bloco de respostas é como eu aprendi sobre canções e artistas que nunca tinha ouvido falar. Considerar as sugestões dos

alunos é um exercício de aprendizado constante. Assim como estimulá-los a pensarem em indicações também é uma atividade muito proveitosa, já que os faz articular a própria cultura musical com o necessário para a atividade pensando no tempo. Mas requer um cuidado simples e, aqui faço um *mea culpa*, já que não o tive, pois alguns alunos não citaram corretamente artistas ou canções, o que fez com que eu, por incapacidade ou desconhecimento, não conseguisse registrar suas sugestões.

Esse é um dos cuidados que um tipo de pesquisa como esse deve ter. Deixar o mais claro possível para os alunos a forma correta de se responder a uma questão. Nós professores, muitas vezes, achamos que certos conhecimentos são dados e naturais e nos esquecemos de instruí-los sobre certos aspectos que nós consideramos triviais, mas que não são, e isso prejudica na hora de estabelecer uma comunicação direta através da escrita.

Essa é uma crítica que faço a mim, nesta pesquisa, como um todo. Tive muito cuidado em pensar teoricamente as questões, mas não tive o mesmo esmero em pensar nos problemas que poderiam ocorrer na hora da execução da proposta. Como os alunos chegando tarde ou saindo mais cedo, ou mesmo a dificuldade em responderem corretamente como ocorreu com essa última questão entre outras.

Na minha avaliação, isso não inviabilizou o trabalho, já que a investigação e a aprendizagem aconteceram, porém alguns detalhes, como já expostos, fizeram com que ela não tivesse sua máxima eficiência garantida.

Coadunar teoria e prática é mais que um ideal, se torna uma necessidade logística para qualquer pesquisa, principalmente, as que tenham a sala de aula como local e objeto de estudo. Uma vez que as diferenças entre uma turma e outra, ou mesmo dentro de uma mesma turma faz com que certas medidas sejam certeiras por um lado e um completo fracasso pelo outro.

Utilizar a música como fonte e ferramenta histórica se mostrou um campo vasto de possibilidades de reflexão, mesmo que alguns cuidados precisem ser tomados. Tais como, uma preparação maior para o entendimento da canção como um tipo de documentação específica, dotada de uma historicidade própria e não, simplesmente, uma mera ilustração de um determinado contexto histórico entre outras são fundamentais.

Articulando essas preocupações com a discussão sobre as temporalidades, os alunos sugeriram inúmeras canções que seriam passíveis de serem analisadas em sala de aula com essa finalidade, permitindo-nos concluir que este trabalho não se encerra somente com as duas canções usadas, mas aponta para uma série de possibilidades numa

empreitada como essa.

Suas explicações sobre o porquê dessas canções nos dão bem a compreensão do quanto esse objeto pode ser uma ferramenta pedagógica transformadora no contexto da sala de aula. Falas como: “Retrata o tempo”, “Retrata a vida”, “Mostra a realidade”, “Fala do tempo em constante mudança”, dão a nós a dimensão de como a canção e seus usos podem fazê-los refletir sobre o tempo, suas vivências e atuarem na construção do conhecimento histórico na sala de aula de uma forma lúdica e muito mais eficiente e prazerosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Esta pesquisa foi pensada e elaborada procurando articular minhas inquietações pessoais e profissionais com a realidade muitas vezes cansativa e embrutecedora da sala de aula. Ser professor, no Brasil, atualmente, é uma luta diária contra o descaso das políticas públicas, que enxergam a educação como um gasto dispendioso e não como um investimento. A desvalorização profissional, que nos obriga a trabalhar exaustivamente em várias escolas, sem refletir, para poder sobreviver e a falta de estímulos e suporte para o desenvolvimento da nossa profissão como ela exige e merece.

Poder estudar, refletir e desenvolver uma metodologia que levasse em conta as subjetividades e conhecimentos prévios dos alunos era uma conquista que almejava e que pude realizar com este mestrado. A escolha da canção como suporte e meio para este fim se mostrou uma escolha muito acertada. Investigar os limites, possibilidades e usos para a canção no ensino de História era uma prerrogativa importante deste trabalho. Seria fundamental para articular na sequência didática que me propunha criar e aplicar junto aos meus alunos.

Sobre o tema da música e da canção, pude perceber a importância do mesmo na construção da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, me aprofundando na produção teórica e nas reflexões dos pensadores da relação desta com o Ensino de História. Usando estes referenciais para pensar e readaptar a minha prática docente ao que de mais refinado se produzia sobre esta questão.

Confirmei o que já desconfiava nas minhas observações e no meu senso comum. Que a música pode ser um instrumento de muita importância e que pode ser pensada e concebida de diversas formas e nos mais variados usos, desde que se tenha o devido cuidado teórico e metodológico no momento de sua aplicação junto aos alunos.

Para a História, a canção aparece como fonte privilegiada e objeto de estudo de forma relativamente recente, nos permitindo conhecer e esclarecer muitas coisas que se supunham perdidas na memória coletiva, desde que se atente para os parâmetros metodológicos que ela requere no seu trato pelo pesquisador no momento do seu estabelecimento como fonte histórica. São elas: “a linguagem da canção, a visão de mundo que ela incorpora e traduz, e, finalmente, a perspectiva social e histórica que ela revela e constrói”.¹³¹

No contexto do ensino de História, a canção continua exigindo um cuidado

¹³¹ MORAES, José Geraldo Vinci de. Op. Cit. p. 217-218.

metodológico especial, mas agora pensado no ambiente da sala de aula, não apenas como fonte histórica, mas como instrumento pedagógico, refletido na possibilidade da produção do conhecimento histórico escolar e na interação com professores e alunos. Sempre levando em conta a forma como estes sujeitos se relacionam com a mesma e que tipo de reação produzem com este contato.

Neste tocante, há diferenças na forma como este objeto é encarado no seu uso, ou melhor, se é entendido na sua totalidade ou apenas em partes. Alguns estudos defendem o uso das letras das canções como possibilidade de aproximação destas com a construção da compreensão histórica pelos alunos.¹³²

Outros estudos a percebem de forma mais ampla e integrada, levando em consideração não só a dimensão poética das canções, mas seu lado musical atuando em conjunto na construção do seu sentido próprio. Definindo não só o objeto em si, mas o concebendo com a produção, com aspectos visuais extramusicais, mercado fonográfico, recepção e consumo. Ou seja, entendendo a canção, ao mesmo tempo, como obra de arte e produto cultural, passível de ser consumido e principalmente de ser ressignificado pela audiência.

Dada a especificidade de sua linguagem, ela acaba exigindo uma reflexão acurada para sua utilização no contexto da sala de aula. Embora, em muitos casos, ela seja usada apenas como mera ilustração dos conteúdos trabalhados pelos professores no seu cotidiano, sem maiores cuidados ou consequências. Uma nítida pobreza de seu uso e um desconhecimento de sua potencialidade como ferramenta pedagógica e como mediação no processo de ensino aprendizagem.

Sobre sua característica de documento mediador, a canção deve atuar em uníssono com o professor, que é o responsável por realizar essa interlocução entre as fontes e o conhecimento histórico produzido pelos alunos. Percebemos, na nossa pesquisa, a importância de priorizar um tratamento metodológico que caracterizasse a canção como fonte histórica específica, junto aos estudantes, mostrando a necessidade e de uma interpretação e um cuidado diferente das fontes tradicionais textuais.

O documento canção requer um olhar que propicie concebê-lo como uma alternativa prática para fugir de uma ideia tradicional de História, linear e cronológica, demonstrando que ele é um objeto com uma historicidade peculiar, permitindo um entendimento no qual o aluno perceba que a História é feita de continuidades e rupturas,

¹³² Ver ABUD, Kátia Maria. Op. Cit. p. 316.

ritmos e temporalidades muito próprias.¹³³

Desta forma, faz total sentido pensar o uso da canção para refletir sobre o Ensino de História e para discutirmos noções de temporalidades em nossas salas de aula. Já que a música auxilia na orientação temporal da subjetividade humana, pois o passado passa a ser articulado de forma mais natural, como estado de coisas, com as orientações presentes no agir contemporâneo de quem a percebe, assim como as determinações de sentido em relação aos conteúdos desenvolvidos em sala de aula.¹³⁴

Um pressuposto assumido logo de início na nossa pesquisa era que o aluno aprende melhor a partir de seus conhecimentos prévios, ou seja, é preciso articular o que o aluno já sabe, com os conceitos e conteúdos trazidos pelo professor para a construção de um conhecimento verdadeiramente significativo.

Uma vez que o conhecimento histórico produzido na escola deve levar a uma desnaturalização da vida e do cotidiano destes jovens. Tendo em vista que é justamente nesse cotidiano que se encontram suas vivências, sensações e sentimentos. Valorizar esta cultura cotidiana é uma dos meios de buscar inserir estes alunos e torná-los conscientes de seu papel no mundo e na história da humanidade.¹³⁵

Desenvolver uma metodologia que valorizasse os conhecimentos dos estudantes e investigasse a forma como estes constroem sua significação sobre a História e o tempo era um imperativo. A canção auxiliou muito nesse sentido. Revelando suas subjetividades e permitindo uma constatação e uma reflexão sobre como esses alunos se entendem, como enxergam o passado, se posicionam no presente e que expectativas nutrem sobre o futuro.

Para tal, mostrou-se necessário definir a canção como uma ferramenta indispensável para a mediação na construção deste conhecimento nas aulas de história, articulando o chamado conhecimento científico em história, sem desconsiderar aquilo que o aluno já possuía previamente, percebendo essa didatização como algo dinâmico, que pode ser construída e requerendo do aluno uma postura ativa nessa elaboração. Para que isto ocorresse era de suma importância a atuação do professor no estabelecimento desta relação e na definição dos parâmetros necessários para que este conhecimento fosse construído efetivamente em sala de aula.¹³⁶

¹³³ Ver XAVIER, Érica da Silva. Op. Cit. p. 1107.

¹³⁴ Ver DUARTE, Milton Joeri Fernandes. Op. Cit. p. 118.

¹³⁵ Ver SOARES, Olavo Pereira. Op. Cit. p. 96.

¹³⁶ Ver ZAMARIAN, Julho. Op. Cit. p. 63.

Alguns percalços e erros aconteceram nesta construção, como já foram expostos e analisados, mas estes não impediram que o experimento fosse realizado e que se obtivesse sucesso nos objetivos propostos. O que nos serviu de aprendizado para futuras execuções da proposta em outros contextos e outras oportunidades.

Sobre a temporalidade, percebemos que a forma como esta foi tratada pelos professores, anteriormente a esta proposta, com estes alunos, foi insuficiente ou muitas das vezes inexistente, como eles mesmos nos apontaram. O que nos revelou certa imprecisão conceitual por parte dos alunos no reconhecimento da temporalidade específica do fazer histórico.

No entanto, a possibilidade de ouvir as canções sugeridas e refletir sobre as próprias vivências, sobre a história e em diferentes formas de perceber as mais distintas temporalidades através desta proposta foi uma maneira produtiva de tratar de um assunto tão abstrato, tão complexo e tão escamoteado dentro das discussões e conteúdos programáticos, como constatamos nesta pesquisa.

Identificar, pensar e relacionar noções como duração, ritmo, simultaneidade, sucessão, mudanças e permanências, nos dão bem a dimensão da potencialidade desta proposta e dos parâmetros que devem ser desejados pelo professor de História no estabelecimento da mesma. Ou como bem definiu Durval Muniz de Albuquerque Junior:

Tudo o que o professor de história não deve aspirar é ser anacrônico, mas sim a ser ucrônico, ou seja, capaz de criar relatos temporais, narrativas atravessadas pela imaginação sobre outros tempos, alimentando não a adesão e o aprisionamento conservador a uma dada imagem do tempo, mas abrindo a possibilidade dos alunos pensarem outras formas para o tempo, presente e futuro. A aula de história deve ser um espaço de abertura para a simulação e vivência, para a experimentação e a degustação de outros tempos idos e possíveis.¹³⁷

Ter como norte a busca por esta experimentação de outras temporalidades, tal como a do cotidiano do presidiário ou bem como a do trabalhador e sua esposa imersos nas cadeias de produção permitiu proporcionar aos meus alunos vivências onde eles pudessem relacionar com suas próprias e simulando e refletindo sobre o seu próprio lugar no mundo e sobre o seu posicionamento como agentes transformadores da História.

¹³⁷ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. Op. Cit. p. 29.

Se uma das funções primordiais do Ensino de História é torná-los conscientes desta condição, creio que esta pesquisa logrou êxito ao demonstrar que mesmo com todas as dificuldades enfrentadas pelo ensino público no nosso país e, principalmente, no nosso Estado, que tanto desvaloriza a educação e a atuação dos profissionais do magistério, é possível sim, nadar contra corrente e produzir uma educação de qualidade, que seja transformadora e auxilie os alunos a realizar uma leitura de mundo coerente, humana e que os leve a agir com mais empatia e respeito para com os outros.

Anexo A – Letras utilizadas com os alunos em sala de aula:

Diário de um Detento – Racionais Mc's:

“São Paulo, dia 1º de outubro de 1992, 8h da manhã/ Aqui estou, mais um dia/ Sob o olhar sanguinário do vigia/Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK/Metalhadora alemã ou de Israel/ Estraçalha ladrão que nem papel/ Na muralha, em pé, mais um cidadão José/ Servindo o Estado, um PM bom/ Passa fome, metido a Charles Bronson/ Ele sabe o que eu desejo/ Sabe o que eu penso/ O dia tá chuvoso. O clima tá tenso/ Vários tentaram fugir, eu também quero/ Mas de um a cem, a minha chance é zero/ Será que Deus ouviu minha oração?/ Será que o juiz aceitou a apelação?/ Mando um recado lá pro meu irmão/ Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão/ Ele ainda tá com aquela mina/ Pode crer, moleque é gente fina/ Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá/ Tanto faz, os dias são iguais/ Acendo um cigarro, e vejo o dia passar/ Mato o tempo pra ele não me matar/ Homem é homem, mulher é mulher/Estuprador é diferente, né?/ Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés/ E sangra até morrer na rua 10/Cada detento uma mãe, uma crença/ Cada crime uma sentença/ Cada sentença um motivo, uma história de lágrima/ sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio/ sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo/ Misture bem essa química/ Pronto: eis um novo detento/ Lamentos no corredor, na cela, no pátio/Ao redor do campo, em todos os cantos/ Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã/ Aqui não tem santo/ Rátatátá preciso evitar/ Que um safado faça minha mãe chorar/ Minha palavra de honra me protege/ pra viver no país das calças bege/ Tic, tac, ainda é 9h40/ O relógio da cadeia anda em câmera lenta/ Ratatatá, mais um metrô vai passar/ Com gente de bem, apressada, católica/ Lendo jornal, satisfeita, hipócrita/ Com raiva por dentro, a caminho do Centro/ Olhando pra cá, curiosos, é lógico/ Não, não é não, não é o zoológico/ Minha vida não tem tanto valor/ Quanto seu celular, seu computador/ Hoje, tá difícil, não saiu o sol/ Hoje não tem visita, não tem futebol/ Alguns companheiros têm a mente mais fraca/ Não suportam o tédio, arruma quiaca/ Graças a Deus e à Virgem Maria/ Faltam só um ano, três meses e uns dias/ Tem uma cela lá em cima fechada/ Desde terça-feira ninguém abre pra nada/ Só o cheiro de morte e Pinho Sol/ Um preso se enforcou com o lençol/ Qual que foi? Quem sabe? Não conta/ Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta/ Nada deixa um homem mais doente/ Que o abandono dos parentes/ Aí moleque, me diz: então, cê qué o quê?/ A vaga tá lá esperando você/ Pega todos seus artigos importados/ Seu currículo no crime e limpa o rabo/ A vida bandida é sem futuro/ Sua cara fica branca desse lado do muro/ Já ouviu falar de Lúcifer?/ Que veio do Inferno com moral/ Um dia no Carandiru, não ele é só mais um/ Comendo rango azedo com pneumonia/ Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'April, Parelheiros/ Mogi, Jardim Brasil, Bela Vista, Jardim Ângela/ Heliópolis, Itapevi, Paraisópolis/ Ladrão sangue bom tem moral na quebrada/Mas pro Estado é só um número, mais nada/ Nove pavilhões, sete mil homens/ Que custam trezentos reais por mês, cada/ Na última visita, o neguinho veio aí/ Trouxe

umas frutas, Marlboro, Free/ Ligou que um pilantra lá da área voltou/ Com Kadett vermelho, placa de Salvador/ Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa/ Com uma nove milímetros embaixo da blusa/ Brown: "Aí neguinho, vem cá, e os manos onde é que tá?/ Lembra desse cururu que tentou me matar?"/ Blue: "Aquele puta ganso, pilantra corno manso/ Ficava muito doido e deixava a mina só/ A mina era virgem e ainda era menor/ Agora faz chupeta em troca de pó!"/ Brown: "Esses papos me incomoda/ Se eu tô na rua é foda"/ Blue: "É, o mundo roda, ele pode vir pra cá."/ Brown: "Não, já, já, meu processo tá aí/ Eu quero mudar, eu quero sair/ Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum/ E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um."/ Amanheceu com sol, dois de outubro/ Tudo funcionando, limpeza, jumbo/ De madrugada eu senti um calafrio/ Não era do vento, não era do frio/ Acertos de conta tem quase todo dia/ Tem outro logo mais, eu sabia/ Lealdade é o que todo preso tenta/ Conseguir a paz, de forma violenta/ Se um salafrário sacanear alguém/ leva ponto na cara igual Frankenstein/ Fumaça na janela, tem fogo na cela/ Fudeu, foi além, se pã!, tem refém/ Na maioria, se deixou envolver/ Por uns cinco ou seis que não têm nada a perder/ Dois ladrões considerados passaram a discutir/ Mas não imaginavam o que estaria por vir/ Traficantes, homicidas, estelionatários Uma maioria de moleque primário/ Era a brecha que o sistema queria/ Avise o IML, chegou o grande dia/ Depende do sim ou não de um só homem/ Que prefere ser neutro pelo telefone/ Ratatatá, caviar e champanhe/ Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe!/ Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo/ Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio!/ O ser humano é descartável no Brasil/ Como modess usado ou bombril/ Cadeia? Guarda o que o sistema não quis/ Esconde o que a novela não diz/ Ratatatá! sangue jorra como água/ Do ouvido, da boca e nariz/ O Senhor é meu pastor/ Perdoe o que seu filho fez/ Morreu de bruços no salmo 23/ sem padre, sem repórter/ sem arma, sem socorro/ Vai pegar HIV na boca do cachorro/ Cadáveres no poço, no pátio interno/ Adolf Hitler sorri no inferno!/ O Robocop do governo é frio, não sente pena/ Só ódio e ri como a hiena/ Ratatatá, Fleury e sua gangue/ vão nadar numa piscina de sangue/ Mas quem vai acreditar no meu depoimento?/ Dia 3 de outubro, diário de um detento" (Racionais Mc's. Sobrevivendo no Inferno. 1997, Cosa Nostra, 12 faixas. Faixa 07).

Cotidiano – Chico Buarque de Hollanda

“Todo dia ela faz tudo sempre igual/ Me sacode às seis horas da manhã/ Me sorri um sorriso pontual/ E me beija com a boca de hortelã/ Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar/ E essas coisas que diz toda mulher/ Diz que está me esperando pro jantar/ E me beija com a boca de café/ Todo dia eu só penso em poder parar/ Meio dia eu só penso em dizer não/ Depois penso na vida pra levar/ E me calo com a boca de feijão/ Seis da tarde como era de se esperar/ Ela pega e me espera no portão/ Diz que está muito louca pra beijar/ E me beija com a boca de paixão/ Toda noite ela diz pra eu não me afastar/ Meia-noite ela jura eterno amor/ E me aperta pra eu quase sufocar/ E me morde com a boca de pavor/ Todo dia ela faz tudo sempre igual/ Me sacode às seis horas da manhã/ Me sorri um sorriso pontual/ E me beija com a boca de hortelã”.

(Chico Buarque de Hollanda. Construção. 1971, Phonogram/Phillips, 10 faixas. Faixa 02).

Anexo B – Questionário utilizado com as turmas:

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CIEP BRIZOLÃO 156 – DOUTOR ALBERT SABIN**

NOME: _____ **Nº** _____ **TURMA:** : _____
PROFESSOR: Rodrigo

Questionário avaliativo de pesquisa

- 1) Que meios você utiliza para ouvir música? Qual a importância da música em sua vida?
- 2) Quais são seus gêneros musicais preferidos?
- 3) De que maneira você acha que a música pode ser utilizada na sala de aula de História?
- 4) Como seus professores de História trabalharam o ensino do tempo com você? O que você entende por tempo histórico?
- 5) Como você relaciona passado, presente e futuro? Como você enxerga o passado? Qual a influência dele no seu presente? Quais suas expectativas para o futuro?
- 6) Sobre as canções ouvidas, aponte como as melodias e o ritmo podem expressar a passagem do tempo. Através da sua percepção é possível estabelecer relação dessas com o conteúdo das letras:
- 7) De que maneira os personagens narradores das duas canções retratam o tempo (presente, passado e futuro)? Justifique sua resposta usando trechos das canções:
- 8) Identifique, através da percepção da passagem do tempo, as mudanças e permanências que acontecem nos eventos narrados nas canções:
- 9) Procure relacionar o tempo percebido nas canções com a sua percepção de tempo e o tempo histórico:
- 10) Apesar de, muitas vezes, as mudanças ocorrerem num ritmo muito lento, explique de que forma o estudo da História pode te tornar consciente da possibilidade de transformação da realidade:
- 11) Indique canções que retratem a passagem do tempo e diga porque escolheu essas canções:

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Kátia Maria. Registro e Representação do Cotidiano: A música Popular na Aula de História. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 25, nº 67, set/dez. 2005, p. 309-317.

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. Regimes de Historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de História, IN: GABRIEL, C.T.; MONTEIRO, A.M.; MARTINS M. B. **Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História**. Rio de Janeiro, Mauad X, p.21-42, 2016.

AMARAL, Maria Cecília; D'EUGÊNIO, Napolitano Marcos. Linguagem e canção: uma proposta para o ensino de História. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, nº 13, v. 7, set. 86/fev. 87, p. 177-188.

ANDRÉ, Marli. Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em Educação. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v.1, nº. 1, set. 2007, p. 119-131.

AZAMBUJA, Luciano. Canção Ensino e Aprendizagem Histórica. **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p.31-56, 2017.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRAGA, Luiz Otávio R. C. **A Invenção da Música Popular Brasileira: de 1930 ao Final do Estado Novo**. Rio de Janeiro, 2002. Tese(Doutorado em História) – PPGHIS, UFRJ, RJ, 2002.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. São Paulo: Editorial Presença, 1990.

CAINELLI, Marlene Rosa. Os saberes docentes de futuros professores de História: a especificidade do conceito tempo. **Curriculo sem Fonteiras**. v.8, n.2, p.134-147, jul-dez, 2008.

CALISSI, Luciana. **A Música Popular Brasileira nos Livros Didáticos de História. (Décadas de 1980-1990)**. Recife, 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFPE, 2003.

CARVALHO, José Jorge de. **Transformações da sensibilidade musical contemporânea**. Série Antropológica (266). UnB, Brasília: 1999.

CHERVEL, André. A História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. IN: **Teoria & Educação**. Porto Alegre, nº. 2, 1990.

CONTIER, Arnaldo Daraya. Música no Brasil: História e Interdisciplinaridade algumas interpretações (1926-80). **Anais do XVIº Simpósio da ANPUH**. São Paulo: Ed. InFour / CNPQ, 1991.

CUNHA, Maria de Fátima da. Cantando o Brasil pós-64. **Revista do laboratório do Ensino de História**, Londrina, EdUEL, n° 2, 1996.

DEL BEN, L.; HENTSCHKE, L. Educação musical escolar: uma investigação a partir das concepções e ações de três professoras de música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 7, 2002.

DUARTE, Milton Joeri Fernandes. **A música e a construção do conhecimento histórico em sala de aula**. São Paulo, 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, USP, 2011.

_____. Representação, memória e consciência histórica através da música. **Revista Temporalidades**, v. 4, p. 251- 274, 2012.

DUQUE, Luís Guilherme Ritta. Na trilha sonora da História: a canção brasileira como recurso didático-pedagógico na sala de aula. **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p.295-314, 2017.

GABRIEL, Carmen Teresa. Que passados e futuros circulam nas escolas de nosso presente?. In: GONÇALVES M. A.; ROCHA, H.; RESNIK, Luis; MONTEIRO,A.M.. (Org.). **Qual o valor da história hoje?**. Rio de Janeiro: FGV, p. 215-240, 2012.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção como usar na sala de aula).

HARTOG, François. **Regimes de historicidade. Presentismo e experiência do tempo**. Trad. Andréa Souza de Menezes [et al.]. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HERMETO, Miriam. **Canção popular brasileira e ensino de história: palavras, sons e tantos sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro. Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. **Estratos do tempo: estudos sobre História**. Tradução Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

LIMA, Carlos Eduardo de Freitas. História por Música: aplicações de um projeto de música popular e ensino de história. **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p.216-236, 2017.

LOPES, Antonia Osima. Aula Expositiva: Superando o Tradicional. In: Antonia Osima Lopes. (Org.). **Técnicas do Ensino: Por Que Não?**. 16ed.Campinas: Editora Papirus, 1991, v.1 , p. 35-48.

MAIA JÚNIOR, Edmílson Alves. Relato de Viagem: o livro Apologia da História e o uso de canções no ensino de disciplinas da Área de Teoria e Metodologia em História.

Revista História Hoje, vol. 6, nº11, p.118-141, 2017.

MARTINS, Bruno Viveiros. Decantando a República: um encontro entre o historiador e o compositor popular. **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p.57-77, 2017.

MELLO, Ricardo Marques de. As três durações de Braudel no Ensino de História: proposta de atividade. **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p.237-254, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odélia. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Caderno Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

_____. O desafio da pesquisa. In: MINAYO, M.C.S.(Org.) **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MIRANDA, Sônia Regina. Aprender e ensinar o tempo histórico em tempos de incertezas: reflexões e desafios para o professor de história. In: GONÇALVES et al. (orgs). **Qual o valor da história hoje?**. Rio de Janeiro: FGV, p. 241-262, 2012.

_____. Temporalidades e cotidiano escolar em redes de significações: desafios didáticos na tarefa de educar para a compreensão do tempo. **Revista História Hoje**, v. 2, nº. 4, 2013.

MONTEIRO, Ana Maria F. C., **Professores de história: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, vol. 20, nº 30. Dossiê: Brasil, Brasis, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música: História cultural da música popular brasileira**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2001.

_____. “**Seguindo a canção**”: Engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969). São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2001.

_____. Hoje preciso refletir um pouco: ser social e tempo histórico na obra de Chico Buarque de Hollanda – (1971/1978). In: **História**, SP, (22) 1: 2003.

PARANHOS, Adalberto. Rasuras da história: samba, trabalho e Estado Novo no ensino de História. **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p.07-30, 2017.

PENNA, Fernando de Araújo. **Negociando a distância entre passado, presente e futuro em sala de aula: a relação entre o tempo histórico e a aprendizagem significativa no ensino de história**. Projeto de Pesquisa–UFF. Rio de Janeiro, 2014.

PROST, Antoine. Os tempos da História. In: **Doze lições sobre a História**. Tradução Guilherme J. de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

ROZA, Luciano Magela. **Entre sons e silêncios: apropriações da música no livro**

didático no ensino de história afro-brasileira. Belo Horizonte, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMG, 2009.

_____. O canto de Clara: possibilidades de ensino-aprendizagem da história afro-brasileira. **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p.100-117, 2017.

SCALDAFERRI, Dilma Célia Mallard. Concepções de tempo e ensino de História. **História & Ensino**, Londrina: Vol. 14, p. 53-70, ago, 2008.

SILVA, Adriano da. **Tempo e temporalidade no Ensino e na Aprendizagem da História: um desafio a enfrentar.** Rio de Janeiro - RJ, 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História), ProfHistória, UFRJ, 2016.

SOARES, Olavo Pereira. A música nas aulas de História: o debate teórico sobre as metodologias de ensino. . **Revista História Hoje**, vol. 6, nº11, p.78-99, 2017.

TURINI, Leide Divina Alvarenga. **O tempo histórico na pesquisa sobre o ensino de História: Um balanço historiográfico.** Campinas - SP, 2006. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campina UNICAMP. Campinas, SP, 2006.

XAVIER, Érica da Silva. O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico: a canção como mediador. **Revista Antíteses**, vol. 3, nº 6, jul.-dez. de 2010. p. 1097-1112.

_____. **A Canção como mediação nos livros didáticos de História na coleção História e Vida Integrada de Nelson e Claudino Pilleti (1991 A 2007).** Londrina-PR, 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Mestrado em História Social, UEL, 2011.

ZAMARIAN, Julho **A Canção como Mediadora Cultural no processo de produção do conhecimento histórico em sala de aula.** Londrina-PR, 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Mestrado em História Social, UEL, 2011.